

# **LULA AFFAIR: Um caso de paixão e ódio**

**DISCURSO DO LULA EM 07 ABRIL**

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/leia-a-integra-do-discurso-do-ex-presidente-lula-antes-de-se-entregar-a-pf.shtml>

<https://www.youtube.com/watch?v=J9fE3sqXdvU> – DISCURSO AO VIVO



Lula, à saída do Sindicato Metalúrgicos para se apresentar à Polícia -07 abr,2018 – Foto Fco. Proner

## **INDICE**

**O contexto**

**A paixão**

# A crítica

## Pós Lula

### O CONTEXTO

## I - Depoimentos

PESADELO

Por Ramez Maalouf

*"Os EUA foram derrotados no Vietname, no Líbano (inclusive, via Israel), no Iraque (1991), na Somália, agora na Síria. Só obtiveram vitórias sobre as superpotências de Granada e Panamá. Se isso ocorresse com qualquer outro país do mundo, estariam devastados. Seu status quo de poder global não foi alterado. O motivo pelo qual seu poder não acabou foi dólar sem lastro hegemônico mundialmente. Se Rússia e China tentarem quebrar a hegemonia do dólar, é guerra nuclear. Por isso, estamos na mais grave crise civilizatória da História. O grande dilema da nossa época é como derrotar os EUA sem colocar em risco a existência da Humanidade."*

**Não é apenas o PT, os advogados de Lula e a esquerda em geral do país que condena o processo e a prisão de Lula.**

O Jornalista Reinaldo Azevedo, ex VEJA, agora na BANDNEWS, reconhecido por suas posições contra a esquerda escreveu:

Reinaldo Azevedo: "Lula foi vítima de um tribunal de exceção"

"Se atravessamos o umbral, está decretado o fim da segurança jurídica. Restará o Direito do PowerPoint, que é a expressão gráfica e ágrafa da Teoria do Domínio da Fábula, criada para inflamar os apedeutas das redes sociais de Banânia", escreveu o colunista.

26 DE JANEIRO DE 2018, 09H18

<https://www.revistaforum.com.br/reinaldo-azevedo-lula-foi-.../>

Despacho de Moro que determina prisão de Lula: juiz deixa claro que tomou decisão porque só segue lei com a qual concorda

Por: Reinaldo Azevedo

Publicada: 06/04/2018 - 2:51

<http://www3.redetv.uol.com.br/.../leia-despacho-de-moro-que-.../>

**Leiam abaixo o despacho de Sérgio Moro que determina a prisão do ex-presidente Lula. Para ele, recurso que ainda estava á disposição de Lula constituiria “patologia protelatória que deveria ser banida do direito”.**

### **As palavras e o uso que fazemos delas**

[Alexandre Ribondi](#)

*Na TV Globo e na Globonews, todos os comentarista, todos os repórteres que estivessem nos estúdios, nas ruas e nos helicópteros, referiam-se ao Lula como "ex-presidente Lula". Quando não estavam atentos, abriam a boca pra dizer apenas o nome, tropeçavam na própria língua mas imediatamente se corrigiam. Ficou bastante evidente que houve uma circular interna instruindo os jornalistas da casa, numa postura de mostrar um respeito inócuo e fingidor, para que a emissora se mostrasse isenta de qualquer postura contrária ao político.*

*A TV Globo e na Globonews, no primeiro dia em volta do sindicato do ABC, referiam-se às pessoas acumuladas à porta do sindicato e nas manifestações País afora como 'militantes'. Somente no segundo dia, passaram a também usar a palavra "apoiadores", "simpatizantes". A palavra "militante" tinha razão de ser. Um dos comentaristas da emissora chegou a dizer que votariam no sucessor do líder petista apenas os militantes e "aquela parcela da população que recebeu algum benefício com o governo de Lula". Tentava-se diminuir ou desvalorizar o apoio popular.*

*Pablo Ortellado via [Luiz Barradas](#)*

*Eu não sei como reagir a tudo isso. Talvez eu devesse apenas me calar e observar com atenção esse momento histórico. Mas tem um lado meu que quer dar um abraço apertado nos muitos amigos que estão sofrendo com a prisão do Lula. E tem um outro lado que está muito assustado com o culto à personalidade e o fanatismo acrítico em torno da figura do Lula, assustado quase na mesma medida em que estou assustado com a ascensão da extrema direita mais autoritária que está dirigindo o movimento anticorrupção.*

*A essas alturas somos muito poucos os que sobram, guardando distância dos polos que dividiram os brasileiros que se interessam por política. É extremamente característico do momento em que vivemos que qualquer posição independente seja chamada de "isenta", como se fosse uma "não posição".*

*Num momento como esse, não tem nada mais difícil, social e politicamente, do que tomar posições independentes que, apenas porque contêm poréns, são tratadas pelos dois lados como se fossem posições inimigas, ainda mais perigosas porque podem contaminar e desorganizar as fileiras.*

*Não basta condenar o impeachment como um oportunismo irresponsável, tem que chamar de golpe e traçar o paralelo com 1964; não basta considerar abusivos certos procedimentos da Lava Jato, tem que tratar como se fossem um mero expediente para perseguir o PT; não basta reconhecer ganhos sociais no governo Lula, tem que considerá-lo um verdadeiro herói da classe trabalhadora e o que foi feito no seu governo como o horizonte do que é possível fazer.*

*Do outro lado, não basta reconhecer a boa fé e o interesse público de combater a corrupção, tem que demonizar a esquerda e considerá-la como o mais importante bastião da corrupção; não basta dar as boas vindas ao liberalismo econômico, que agora tem voz política articulada e vai contribuir para o debate político, tem que considerar o Estado de bem estar uma quimera bolivariana e um abrigo para corruptos; não basta reconhecer que o movimento anticorrupção conseguiu estabelecer um diálogo com as pessoas "comuns", que normalmente não se interessam por política, tem que tolerar que ele dê espaço para neofascistas, preconceituosos e outros tipos de*

monstros.

*E, no meio do Fla X Flu, no qual desaparecem os matizes e as combinações das posições independentes, também desaparecem os novos processos cuja importância e possibilidade de sobrevivência são soterrados pela guerra política: os estudantes que há muito pouco tempo ocuparam as suas escolas para salvá-las, a periferia que luta contra a morte dos seus filhos e pelo fim da guerra às drogas e todas as outras muitas plantas que querem brotar, mas que a sombra das árvores mais antigas não deixa florescer*

Clarisse Ilgenfritz - Fortaleza, CE .

*Ontem na nossa passeata, nós, esquerda derrotada, íamos felizes, caminhando, dançando, repetindo os gritos de guerra na maior paz. gritando/cantando alto "pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem tem medo de formiga não assanha o formigueiro". numa batida de côco, samba de roda, um ritmo bem lindo. ou bradando: "a verdade é dura! a globo apoiou a ditadura – e ainda apoia!" com os punhos levantados, homens e mulheres, jovens e idosos. crianças! vi dois cachorrinhos filhotes de amigos. vi tantos amigos ontem, foi tão especial e importante estar com vocês! daí teve aquela hora que passamos pela frente do hospital geral, e aquela passeata de não sei quantas mil pessoas passa a caminhar em silêncio. respeito, ora mais, foi isso o que aprendemos em casa. foi tão emocionante que eu gravei um áudio. um áudio do silêncio respeitoso na manifestação. nós, da dita esquerda-caviar na maioria, chiquérrimos e felizes, damas-e-cavalheiríssimos desfilando ali, no coração da aldeota, entre toda aquela classe média mérdia que se acha mas que não tá nem vendo. nós, expurgando com classe o nosso horror a esta luta entre classes, os ardilosos golpistas que estão vendendo nosso país em partes, petróleo, energia, água, aviões, comunicação, floresta, tudo. nós, que agora estamos à mercê destes entreguistas viralatas, chupadores dos ovos dos americanos e lambedores de botas dos militares, estes nojentos que compraram o judiciário e a mídia e conseguiram através de um juizeco de quinta categoria até prender o lula. mas não vão nos parar. ao contrário, eles idiotas conseguiram foi nos unir ainda mais, conseguiram o que várias reuniões nos partidos e nos comitês não conseguiam há eras, eles conseguiram unir as esquerdas! pois bem, agora pisaram no formigueiro. e temos toda sorte de formigas. tem as formigonas tontas como eu, que só sabem agir no campo das palavras, de jeito raso e virtual. tem aquelas formigas pretinhas, miudas, que andam sempre em grupo e entendem mais do que todos os seres vivos do planeta terra deste papo de ação coletiva, sabe? estas são foda, pense num formigueiro unido. e tem as formigas vermelhas mesmo, umas brabas, essas é melhor não atijar mesmo. mas chega, tá bom de falar em formiga. quero voltar a falar de ontem, da nossa passeata esquerdopata. de quando chegamos no final do percurso, em frente à afiliada cearense da grande rede globo golpista. eu acho que no calor da hora eu até queria que quebrassem algo, não eu, covarde que sou, mas os jovens mais aguerridos, mas acho que no fundo eu queria algum barulho maior, porque a raiva que tenho engasgada é grande. mas ainda bem que nossos jovens, muito mais maduros do que essa senhourinha sem juízo, fizeram algo mais inteligente: uma enxovalhada com tinta, uma interferência artística. somos um luxo mesmo: usamos de arte, de amor, de companheirismo contra estes bandidos. a força, no momento, está com eles. perdemos a batalha, não a guerra, e me orgulho de estar do lado certo da história. mas já já chega o momento da verdade. e aí é a urna que vai bombar.*

*(como disse um amigo, isso do lula nos braços do povo até o último instante e dos reacinhas comemorando num puteiro de luxo, literalmente, é semiótica pura. nosso país não é mesmo para amadores. vai ver é por isso que eu não consigo deixar de amá-lo.)*

**Não é apenas o PT , os advogados de Lula e a esquerda em geral do país que condena o processo e a prisão de Lula**

## **Reinaldo Azevedo: “Lula foi vítima de um tribunal de exceção”**

“Se atravessamos o umbral, está decretado o fim da segurança jurídica. Restará o Direito do PowerPoint, que é a expressão gráfica e ágrafa da Teoria do Domínio da Fábula, criada para inflamar os apedeutas das redes sociais de Banânia”, escreveu o colunista.

26 DE JANEIRO DE 2018, 09H18

<https://www.revistaforum.com.br/reinaldo-azevedo-lula-foi-vitima-de-um-tribunal-de-excecao/>

**Por: Reinaldo Azevedo**

**Publicada: 06/04/2018 - 2:51**

<http://www3.redetv.uol.com.br/blog/reinaldo/leia-despacho-de-moro-que-determina-prisao-de-lula-juiz-deixa-claro-que-tomou-decisao-porque-nao-concorda-com-dispositivo-legal/>

Leiam abaixo o despacho de Sérgio Moro que determina a prisão do ex-presidente Lula. Para ele, recurso que ainda estava á disposição de Lula constituiria “patologia protelatória que deveria ser banida do direito”.



**Poder Judiciário**  
**JUSTIÇA FEDERAL**  
**Seção Judiciária do Paraná**  
**13ª Vara Federal de Curitiba**

Av. Anita Garibaldi, 888, 2º andar - Bairro: Cabral - CEP: 80540-400 - Fone: (41) 3210-1001 - www.jfcpa.br - Email: pjcbl33a@jfcpa.br

**AÇÃO PENAL Nº 5046512-94.2016.4.04.7000/PR**

**AUTOR:** PETROBRAS BRASILEIRO S A PETROBRAS

**AUTOR:** MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

**RÉU:** AGENOR FRANKLIN MAGALHÃES MEDEIROS

**RÉU:** JOSÉ ADELMIRO PINHEIRO FILHO

**RÉU:** PAULO ROBERTO VALENTE GORDILHO

**RÉU:** ROBERTO MOREIRA FERREIRA

**RÉU:** LUIZ INACIO LULA DA SILVA

**RÉU:** TAIBO HORI YONAMINE

**RÉU:** MARISA LETICIA LULA DA SILVA

**RÉU:** PAULO TARCISO OKAMOTTO

**DESPACHO/DECISÃO**

Na presente ação penal proposta pelo MPF, foi prolatada sentença condenatória contra Luiz Inácio Lula da Silva, Agenor Franklin Magalhães Medeiros e José Adelmário Pinheiro Filho, por crimes de corrupção e lavagem de dinheiro (evento 948).

Houve apelação ao Egrégio Tribunal Regional Federal da 4ª Região e que, em sessão de 24/01/2018, por unanimidade dos votos dos eminentes Desembargadores Federais João Pedro Gebran Neto, Leandro Paulsen e Victor Luiz dos Santos Lais, manteve as condenações, alterando as penas da seguinte forma (eventos 71, 89, 90, 101 e 102):

a) Luiz Inácio Lula da Silva, doze anos e um mês de reclusão, em regime inicial fechado, e duzentos e oitenta dias multa;

b) José Adelmário Pinheiro Filho, três anos, seis meses e vinte dias de reclusão, em regime inicial semiaberto, e setenta-dias multa; e

c) Agenor Franklin Magalhães Medeiros, um ano, dez meses e sete dias de reclusão, em regime aberto, e quarenta e três dias multa.

Da ementa do acórdão, consta ordem para execução das penas após o acórdão condenatório:

*"Em observância ao quanto decidido pelo Plenário do Supremo Tribunal Federal no Habeas Corpus nº 126.292/30! são logo decorridos os prazos para interposição de recursos dotados de efeito suspensivo, cujos julgados, em origem, deverão ser oficiados à origem para dar início à execução das penas."*

Foram interpostos embargos de declaração pela Defesa de Luiz Inácio Lula da Silva, pela Defesa de José Adelmário Pinheiro Filho e pela Defesa de Paulo Okamoto.

5046512-94.2016.4.04.7000

700004719973\_V9



**Poder Judiciário  
JUSTIÇA FEDERAL  
Seção Judiciária do Paraná  
13ª Vara Federal de Curitiba**

O Egrégio Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em sessão de 26/03/2018, negou, por unanimidade, provimento aos embargos (eventos 155 e 156).

Foram interpostos recursos especiais e extraordinários pela Defesa de Agenor Franklin Magalhães Medeiros (eventos 136 e 137), mas que não têm efeito suspensivo.

Não cabem mais recursos com efeitos suspensivos junto ao Egrégio Tribunal Regional Federal da 4ª Região. Não houve divergência a ensejar infringentes. Hipotéticos embargos de declaração de embargos de declaração constituem apenas uma patologia processual e que deveria ser eliminado do mundo jurídico. De qualquer modo, embargos de declaração não alteram julgados, com o que as condenações não são passíveis de alteração na segunda instância.

Recebida, na presente data, do Egrégio Tribunal Regional da 4ª Região, ofício dos eminentes julgadores determinando a execução da pena (evento 171):

*"Tendo em vista o julgamento, em 24 de janeiro de 2018, de Apelação Criminal n.º 5046312-94.2016.4.04.7000, bem como, em 26 de março de 2018, dos embargos declaratórios opostos contra o respectivo acórdão, sem a atribuição de qualquer efeito modificativo, reman condenados ao cumprimento de penas privativas de liberdade os réus José Adelmário Pinheiro Filho, Agenor Franklin Magalhães Medeiros e Luiz Inácio Lula da Silva.*

*Desse modo e considerando o esgotamento dessa instância recursal - forte no descumprimento de embargos infringentes de acórdão unânime - deve ser dada cumprimento à determinação de execução da pena, devidamente fundamentada e decidida nos itens 7 e 9.22 do voto condutor do Desembargador Relator da apelação, 10 do voto do Desembargador Restor e 7 do voto do Desembargador Vogal.*

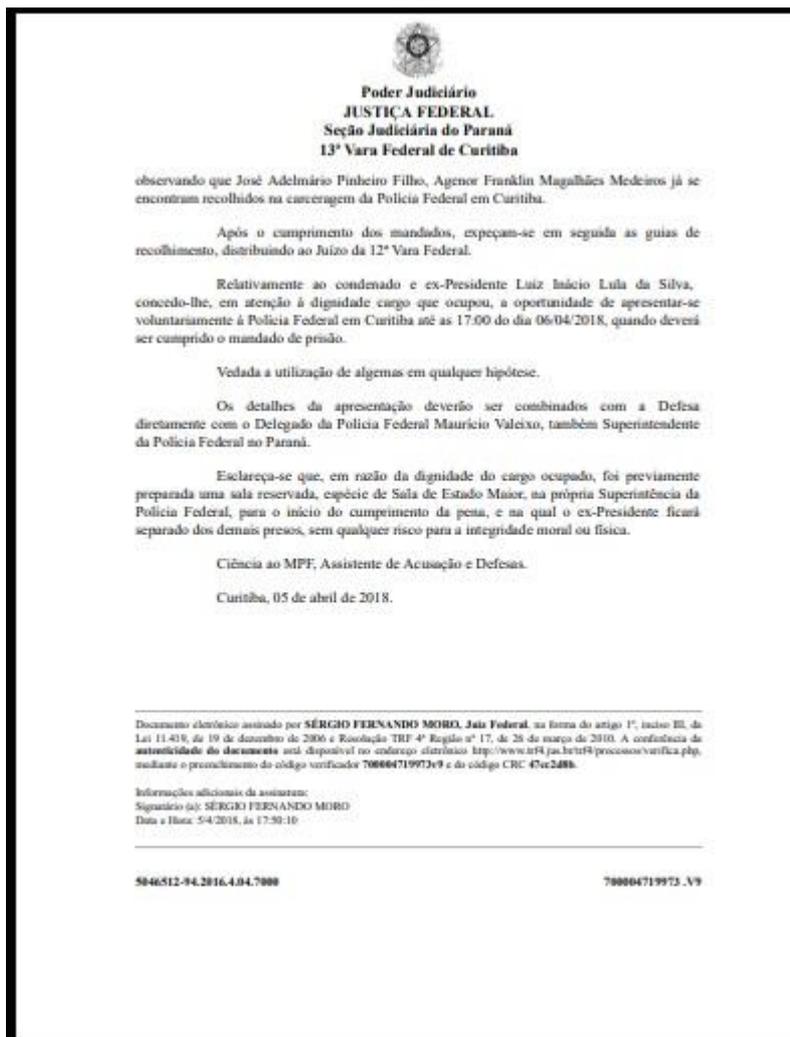
*Destaca que, contra tal determinação, foram impetrados Habeas Corpus perante o Superior Tribunal de Justiça e perante o Supremo Tribunal Federal, sendo que foram denegados os pedidos por unanimidade e por maioria, respectivamente, não havendo qualquer óbice à adoção das providências necessárias para a execução."*

**Deve este Juízo cumprir** o determinado pela Egrégia Corte de Apelação quanto à prisão para execução das penas.

Registre-se somente, por oportuno, que a ordem de prisão para execução das penas está conforme o precedente inaugurado pelo Plenário do Egrégio Supremo Tribunal Federal, no HC 126.292, de 17/02/2016 (Rel. Min. Teori Zavascki), está conforme a decisão unânime da Colenda 5ª Turma do Egrégio Superior Tribunal de Justiça no HC 434.766, de 06/03/2008 (Rel. Min. Felix Fischer) e está conforme a decisão por maioria do Egrégio Plenário do Supremo Tribunal Federal no HC 152.752, de 04/04/2018 (Rel. Min. Edson Fachin).

**Expeçam-se**, portanto, como determinado ou autorizado por todas essas Cortes de Justiça, inclusive a Suprema, os mandados de prisão para execução das penas contra José Adelmário Pinheiro Filho, Agenor Franklin Magalhães Medeiros e Luiz Inácio Lula da Silva.

Encaminhem-se os mandados à autoridade policial para cumprimento,



## **Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila: Um atentado à democracia**

*Lula foi condenado sem provas, e seu julgamento em segunda instância foi acelerado só para inviabilizar sua candidatura*

*Ato de encerramento da caravana do ex-presidente Lula em Curitiba, em 28 de março, ao lado de Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila - Marlene Bergamo - 28.mar.18/Folhapress*

*Os tempos em que vivemos representam o maior ataque à democracia desde o fim da ditadura militar. O golpe parlamentar que colocou Temer no poder, a execução de Marielle Franco e Anderson Gomes e a ofensiva contra Lula, do atentado a sua caravana à absurda e ilegal decisão de prendê-lo, exigem unidade da esquerda pela defesa da democracia e contra a escalada de violência fascista no país.*

*Como pré-candidatos à Presidência, temos clareza de que diferenças programáticas para as eleições não impedem nossa unidade como reação ao momento sombrio atual.*

*A face mais visível da luta democrática no país é a defesa irrestrita da liberdade do ex-presidente e, para além disso, do seu direito de ser candidato nas eleições presidenciais deste ano. Lula é a maior liderança social do Brasil. Tirá-lo do jogo político é um visível casuísmo eleitoral. Essa luta não é apenas daqueles que concordam com as posições de Lula e do PT.*

*O alcance da ofensiva é muito mais amplo. Enganam-se aqueles que pensam que eles sejam os únicos alvos dessa prisão. Isso faz parte de um ataque contra o campo progressista e os direitos sociais. Não começou com Lula e não terminará com ele.*

*[A decisão apequenada do Supremo](#) de legitimar até aqui uma medida inconstitucional, como é a prisão em segunda instância antes do trânsito em julgado, ameaça a presunção de inocência e o direito à ampla defesa de todo cidadão. Sem falar em mais uma [ilegalidade do juiz Sergio Moro](#) ao expedir um mandado de prisão antes de se esgotarem todos os recursos.*

*Lula não está acima da lei. Nem ele, nem nenhum de nós. Nem mesmo os juízes que o condenaram e os ministros que negaram o fiel cumprimento da Carta. Mas ele tampouco está abaixo da lei. Foi condenado sem provas; seu julgamento em segunda instância foi acelerado só para inviabilizar sua candidatura, buscando resolver as eleições no tapetão do Judiciário.*

*A chicana procedimental da [ministra Cármen Lúcia](#) negou-lhe o justo direito de recorrer em liberdade. A prisão tenta calar sua voz, enfraquecer as esquerdas e perpetuar o golpe de 2016.*

*É um escárnio ter um mandado de prisão contra Lula sem que haja nenhuma prova que o comprometa, ao mesmo tempo em que Temer foi flagrado em gravações nada republicanas no porão do Palácio e seu assessor direto foi filmado correndo com malas de dinheiro nas calçadas de São Paulo.*

*Ou ainda Aécio Neves, que teve seu pedido escandaloso de dinheiro a Joesley Batista ouvido por todos os brasileiros, chegando a insinuar a morte de um possível delator de seus crimes. Temer segue no Planalto e Aécio, no Senado. De um lado, provas sem punição; do outro, punição sem provas.*

*Defendemos que casos de corrupção devem ser investigados e punidos, mas é preciso tomar cuidado com o discurso que se vale do pretense combate para destruir adversários políticos. Quando juízes se portam como chefes de partido, não se pode falar em justiça.*

*Se queremos combater a corrupção, temos que levantar a bandeira de uma profunda reforma política, afastando o poder público da influência do poder econômico e aproximando o povo das decisões.*

*Do contrário, trata-se tão somente de alimentar o sentimento de desesperança nas saídas políticas de uma maneira perigosa, abrindo assim as portas para*

*soluções de cunho fascista sem nenhum compromisso com a democracia e as liberdades constitucionais.*

*É urgente a construção de uma unidade democrática contra a prisão arbitrária de Lula, a escalada da intolerância política e a garantia de eleições livres. Nessa mesa devem ter assento aqueles que, ante a barbárie, põem-se ao lado da democracia.*

*A defesa da liberdade de Lula é um divisor de águas nessa batalha. Não deixaremos as ruas e a luta. Para além das eleições, é o futuro do Brasil que está em jogo. Enfrentaremos as injustiças, de toga ou de farda. Lula livre!*

*Guilherme Boulos*

Coordenador nacional do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), é pré-candidato à Presidência da República pelo PSOL  
*Manuela D'Ávila*

Deputada estadual pelo PCdoB no Rio Grande do Sul, é pré-candidata do partido à Presidência da República

*"O que se viu no Brasil nos últimos quatro anos – desde quando a crise econômica mundial se agravou durante o Governo de Dilma Rousseff, dando sinal para a guerra aberta que vimos em seu segundo mandato – não foi apenas um ataque de parte da sociedade ao Lula, mas algo que visou degradar toda a esquerda ao atacar sua imagem. Estamos vivendo um estado de guerra total em que há uma política de ódio paranoica muito primitiva em que o alvo é a esquerda democrática contemporânea. Não à toa, do nada, foi reinventado um anticomunismo delirante. Há uma massiva metafísica do mal, muito violenta, um desejo gnóstico negativo, que permite o desprezo total pelo inimigo imaginado que, no caso, é Lula, representando toda a esquerda. Foi assim que a direita brasileira, em um estado de paixão que, entre outras coisas, produziu toneladas de mentiras infundáveis em redes sociais, alcançou um grau de intolerância elevado. Ele é amado demais, e odiado demais também. Torna-se a obsessão de todos. E mesmo sendo um imenso democrata, como Lula é, será odiado. O sacrifício de Lula é social, realizado por grandes conflitos simbólicos de classe. O poder instituído não pode tolerar um homem que sozinho tenha tanto poder pessoal, carismático". –*

*Ab'Saber - El país.*

## **II ANALISES**

### **Carta aos leitores**

**Paulo Timm - Especial para A FOLHA, Torres – março 23**

Minhas caras leitoras e leitores deste fértil Vale do Mampituda que corre ao contrário da grande bacia do Rio Uruguai e tem na sua foz a pérola das praias riograndenses: Nossa Torres. Um ponto luminoso nesta parte empobrecida e quase esquecida nos rigorosos invernos do Rio Grande.

Escrevo de novo, deste meu canto literário, para falar sobre a conjuntura nacional. A situação se agrava e penso, cada vez mais, nesta advertência de Machado de Assis, que dei, outrora, como título de uma de minhas inúmeras coletâneas -

- “Aí vindes outras vez inquietas nuvens”

<http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Tim/111121045719Artigos%201986%202001.pdf> :

Inconscientemente, errei ao grafar isto, coloquei “funestas” nuvens. Pois assim me parece. Um cenário de mal a pior, sob tensão entre os Três Poderes da República, com pugilato verbal ,ao vivo, entre membros da Suprema Corte, coroado por uma comoção ímpar no país com a execução da Vereadora Marielle Franco, num cenário de violência urbana sem precedentes do Rio de Janeiro, acrescido pela iminente prisão de um ex Presidente de grande prestígio popular e internacional. Cresce fora do Brasil a proposta de um Nobel da Paz para ele: Luiz Inácio Lula da Silva. Eu, honestamente, preferiria, antes, um Nobel de Economia post mortem para o grande brasileiro que foi Celso Furtado. Mas o maior defensor desta ideia, com alguma envergadura, Teotônio dos Santos, autor de obra vasta no campo das Ciências Sociais, faleceu recentemente, deixando-me órfão nesta luta.

Volto às nuvens e à Política, caros conterrâneos: Elas se parecem. Vão e vêm. Enfeitam e assustam. Refletem e defletem. E provocam tempestades destruidoras. Porém, segundo uma já velha lição do grande pintor holandês do século XVII, Vermeer, presente no filme de sua obra prima “A moça do brinco de pérolas”, as nuvens têm múltiplas cores. A Política também. No Brasil ela aparece sob o manto protetor de 28 Partidos que disputam, antes dos votos, o botim de cerca de R\$ 1 bi do Fundo Partidário, generosamente distribuído à título de suporte da horizontalidade da democracia representativa. Profundidade: Jamais. Me pergunto se há no arco das ideologias que informam programas de Políticas Públicas tantas quanto os Partidos existentes... (?) Já ouvi muita gente dizendo: “Pequenos Partidos, Grandes Negócios”, numa paródia ao programa da Rede Globo sobre pequenas empresas. Esperemos a corrida presidencial para ver isso melhor e definir nossas preferências.

Enquanto tal, correm os dias carregados de bÍlis num outono exemplar fulminando, um a um, os (supostos) protagonistas da crise. Primeiro, a Presidente Dilma Rousseff, a quem se atribuía, mais do que as “pedaladas fiscais”, a incapacidade governativa, segundo reconheceu o próprio Fernando Henrique Cardoso em entrevista recente. Foi deposta. Depois, foi a vez do então Presidente da Câmara, Deputado Fernando Cunha, hoje mourejando na masmorra da Lava Jato. O Presidente Temer, quase vai pelo ralo. Salvou-o,

como dizia um antigo reclame publicitário nos bondes de Porto Alegre, o famoso “Rhum Creosotado”, regamente pago com as gordas verbas de Emendas Parlamentares aos fiéis deputados. Dinheiro público. E chegamos na Hora e Vez do Presidente Lula, já condenado a 12 anos pelo TRF4 e , como ele mesmo disse, em São Borja, em meio a antagônicas e fortes manifestações, pró e contra sua presença: “Preparado para ser preso”. Nesse meio tempo, emergiram no noticiário, ora como algozes, ora como salvadores da pátria, os juizes deste insidioso processo: Joaquim Barbosa, Presidente do STF ao tempo do julgamento do Mensalão e Sérgio Moro, Juiz da Lava Jato. No turbilhão das crises, dizia Jefferson, um dos Pais da Pátria americana, é que surgem os grandes líderes. Será...?

Nesta semana viveremos grandes emoções. O Supremo terá resolvido o pedido de Habeas Corpus preventivo de Lula- não sem grandes pressões de todos e por todos os lados - , enquanto aqui em Porto Alegre, o TRF-4 esgota o último recurso da defesa de Lula quanto à sua condenação. Serão dias tensos. Aos mais velhos recomendo serenidade e aos jovens muita atenção. Daqui a 30 ou 50 anos lembrar-se-ão destes tormentosos dias. Não obstante, sempre digo o seguinte: Um país que teve Portinari, Anita Malfatti, Osvaldo Aranha, Clara Nunes, Luiz Melodia, Gonzagão e Gonzaguinha, Niemeyer, Vinicius de Moraes, Drummond, Guimarães Rosa, Mestre Suassuma e Lupicínio Rodrigues, e outros incontáveis gênios das artes e das ciências não pode ser abandonado. Gostemos ou não, o Brasil deu certo no século XX, crescendo a uma média de 6,5% ao ano entre 1930 e 1980. Antes disso, Rio e São Paulo impressionavam os visitantes estrangeiros pela intensidade do progresso e da vida. Podemos e devemos retomar nosso destino, senão de grande potência, de uma grande e virtuosa democracia.

### **JUDICIALIZAÇÃO: O GRANDE EQUÍVOCO**

Paulo Timm – Especial para A FOLHA, março 05

**“Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”.**

Capítulo I dos Direitos e Deveres individuais e coletivos da Constituição Brasileira de 1988 - o LVIII - em vigor

<http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/130428054723JUDICIALIZACAO - Coletanea.pdf>

\*

O país não parou no último dia 04, mas concentrou-se na sessão do Supremo que deliberou sobre o Habeas Corpus do Ex Presidente Lula, afinal rejeitado pelo estreito escore de 6x5, com o voto de desempate da Presidente da Corte, Ministra Carmen Lucia. Com isso, chegamos ao cúmulo da chamada judicialização da política, ou seja, a definição dos rumos da vida pública através de deliberações judiciais. Também ali ficou patente a polarização do país, com duas alas organizadas, uma contra outra a favor do referido Habeas Corpus, reflexo da grande divisão ideológica em que estamos envolvidos, esquerda versus direita, ou, o que é pior, lulistas e anti-lulistas, a qual já produziu no cenário eleitoral um fantasma chamado Bolsonaro. Enquanto isso, o Congresso Nacional permanece apático, como a moça feia na janela vendo a banda passar. Qual o problema deste processo?

Em primeiro lugar, restringindo-se a discussão sobre o tema em pauta – Presunção de Inocência –, na forma em que está inscrita, como princípio e não como regra, como sustentou corretamente o Ministro Barroso - <http://odiarionacional.org/2018/04/04/esse-nao-e-o-pais-que- quero-deixar-para-os-meus-filhos-um-paraiso-de-homicidas-estupradores-e-corruptos-diz-barroso/> , em um feliz dia de ativismo judicial, continua em suspenso. A letra imperativa da Constituição que trata do assunto continua lá, no mesmo lugar, alimentada por uma histórica jurisprudência, suspensa por um solução limitante mal digerido do STF em 2016, quando impôs o trânsito em julgado às segundas instâncias. No mesmo Tribunal já se encontram propostas para rediscutir o assunto, lembradas pelo Ministro Marco Aurélio - <https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/349899/Marco-Aur%C3%A9lio-escancara-manobra-de-C%C3%A1rmen-L%C3%BAcia.htm> , tudo indicando que, com o voto, agora, dos Ministros Gilmar Mendes e Rosa Weber, tudo voltará como dantes no quartel de Abrantes: A reconversão do princípio da Presunção de Inocência em regra, mais dia menos dia – e isso poderá ocorrer quando o Ministro Toffoli vier a assumir a Presidência do STF, reabrirá as portas de algumas prisões permitindo aos sentenciados em segunda instância que prossigam na sua peregrinação até que as delongas processuais os absolvam , graças ao instituto da prescrição. Guardem, portanto, os que celebram a decisão de ontem sobre o HC de Lula, enaltecendo o belo discurso punitivista do Ministro iluminado, suas energias, de forma a retomá-las em copioso pranto no próximo capítulo desta novela. Ou seja, se nestes dias Lula pode ser preso, ele e tantos outros condenados pela LAVAJATO , assim como centenas ou milhares de outros sentenciados sob o crivo da segunda instâncias estarão novamente em liberdade, ainda que provisória.. A Justiça, enfim, não reformará o sistema político nacional. Cabe à Política fazê-lo, através da Política, nunca através das armas ou das Varas.

Aqui, portanto, a segunda observação, esta de mérito: O que é a Política e a quem compete sua condução?

Desde os antigos gregos, sabe-se que a Política é o reno da opinião, ou doxa, como eles diziam. Por isso eles enviavam seus filhos à escola para que aprendessem as técnicas da argumentação – retórica- e da expressão – oratória. O cidadão, reunido na Praça Pública, deveria ser capaz de formar opinião para participar das discussões sobre os assuntos atinentes à vida da cidade, a Polis, daí o nome Política, como síntese da democracia. Neste processo escolhiam, também, diretamente, aqueles que deveriam levar a cabo as decisões coletivas com o cuidado de excluí-los, condenando-os ao ostracismo, em caso de desvios.

O mundo moderno, com suas instituições e complexidade, perdeu um pouco desta origem. A Política, como gestão do Estado desmembra a função de representação, a cargo dos parlamentos, da função de administração, a cargo do Poder Executivo, destinando ao Judiciário a função arbitral. Com o relevo absolutista do Executivo, sobretudo em regime presidencialista, porém, duas coisas acontecem: 1. Os parlamentos decaem em importância e se socorrem do Judiciário para enfrentar o Leviatã, transformando-o em player estratégico da Política; 2. A cidadania, distante, chamada cada vez mais a se manifestar sobre a coisa pública tem cada vez menos condições de compreender a complexidade de sua trama e passa a acreditar na solução tecnocrática como fórmula de Governo. Resultado: O desmerecimento da própria Política como sinônimo da democracia. Todos anseiam por um Governo técnico e por juízes rigorosos, sem se dar conta de que isso nos distancia do auto-controle sobre nossos destinos. Melhor fora que pensássemos no caminho inverso: fortalecimento do polo subjetivo da democracia, educando-o para a cidadania, abertura dos canais de informação para a formação de uma consciência verdadeiramente democrática na opinião pública e fortalecimento das instituições propriamente políticas para a reorganização do Estado.

Por último, a confirmação do exposto no espetáculo de ontem: Um Congresso inerte, desmobilizado e incompetente assina sua falência, quando deveria, por iniciativa legislativa e forte presença no cenário político impor-se como força legítima de solução do contencioso da Presunção de Inocência. Bastaria uma Emenda à Constituição votada em regime de urgência.

Tristes Trópicos...

### **Do Juremir Machado da Silva:**

"1) Como o Brasil explicará ao mundo, se Lula for preso, que o presidente visto por organismos internacionais como aquele que mais fez pelos pobres depois de Getúlio Vargas e de João Goulart, derrubado quanto tentou fazer mais, foi condenado sem uma prova clássica, robusta, convincente, aplicada ao longo do tempo e dos casos, enquanto Aécio Neves segue senador apesar de uma mala de provas contra ele?

2) Como o Brasil explicará ao mundo que Lula seja preso enquanto Michel Temer governa o país numa espécie de liberdade condicional – será investigado depois do fim do mandato?

3) Como o Brasil explicará ao mundo que um presidente possa governar mesmo acusado de crimes graves, mas, deixando de ser presidente, passe a ser alvo imediato da justiça? Não seria como deixar um suspeito de coisas graves administrar nossa casa até voltarmos de viagem só para que ela não fique abandonada?

4) Como o Brasil explicará ao mundo, depois de zombar de Lula por ele dizer que não sabia de nada, que Temer não sabia das malas de dinheiro de seu braço direito Geddel Vieira Lima e de seu braço esquerdo Rocha Loures?

5) Como o Brasil explicará ao mundo que o STF deixou um deputado acusado de crimes graves comandar o impeachment de uma presidente acusada de manobras contábeis, não de corrupção, e logo depois de concluído o serviço sujo afastou-o?

6) Como o Brasil explicará ao mundo que não se trata de golpe em várias fases quando o afastamento de Dilma foi feito com um pretexto jamais usado contra outros presidentes, embora praticado por eles, manobras contábeis, e a condenação de Lula foi por indícios, não por provas, enquanto normalmente haveria absolvição por insuficiência de provas?

7) Como o Brasil explicará ao mundo que o Ministério Público denunciou Lula por um motivo (o recebimento de vantagens indevidas com dinheiro dos contratos da Petrobras com a OAS), o juiz Sérgio Moro condenou-o por outro (afirmando não haver relação entre os tais contratos e o tríplex do Guarujá) e o TRF-4 aumentou a pena e confirmou a condenação não pelos motivos de Moro, mas pelos do MPF?

8



Como o Brasil explicará ao mundo que Sérgio Moro, juiz natural dos casos envolvendo a Petrobras na Lava Jato, continuou juiz competente no caso do tríplex de Lula depois de declarar que não existia relação entre a Petrobras e o tríplex atribuído a Lula?

9) Como o Brasil explicará ao mundo que o tucano Eduardo Azeredo continua livre, apesar de condenado em segunda instância há meses, aguardando julgamento de embargos, enquanto tudo o que diz respeito a Lula é acelerado em nome da prioridade do combate à corrupção?

10) Como o Brasil explicará ao mundo, se Lula for para a cadeia, que o primeiro presidente preso seja logo o que veio do povo enquanto os que vieram dos berços esplêndidos não são nem investigados?"

GAZETADOPOVO.COM.BR

### **Rosa Weber estava impedida de votar, aponta Marco Aurélio em novo Habeas Corpus que pode favorecer Lula (atualizado às 16h45) - A Protagonista**

Não foi a ONU nem o advogado poliglota de milhares de dólares a hora. Quem impetrou o Habeas Corpus que pode salvar Lula na bacia das almas chama-se Adinaldo Martins, advogado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Não é ele quem ocupa os holofotes dizendo que vai ao Conselho de Direitos Humanos...

Benedito Tadeu César

\*Rosa Weber estava impedida de votar, aponta Marco Aurélio em novo Habeas Corpus que pode favorecer Lula (atualizado às 16h45)\*

Não foi a ONU nem o advogado poliglota de milhares de dólares a hora. Quem impetrou o Habeas Corpus que pode salvar Lula na bacia das almas chama-se Adinaldo Martins, advogado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Não é ele quem ocupa os holofotes dizendo que vai ao Conselho de Direitos Humanos da ONU, mas foi ele quem descobriu que a ministra Rosa Weber consta, no sistema de distribuição do STF, como IMPEDIDA para deliberar sobre o Habeas Corpus Preventivo do ex-presidente Lula.

Ontem, no início da noite, após a decretação da prisão por Sergio Moro, o advogado Adinaldo Martins entrou com pedido de Habeas Corpus a favor de Lula por constrangimento ilegal no julgamento havido na Corte. Prestou informações aos funcionários de que a votação final deveria ser empate pois o voto da ministra Rosa Weber estaria impedido no caso.

Para tirar a dúvida, foi feito o protocolo e distribuição: o nome de quem está impedido aparece automaticamente. O advogado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC estava dizendo a verdade, Rosa Weber aparece como impedida na certidão fornecida pelo próprio STF:

### **A PRISÃO DE LULA : *Brasil prende sua obsessão nacional***

Entre as paixões exaltadas de partidários e opositores, aquele que foi o líder mais popular do país e um dos maiores do planeta acaba na prisão [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/opinion/1522999450\\_647024.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/opinion/1522999450_647024.html)

**XOSÉ HERMIDA**

São Paulo 7 ABR 2018 - 22:26 CEST



Lula, durante um ato em Curitiba em 28 de março. ERALDO PERES AP

### MAIS INFORMAÇÕES



- Provas claras ou ilação?



- MPF pediu pressa na prisão de Lula para “estancar sensação de onipotência”



- Com Lula prestes a ser preso, PT encara insólita decisão de definir candidatura à presidência
- 

Pela segunda vez em sua vida, [Luiz Inácio Lula da Silva](#) se tornará um presidiário. A primeira ocasião foi há 38 anos, quando a polícia da ditadura militar brasileira o acordou uma noite em sua casa e o levou depois que, como líder de uma greve de operários metalúrgicos da área metropolitana de São Paulo, havia posto o regime em xeque. Quase quatro décadas mais tarde, Lula voltará a ficar confinado entre grades, agora acusado de ter se aproveitado de seu cargo como presidente do país para obter benefícios pessoais.

O herói sindical, o ídolo de massas, o presidente mais popular que o Brasil teve até hoje, dentro e fora de suas fronteiras, entrará agora na prisão sob uma acusação ignominiosa: aceitar como presente um [apartamento na praia de uma construtora favorecida](#) com contratos da empresa estatal [Petrobras](#). A imagem vai muito além da de um dirigente político preso. É difícil escapar dos tópicos para defini-la: uma página nos livros de história, o final de uma época, a queda de um herói.

A primeira coisa que Lula fez depois de divulgada a ordem do juiz Sérgio Moro de sua ida imediata para a prisão foi [correr para se refugiar na sede do Sindicato dos Metalúrgicos](#) de São Bernardo do Campo, ali onde tudo começou. Protegido pelos camaradas, incentivado por centenas de fiéis, abraçado por militantes mergulhadas em lágrimas, entre as lembranças de décadas de luta operária. Quase ao mesmo tempo, as agências internacionais de notícias começaram a distribuir um álbum de fotos que resumia os anos gloriosos do outro Lula. Aí já não aparecia o aguerrido líder sindical, mas o estadista que tinha meio mundo na palma da mão. Nessas imagens resplandecia o Lula estrela das cúpulas internacionais, o líder que confraternizava tanto com George W. Bush como com [Barack Obama](#), o que arrancava sorrisos do presidente francês Jacques

Chirac, o que desatava a chorar depois da designação do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos.

Lula não só conseguiu se erigir no líder político que conseguiu os mais elevados índices de aceitação da história do Brasil –mais de 80% no final de seu mandato– como também foi um dos líderes mais unanimemente elogiados no planeta. Por onde quer que fosse, somente provocava aplausos. Entre a direita, por submeter-se à ortodoxia econômica. Entre a esquerda, por ter tirado da miséria milhões de brasileiros até então abandonados à sua sorte pelos sucessivos governantes de um dos países mais desiguais do mundo.

O Lula que volta à prisão, 38 anos depois, ainda conserva muitas coisas do ousado sindicalista capaz de arriscar tudo em plena ditadura militar. Mas agora carrega cargas muito pesadas em suas costas. Primeiro foi o [caso do Mensalão](#), a descoberta de que seu Governo se dedicava a subornar os membros do Congresso para comprar apoio político. Mais tarde, as evidências de que, sob seus mandatos, a petroleira estatal Petrobras atuava como o cofre do qual extraíam seu caixa o Partido dos Trabalhadores e seus aliados, entre os quais alguns representantes do pior da política tradicional brasileira. Por fim, as vantagens pessoais para ele e sua família: os presentes das construtoras, os negócios dos filhos, as conferências pagas por empresas a preço de ouro.

E, apesar de tudo, Lula continua sendo um herói para milhões de brasileiros. Seus partidários mais obstinados cultivam por ele uma devoção de proporções místicas, como se já não fosse um simples homem, nem sequer um dirigente político, mas a essência mesma do povo brasileiro feita de carne. O próprio Lula vinha alimentando essa ideia nos seus comícios dos últimos meses e voltou repeti-la na sua despedida deste sábado em São Bernardo: “Eu não sou mais um ser humano. Eu sou uma ideia”. Sem cair nesses devaneios, há também muitos milhões de brasileiros, os eternamente deserdados, os condenados durante gerações e gerações a viver na miséria enquanto uma pequena elite reparte entre si as imensas riquezas do país, que veem em Lula, sem mais nem menos, o único presidente que se preocupou de verdade em melhorar suas condições de vida.

A legião de seus opositores e detratores que cresceu nos últimos anos tampouco escapa dos exageros e dos delírios. Outros muitos milhões de brasileiros estão tão obcecados com a ideia de colocar Lula entre as grades que mostrar o desenho do presidente fantasiado com o traje listrado se converteu em uma espécie de fixação maníaca de todos os protestos contra ele nos últimos anos. Encarcerar Lula é como uma conquista definitiva, como enclausurar o diabo na garrafa, curar todos os males do Brasil, erradicar para sempre a corrupção que, segundo o modo de ver desse setor da população, não existia no país até que o líder do PT chegasse ao Governo. Seu ódio também alcançou níveis bíblicos, como demonstrou o agora ex-prefeito de São Paulo, o bilionário [João Dória Jr](#), em uma mensagem gravada depois de saber que o ex-presidente irá para a prisão: "esta decisão lava a alma dos bons brasileiros", proclamou. "Chegou sua hora, Lula. "O Brasil começa a respirar democracia, respirar justiça, e você, Lula, vai respirar na cadeia"

Por mais que os brasileiros estejam profundamente divididos, neste sábado haverá algo que os une: quando virem Luiz Inácio Lula da Silva entrar na prisão estarão vendo algo mais que um ex-presidente do país, algo mais que um dirigente político, algo mais que um simples homem.

#### [A PRISÃO DE LULA](#)

**A desabalada carreira de Sérgio Moro em busca de seu troféu da Lava Jato**

De vazamento de áudios ao decreto de prisão, processo do juiz de Curitiba contra petista tem momentos controversos, inclusive pela rapidez em alguns procedimentos



O juiz Sérgio Moro, durante um seminário sobre corrupção em Curitiba. HEULER ANDREY AFP

### **FELIPE BETIM**

São Paulo 6 ABR 2018 - 11:42 BRT - [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/politica/1522966312\\_016125.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/politica/1522966312_016125.html?rel=mas)

A prisão do ex-presidente [Luiz Inácio Lula da Silva](#) (PT), decretada pelo juiz federal [Sergio Moro](#) na tarde desta quinta-feira, é um clímax da [Lava Jato](#) e espécie de principal troféu para o magistrado de Curitiba que se tornou um dos símbolos da operação. Nos primeiros minutos do dia, ainda na sessão de quarta que entrou pela madrugada, o [Supremo Tribunal Federal \(STF\)](#) decidiu [negar o habeas corpus do ex-mandatário](#). Menos de 18 horas depois, Moro recebeu um ofício do Tribunal Regional Federal da 4ª Região informando que já não havia obstáculos legais para o início do cumprimento da pena do petista. O relógio marcava 17h31. Exatos 19 minutos depois, às 17h50, uma rapidez que surpreendeu a muitos, inclusive os advogados do petista, Moro emitiu a ordem de prisão.

## MAIS INFORMAÇÕES



• [AO VIVO | AO VIVO | O dia da prisão de Lula](#)



• [No dia mais envenenado do Brasil, um elefante passeia na loja de cristais](#)

---

Tudo aconteceu depois de dias em que a informação oficial fornecida pelo TRF-4 era a de que o tribunal seguiria a praxe: esperaria ao menos até a terça-feira, quando se esgotaria o prazo oficial para a entrada do último recurso da defesa de Lula. Ao que parece, os cálculos mudaram para que o relógio andasse mais rápido contra o petista. O TRF-4 emitiu a ordem e Moro justificou porque não esperou o último trâmite: o magistrado disse que se trata de "uma patologia protelatória e que deveria ser eliminada do mundo jurídico". Acrescentou ainda que "embargos de declaração não alteram julgados, com o que as condenações não são passíveis de alteração na segunda instância".

Um dos motivos para a pressa pode ser o temor de que o Supremo acabe por julgar ações que podem livrar o ex-presidente da cadeia. O ministro Marco Aurélio, que foi favorável ao *habeas corpus* do petista, tem nas mãos um pedido de liminar que cobra que o STF vete qualquer "prisão injusta" até que a mais importante corte do país julgue a questão de fundo no caso Lula: afinal, viola ou não o princípio da inocência de um réu prendê-lo antes que ele tenha tido o direito de recorrer de uma condenação? Há duas Ações Declaratórias de Constitucionalidade (ADCs) neste sentido - Marco Aurélio é o relator - que tratam da questão. E esperança do partido PEN, que as moveu, era a que o ministro do Supremo concedesse a liminar. Questionado, porém, o magistrado demoveu os mais otimistas: "Eu não posso levar em conta nesse exame a situação de um caso concreto, de Luiz Inácio Lula da Silva", disse ao jornal *Estado de S. Paulo*. Não, descarta, porém, trazer o tema a todo o

Supremo, mas só na semana que vem.

### Um processo mais rápido que a média



[Flávio Dino](#)

✓@FlavioDino

O juiz acha que um recurso é uma "patologia a ser varrida". Então resolve ele mesmo "varrer". Ocorre que ele não tem essa competência constitucional, pois ele não foi eleito membro do Congresso Nacional, nem é ministro do Supremo. [23:32 - 5 de abr de 2018](#)

Além dos lances dessa quinta-feira, o próprio histórico de Moro e do TRF-4 na Lava Jato mostram que a ação contra Lula andou mais rápido do que a média - e isso considerando que, de fato, a operação, com um juiz exclusivo na primeira instância, anda mais rápido do que boa parte dos processos na morosa Justiça brasileira. Segundo reportagem da *Folha de S. Paulo*, a tramitação do processo do petista no tribunal de Porto Alegre foi a segunda mais rápida da Lava Jato, ultrapassando outras sete ações da operação. Nos outros 8 casos em que Moro determinou a prisão de réus que respondiam ao processo em liberdade, as ordens de detenção levaram entre 18 e 30 meses para serem expedidas. No caso de Lula, foram menos de 9 meses.

A condução de Sérgio Moro também tem sido marcada por outras jogadas ousadas e rápidas - muitas delas consideradas inadequadas. No dia 4 de março de 2016, ele decretou a condução coercitiva do ex-presidente, que teve de depor no aeroporto de Congonhas. O magistrado afirmou que havia feito para garantir a segurança do petista, mas acabou incendiando o país por um dia.

Dias depois, no dia 16 daquele ano, Lula decidiu assumir o ministério da Casa Civil à convite da então presidenta Dilma Rousseff. Moro recebeu um relatório da Polícia Federal com um enorme conjunto de grampos do caso Lula e decidiu, uma hora depois, às 16h21 daquele dia, quebrar seu sigilo e liberá-los ao público. Entre os áudios estava uma conversa gravada horas antes, às 13h32, em que Dilma falava de um termo de posse que deveria ser usado pelo ex-presidente "em caso de necessidade". Era a prova que os investigadores precisavam para demonstrar que Dilma buscava proteger Lula das mãos de Moro ao nomeá-lo como ministro.

A conversa foi vazada diretamente para a *Globo News* - Moro mais uma vez incendiaria o país. Ruas foram abarrotadas por manifestantes contrários a posse do petista, que acabou não ocorrendo após a interferência direta do ministro do Supremo Gilmar Mendes. Os grampos trariam não só a conversa central, mas milhares de outros diálogos sem nexos com a investigação, como uma conversa da mulher de Lula, Marisa, com o filho. O juiz precisou dar explicações públicas e inclusive se desculpou com o então ministro do STF Teori Zavascki, que criticou a decisão. Mas, a essa altura, o estrago e seu impacto político já estavam feitos. Apesar da advertência formal do STF, Moro pediu desculpas só a Teori, [mas jamais disse ter se arrependido da decisão de divulgar os áudios](#). Pelo contrário, em recente entrevista no programa *Roda Viva*, reafirmou sua decisão: "Jamais pedi escusas."

Agora, parece usar um cálculo semelhante em sua autodeclarada cruzada contra a corrupção. Preferiu o ônus da crítica por eventual açodamento a ver o maior troféu da Lava Jato escapar entre seus dedos. Com o atual cronograma, só um lance de último minuto ou uma reviravolta que faça Lula não se entregar podem estragar a imagem estampada nos jornais: Lula detido nas celas da Polícia Federal em Curitiba. Nem que seja por alguns dias.

[A CONDENAÇÃO DE LULA EM SEGUNDA INSTÂNCIA](#)

**O revés do mito da esquerda que domina a política brasileira há 30 anos**

Para alguns, é o herói que salvou o país; para outros, levou-o ao abismo



### **TOM C. AVENDAÑO**

São Paulo 25 JAN 2018 - 13:48 BRST -  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/23/politica/1516740350\\_991474.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/23/politica/1516740350_991474.html?rel=mas)

Faz quase 30 anos que [Luiz Inácio Lula da Silva](#) (Caetés, Pernambuco, 1945) disputou pela primeira vez a presidência do Brasil, e desde então a política do país não parou de orbitar ao seu redor. É tão difícil exagerar sua influência nos destinos do maior país latino-americano, o qual liderou durante seu período de maior bonança, na década passada, como encontrar alguém que não tenha opiniões apaixonadas por sua figura. Para muitos, é alguém do povo, que conhece o trabalho nas fábricas, bebe cachaça e está farto de que a elite brasileira impeça o progresso dos mais pobres. Para outros, é uma doença que nunca acaba e que representa os piores impulsos do país: o [populismo](#) com os pés de barro como pretexto para roubar e mergulhar a vida pública brasileira no desastre.



Ex-presidente Lula durante reunião MAURO PIMENTEL AFP

Filho de um alcoólatra que somava 22 filhos entre duas famílias em duas cidades diferentes do então miserável Nordeste brasileiro, Lula deixou os estudos aos nove anos. Aos 14 começou a trabalhar como torneiro mecânico, aos 19 perdeu um dedo em um acidente. Sua primeira mulher morreu grávida daquele que deveria ser o seu primeiro filho. Foi contratado numa fábrica da Aços Villares, em São Bernardo do Campo, como trabalhador metalúrgico, mas na prática cresceu foi no sindicato do setor. Em pouco tempo estava organizando greves e cumprindo penas de prisão. Nos anos setenta, ajudou a fundar o [Partido dos Trabalhadores](#) (PT), para fazer frente à ditadura militar.

### MAIS INFORMAÇÕES

- [Lula em São Paulo: “Quem foi condenado é o povo brasileiro”](#)
- [“Existem provas circunstanciais muito fortes contra Lula”](#)
- [Provas claras ou ilação? Assim será a batalha judicial sobre Lula](#)
- [Tribunal que pode condenar Lula confirmou 54% das sentenças de Moro](#)

Em 1985, a ditadura terminou. Em 1989, Lula, que então já era deputado federal, dedicou seu carisma e sua notável popularidade à candidatura presidencial. Apelou à esquerda, aos pobres como ele, e à ideia de que o Brasil podia ocupar um lugar melhor no mundo. Perdeu para Fernando Collor, assim como perderia mais duas vezes, contra [Fernando Henrique Cardoso](#). Em 2002, ao final do segundo e último mandato do tucano, candidatou-se novamente, agora como um candidato de centro. Ganhou.

### 2002 a 2010: o sonho da esquerda

Seu primeiro mandato coincide com uma das épocas de maior prosperidade de que se tem lembrança no Brasil. Ele praticamente não mexeu na economia, que não parava de crescer, mas ampliou para uma escala gigantesca as ajudas sociais que já existiam: o [Bolsa Família](#) dava dinheiro às muitíssimas famílias brasileiras abaixo do limite da pobreza, ou pagava aos pais que vacinavam a seus filhos e os mandavam ao colégio. Trouxe 30 milhões de pessoas para cima dessa linha. Também revolucionou o mercado com a primeira linha de crédito para consumidores do país, o crédito consignado. De uma hora para outra, os operários brasileiros podiam ter uma geladeira em casa. Para um cidadão médio do Nordeste, Lula nem era um homem nem era um fenômeno. Era um deus.

Aquele foi também o mandato do mensalão, o grande escândalo de corrupção da década: soube-se que o PT estava subornando seus aliados para não os perder. Mas estes eram os anos bons de Lula, quando sua popularidade era incontestável e sua capacidade de levar o Brasil a uma grandeza proporcional ao seu tamanho era indiscutível. Em 2006, foi reeleito presidente em segundo turno. Em teoria, havia saído incólume do escândalo. Na prática, esses meses acabariam marcando-o para sempre: definiu Lula como um líder que jogava a política de sempre, a das mutretas a portas fechadas, do “rouba, mas faz”, e que não ofende o *establishment*. Também teve consequências incalculáveis para o PT, já que obrigou Lula a defenestrar os ministros José Dirceu e Antonio Palocci, as duas pessoas a quem pensava entregar o Governo quando ele esgotasse suas candidaturas. Substituiu-os por uma das militantes mais inocentes do PT, [Dilma Rousseff](#).

#### 2010 a 2018 – o dia seguinte

Lula deixou a Presidência em 2010 como um herói nacional. A economia crescia 7,5% ao ano, o poder judiciário se modernizara. O Brasil era uma nação com relevância crescente no mundo e ele exibia uma taxa de aprovação de 90%. Dilma Rousseff venceu as eleições daquele ano com folga: bastava-lhe manter tudo como estava por um mandato e, de acordo com a lei, ele já poderia se candidatar novamente. Dilma, contudo, reelegeu-se em 2014 e o país que o Brasil era em 2010 não existe mais em 2018.

A economia perdeu o rumo em 2014 e ainda não se recuperou da recessão, a qual ainda é atribuída a Lula e sua dependência em relação ao crédito. A popularidade de Rousseff também despencou, de 80% em 2010 para 7% em 2016, quando então seus inimigos políticos conseguiram tirá-la do poder com um impeachment surreal que nem eles mesmos conseguiram explicar e que ela, mais inábil do que se imaginava, não conseguiu deter. O reforçado poder judiciário começou a investigar a corrupção em toda a política brasileira e a operação daí resultante, o caso Petrobras, expôs à desesperançada população brasileira os insultantes abusos e o suborno que caracterizam o cotidiano de

Brasília. De repente, a lembrança do mensalão ganhou um novo significado. O novo apelido de Lula passou a ser Lula, Ladrão.

Também não ajudou em nada a espiral de casos judiciais delirantes em que ele esteve envolvido nos últimos dois anos. Em 4 de março de 2016, Lula foi obrigado a depor, de forma tão pública como irregular, à polícia, por determinação do juiz [Sérgio Moro](#), que o investiga dentro do caso Petrobras. Dali não saiu muita coisa em termos judiciais, mas, dez dias depois, Rousseff lhe ofereceu um cargo em seu governo agonizante: a função de ministro da Casa Civil, que impossibilitaria que ele fosse processado. O Supremo Tribunal invalidou a nomeação em 24 horas.

Nos últimos dois anos, são inúmeras as reportagens e os analistas políticos que passaram a destruir o mito Lula nos meios de comunicação. Toda vez que, no gigantesco caso Petrobras, um empresário confessa como e a quem subornava, a imprensa procura pelo nome de Lula, por mais que existam outros políticos na ativa sob acusações ainda mais graves. A procuradoria, por sua vez, começou a fazer denúncias em série contra ele. O juiz Moro acatou cinco delas: a primeira foi por causa de um apartamento no litoral supostamente comprado por uma empresa para que ele o usasse como se fosse dele.

Em 12 de julho, Moro o condenou a nove anos de prisão. Nesta quarta-feira, 24 de janeiro, soubemos que essa sentença foi ratificada, e até ampliada, em segunda instância. Assim, aprofunda-se a novela política e biográfica do velho torneiro mecânico que perdeu um dedo da mão esquerda. Depois de saber sobre a decisão judicial, Lula subiu ao palanque em São Paulo para defender o legado do PT no Governo e dizer que não teme a prisão: “Eles podem prender o Lula, mas eles não podem prender a esperança, não podem prender as ideias. E as ideias já estão na cabeça da sociedade brasileira”.

**[João Paulo da Silva](#) - Yesterday at 3:23pm · [São Carlos, SP](#) ·**

Prezados,

Espero de coração que todos aqui que tenham algum apreço por mim e respeitem minimamente meu trabalho enquanto historiador e mestre e doutorando em sociologia reservem cinco minutinhos do seu dia para ler esse

texto. Caso contrário, não percam tempo e continuem com as próprias convicções.

Relutei muito em usar esse espaço para me posicionar, justamente por estar cansado de debates e embates com quem simplesmente não busca entender algo além de suas paixões. Mas não posso me furtar em marcar uma posição pública nesse momento histórico tão perigoso. Votei em Lula em 2006 e em Dilma em 2010 e 2014. Não tanto por afinidade ideológica, afinal sempre estive mais à esquerda do projeto político do PT. Mas por reconhecer que Lula conseguiu avanços jamais vistos na História do Brasil: tirou o país do mapa da fome, ampliou o poder de consumo das classes baixas (consequentemente ampliando a classe média), ampliou consideravelmente o número de universidades públicas e o número de bolsas para pesquisa, desenvolveu regiões do país que jamais tiveram o olhar de outras gestões, entre outras tantas coisas. Se alguém se interessar pelos dados, é só me pedir. Não quis deixar o texto muito longo. Em resumo: Lula, o “comunista”, buscou implantar algo parecido com o capitalismo no Brasil. Inseriu o maior número de pessoas na lógica do sistema capitalista: trabalho, produção, ascensão social e consumo. Qualquer análise para além disso só pode ser devaneio da turba anticomunista hidrofóbica que existe no país.

Obviamente que ao optar por esse caminho, Lula buscou um pacto entre as classes. Buscou agradar latifundiários e sem terras, banqueiros e classe média, empresários e trabalhadores. Dois exemplos práticos: 1) O REUNI, que ampliou o número e o investimentos em universidades federais veio acompanhado do PROUNI e do FIES, que transferiu boas parcelas do dinheiro público para os empresários da educação em troca da ampliação do acesso ao ensino superior; 2) O “Minha Casa, Minha Vida” permitiu com que muita gente pudesse comprar um imóvel e ao mesmo tempo que aqueceu o mercado da construção civil (gerando muita renda e empregos diretos e indiretos) e enriqueceu ainda mais várias construtoras no país. Lula buscou conciliar, o que lhe valeu inúmeras críticas e abandono de quem estava mais à esquerda desse projeto. Foi um erro? No meu ponto de vista, não. Mesmo tendo uma posição ideológica, filosófica e utópica muito mais à esquerda do que o Lula, sempre enxerguei nesse tipo de governo algo mais ou menos limítrofe possível de se fazer em uma democracia dentro do sistema capitalista. Daria para ir além? Talvez. Talvez uma reforma tributária que desonerasse os mais pobres (tirando o imposto sobre o consumo) e os pequenos e médios produtores e empresários e cobrasse mais de quem tem mais. Mas pensem? Se Lula e o PT foram simplesmente descartados fazendo uma política de conciliação, imaginem o que aconteceria se ele optasse por uma política de enfrentamento. Dito isso, lendo e ouvindo inúmeros especialistas nesses últimos tempos, sejam eles juristas, sociólogos do direito e/ou jornalistas, muitos deles antipetistas e antilulistas de carteirinha (Reinaldo Azevedo, por exemplo, foi o jornalista que criou o termo Petralha), tenho absoluta certeza que Lula foi condenado sem provas. O apartamento do Guarujá, causa da condenação, que teria sido adquirido por Lula com fruto de corrupção, está penhorado para pagar dívidas da empreiteira OAS. Oras, mas o apartamento é de Lula ou da OAS? Não há provas apresentadas nesse caso. Se existem, elas não estão arroladas no processo.

Isso faz de Lula inocente? Não necessariamente. Isso quer dizer que ele foi

condenado nesse processo sem provas. Você pode até ter a certeza que ele roubou o país. Mas a nossa convicção deveria valer para justiça tanto quanto a flatulência de um equino. Em qualquer estado democrático de direito cabe ao acusador apresentar as provas para condenar o acusado. Acusar baseado em um desejo coletivo de um grupo social é algo típico de um estado de exceção. A própria contradição da ministra do STF Rosa Weber (no caso do Habeas Corpus) em dizer que vota contra a constituição para fazer valer a vontade da maioria (e, segundo alguns especialistas, se dobrando às ameaças do exército) é sinal cabal desse estado.

Eu acredito que Lula é inocente? Primeiro: aceitar as doações milionárias das empreiteiras para fazer campanha era a regra do jogo eleitoral. Era impossível disputar as eleições com chances de ganhar sem essa verba. TODOS os grandes partidos abocanharam fatias enormes dessa doação: PT, PSDB, PMDB, DEM e cia limitada (Jair Bolsonaro, inclusive). Segundo: convenhamos que um presidente não precisa de dinheiro de corrupção para comprar um apartamento no Guarujá – seria o homem que teria a inteligência para ser o chefe do maior esquema de corrupção da História do país descuidado o suficiente para aceitar um apartamento fruto de corrupção, perfeitamente possível de comprar com o seu próprio salário? Pode ser. Eu não acredito. Mas pode ser. Contas na Suíça, apartamento em Paris, mansão em Miami? Não. Um AP no Guarujá. Então Lula é inocente? Até agora provas não foram apresentadas. Portanto, segundo o estado democrático de direito que defendo, ele ainda é inocente. Assim, Lula até o momento está sendo vítima de clara perseguição política. A justiça o julgou em uma velocidade inédita. Condenou sem provas. Não permitiu que ele recorresse em liberdade até o último recurso baseado em votos que manifestadamente contrariou a constituição. Teve seu mandato de prisão expedido em tempo recorde. Mas isso tudo importa menos do que a segunda informação: ele foi condenado sem provas. Veja bem. Não estou dizendo que só ele foi preso enquanto todos os outros (Aécio, Temer, Alckmin...) estão soltos. Estou dizendo que ele foi condenado SEM PROVAS. Não estou dizendo que ele é inocente. Não estou dizendo que é culpado. Se você concorda com a prisão do Lula e chegou ao final desse texto, espero que você reflita minimamente sobre ele. Estou à disposição para dialogar, mandar textos, dados estatísticos e fontes. É só me escrever. Faço questão de respondê-los pessoalmente, na medida do possível. Caso você continue concordando com a prisão do Lula, ao menos admita que você abre mão do estado democrático de direito para encarcerar aqueles que você não gosta (ou considera culpado de alguma coisa). Só não esqueça: hoje é o Lula. Amanhã pode ser você.

EDIT-PS: Pessoas, escrevi esse texto para "consumo interno" entre as pessoas que tenho amizade e que não compactuam da mesma visão. A postagem, entretanto, ganhou dimensões inimagináveis para mim. Peço desculpas não conseguir responder todos que me enviaram comentários e/ou mensagens inbox. Não sou blogueiro, nem trabalho com internet. Jamais conseguiria dar conta de responder um terço das mensagens que recebi. Quanto aos dados que prometi, cheguei a enviar para algumas pessoas. Mas pesquisem! Recorram a trabalhos científicos sobre os temas. Cruzem dados. Usem fontes nacionais e internacionais. Jamais aceitem nenhuma visão como a única do processo (nem

a minha). Tentem entender o outro ponto de vista. É um exercício interessante de empatia. Abraços e paz!~~

**Lula:**

**El golpe solo va a terminar cuando logren que Lula no pueda ser candidato a la presidencia**

Gilberto Lopes - gclopes@racsa.co.cr

Fue su último discurso, el sábado pasado, antes de entregarse a la policía. En él, el expresidente de Brasil, ahora preso en una cárcel de la ciudad de Curitiba, trasladó la pelea jurídica al terreno político: se trata, afirmó, de evitar que pueda ser candidato en las elecciones de octubre próximo.

Todas las encuestas lo dan como amplio favorito. En segundo lugar aparece el diputado Jair Bolsonaro, un exmilitar, el más votado en Rio de Janeiro, defensor de la dictadura militar que asumió el poder en Brasil en 1964.

Lula tenía un 35% las preferencias, según una encuesta de la consultora Ibope. Lo seguían Bolsonaro, con 13% y Marina Silva, una exministra de Lula que se alió a la conservadora socialdemocracia brasileña, con 8%.

“Si los comicios fueran hoy, el candidato más polémico de la historia reciente brasileña competiría contra Lula en segunda vuelta”, afirmaba la revista Perfil.

Pero las posibilidades de que Lula pueda competir parecen reducidas. Sin Lula, Bolsonaro y Silva aparecen empatados con 15%, aunque es temprano para arriesgar pronósticos de cara a las elecciones de octubre en Brasil.

Por ahora, la campaña se desarrolla en un escenario atípico que se va transformando en práctica habitual en América Latina: maniobras parlamentarias para destituir presidentes que no cuentan con apoyo en el congreso –como ocurrió en el mismo Brasil, luego de los ensayos en Honduras y Paraguay– y la judicialización de mandatarios que encarnaron una nueva etapa en la política regional, como ocurre también en Argentina.

En Brasil se repitió con la presidente Dilma Rousseff, el año pasado, la maniobra con la que destituyeron a Mel Zelaya, en Honduras, en 2009, y a Fernando Lugo, en Paraguay, en 2012.

El intento de judicializar la política ha avanzado un paso más con el inusual caso contra el expresidente Lula, apurado en los tribunales para evitar que, con el procedimiento normal, pudiera competir en octubre.

Discurso

Ante esta realidad, Lula transformó su caso en un debate político, en un discurso que no ha dejado indiferentes ni a opositores ni a partidarios. Habló en la sede del sindicato de metalúrgicos de la ciudad de São Bernardo do Campo, en el

estado de São Paulo, donde él mismo inició su carrera como líder sindical que luego lo llevaría a la presidencia de la República.

Lula insistió en que el golpe solo terminará cuando logren evitar que sea candidato en octubre y rechazó sugerencias para buscar asilo y evitar la prisión. “No sacan nada con tratar de acabar con mis ideas. Ellas ya flotan en el aire, no hay como aprisionarlas. No sacan nada con tratar de parar mis sueños, porque cuando yo pare de soñar, soñaré en la cabeza de ustedes”, dijo Lula a los miles de manifestantes que rodeaban la sede del sindicato, intentando impedir que se entregara a la policía.

“Hace mucho tiempo soñé que era posible gobernar este países involucrando a millones y millones de personas pobres en la economía, involucrándolas en las universidades, creando millones y millones de empleos en este país.

“Yo soñé que era posible que un metalúrgico, sin título universitario, cuidara más de la educación que los universitarios que gobiernan este país”, agregó.

Lula también se refirió a las políticas adoptadas por el gobierno del presidente Michel Temer, el vicepresidente de Dilma Rousseff que asumió el cargo cuando esta fue destituida por el congreso. Se trata de una política de privatizaciones de los mayores recursos nacional, que Lula aseguró revertir en el futuro.

“No van a vender la Petrobrás”, afirmó, refiriéndose a la empresa petrolera brasileña. “Vamos a hacer una nueva constituyente, vamos a derogar la ley del petróleo que están haciendo. No vamos a permitir que vendan el Banco Nacional de Desarrollo Económico (BNDS)”, una institución que manejaba más recursos que el Banco Interamericano de Desarrollo. No vamos a permitir que destruyan el Banco do Brasil, vamos fortalecer la agricultura familiar que es responsable de 70% del alimento que comemos en Brasil, dijo Lula.

## Acusaciones

El expresidente también se refirió a los juicios a los que está sometido, acusado de corrupción, por uno de los cuales –el de haber recibido un departamento en la playa de Guarujá por parte de una concesionaria de obras públicas– fue condenado a 12 años de prisión.

“Estoy siendo procesado por un departamento que no es mío”, aseguró. Lula ha reclamado durante todo el proceso de que no hay una sola prueba que demuestre que es dueño o que ha disfrutado de ese departamento. “No los perdono por haber transmitido la idea a la sociedad de que soy un ladrón”, afirmó. Yo no estoy por encima de la justicia, dijo Lula, pero creo en una justicia que actúa con base de las pruebas. “No puedo admitir que un juez vaya a la TV para decir que el Partido de los Trabajadores (PT) es una organización criminal que nació para robar el Brasil y que Lula, por ser la figura más importante de este partido, es el jefe. Un juez que dice: yo no necesito pruebas, tengo la convicción”. “Yo no les tengo miedo”, agregó, recordando que ha sugerido al juez que lo condenó, y a los que integran el tribunal de apelación que le aumentaron la pena, a discutir el caso donde ellos quieran, para que prueben cual fue el crimen que cometió.

Lula ha sido también implacable con la gran prensa conservadora brasileña, que ha jugado un papel fundamental en la condena pública de su caso. “Ellos no se dan cuenta de que cuanto más me atacan mas crece mi relación con el pueblo brasileño”.

## Militares

La semana pasada el Supremo Tribunal Federal (STF) analizó una solicitud de habeas corpus de los abogados de Lula para evitar su prisión mientras no se resuelvan las apelaciones a las que tiene derecho. Eso podría haber permitido su candidatura en octubre, de modo que la presidente del tribunal, Carmen Lucia, también maniobró para adelantar la apreciación del caso, que se resolvió contra Lula por seis votos a cinco. Curiosamente, los votos en contra fueron, de forma mayoritaria, de jueces nombrados por la expresidente Rousseff.

La sesión del tribunal fue acompañada por el alto mando del ejército convocado expresamente para eso, luego de que su comandante, el general Eduardo Villas Boas, considerado un moderado dentro de la institución, hubiera publicado en la víspera del juicio un texto Twitter afirmando que el “ejército brasileño estima compartir el deseo de todos los ciudadanos de bien de rechazo a la impunidad”. Su texto fue apoyado por otros generales, uno de los cuales se apoyó en una cita del abogado Gustavo Barroso, un teórico del movimiento fascista brasileño del siglo pasado, la Acción Integralista Brasileña.

## El futuro

La prisión de Lula ha desatado todo tipo de especulación sobre el futuro político del país. ¿Tiro de gracia en la izquierda latinoamericana?, era el título de un artículo de la agencia francesa AFP, que citaba a diversos expertos brasileños e internacionales.

Pero no es una opinión unánime. “El discurso de Lula es, en mi opinión, perfecto. Lula se mantiene como la principal figura política brasileña, sin que nadie siquiera se le acerque”, destacó un antiguo diplomático brasileño.

La Coordinación Nacional Ejecutiva de la Comisión Pastoral de la Tierra estimó, por su parte, que con la prisión de Lula se consuma “una trama de asalto al poder” y la liquidación de la frágil democracia brasileña”.

El Consejo Federal de Economía (COFECON), institución que agrupa a más de 200 mil profesionales del área, denunció el “estado de excepción implantado en Brasil”, mientras que el analista José Luis Fiori estimó que “con esta decisión, la farsa montada por la derecha llegó a su fin”. Con la prisión de Lula, la pauta de la derecha, encabezada por el diario O Globo, “se agotó”. De ahora en adelante se van a dividir y hacerse pedazos; la libertad de Lula será el gran tema de cualquier campaña. “Se abre un nuevo tiempo”, aseguró.

**FIN**

<https://theintercept.com/2018/04/11/prisao-lula-odio-golpes/>

---

[A prisão de Lula, o ódio de classe e os golpes de](#)

[theintercept.com](http://theintercept.com)

O presidente mais popular da história do Brasil está em cana. O mais i

---

## A prisão de Lula, o ódio de classe e os golpes dentro do golpe

[Mário Magalhães](#)

11 de Abril de 2018, 5h00

**Foi assim que** aconteceu, conforme o registro taquigráfico da história.

Na noite da segunda-feira retrasada, 2 de abril, Luiz Inácio Lula da Silva estrelou um ato público na Lapa carioca. No palco do Circo Voador, [o ex-presidente discursou](#) mirando a posteridade:

*“Eles não vão prender meus pensamentos, não vão prender meus sonhos. Se não me deixarem andar, vou andar pelas pernas de vocês. Se não me deixarem falar, falarei pela boca de vocês. Se meu coração deixar de bater, ele baterá no coração de vocês”.*

*(Em sua carta-testamento, de 1954, o presidente Getúlio Vargas se dirigira aos trabalhadores: “Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo a vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação”.)*

No dia seguinte, antes de encerrar o *Jornal Nacional*, o apresentador [William Bonner leu](#) a notícia:

*“E uma última informação. Sem citar o julgamento do habeas corpus de Lula pelo Supremo amanhã, o comandante do Exército, general Villas Bôas, fez um comentário em repúdio à impunidade numa rede social. Ele escreveu: ‘Asseguro à nação que o Exército Brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à democracia, bem como se mantém atento às suas missões institucionais. Nessa situação que vive o Brasil, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do país e nas gerações futuras e quem está preocupado apenas em interesses pessoais”.*

*(Sobreveio o protocolar “boa noite”. Com a intimidação e a chantagem do senhor das armas, a noite nada teve de boa. O general mencionou impunidade, mas não os impunes torturadores e carniceiros que serviram à ditadura. Ao retuitar a mensagem golpista de Eduardo Villas Bôas, o general Cristiano Pinto Sampaio, comandante da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, [citou o “consagrado historiador Gustavo Barroso”](#). Fascistoide antisemita, o galinha-verde Barroso notabilizou-se na década de 1930 como um dos próceres da Ação Integralista Brasileira.)*

Na quarta, o empresário [Oscar Maroni reiterou](#) uma promessa: “Se o Lula for preso, até a meia-noite a cerveja é de graça”. O dono do Bahamas Hotel Club foi além: “Agora, se matarem ele, o mês todo a cerveja é de graça. Se matarem lá na cadeia”. Seus interlocutores exultaram.

*(Logo o [autoproclamado “magnata do sexo” retratou-se](#) sobre a recompensa pela morte do ex-presidente. “Ontem eu estava num boteco, enchi um pouco a cara”; “eu estava bêbado”; “eu quero que ele fique vivo, [que] ele sofra”.)*

Aos 46 minutos da quinta-feira, o Supremo Tribunal Federal concluiu o julgamento em que, por seis votos a cinco, negou habeas corpus a Lula no processo do triplicado. Apesar de o inciso 57 do artigo 5º da [Carta de 1988](#) determinar que “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”. Desprezaram a Constituição e fulminaram uma garantia individual. Falanges de direitistas extremados festejaram.

*(Pegadinha da história: a sessão do STF terminou 50 anos depois de a [ditadura proibir a Frente Ampla](#) oposicionista, em 5 de abril de 1968.)*

A pressa de Moro

Dali a horas, o presidente do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, [Carlos Eduardo Thompson Flores](#), esclareceu:

*“A defesa do ex-presidente deve interpor um novo recurso de embargo de declaração. [...] Esgotados os recursos na segunda instância, pode-se passar ao cumprimento da pena. Se forem interpostos esses novos embargos de declaração, uma vez eles sendo julgados, a partir daí o relator poderá comunicar ao juiz Sérgio Moro o cumprimento da decisão que já existe”.*

*(Repetindo: “[...] uma vez eles sendo julgados, a partir daí...”.)*

Indagado sobre prazo para julgamento de novos embargos, Thompson Flores respondeu:

*“Não há um prazo. [...] Os embargos anteriores, os primeiros embargos de declaração da defesa do ex-presidente Lula foram julgados mais ou menos em trinta dias”.*

Sem esperar um mês, nem sequer um dia, às 17h31 juízes do TRF-4 autorizaram Moro a executar a pena de Lula.

*(Isto é, 16 horas e 45 minutos após a sessão do Supremo.)*

Dezenove minutos depois, às 17h50, [Moro decretou](#) a prisão de Lula. Deu-lhe menos de 24 horas para se apresentar em Curitiba.

*(Nunca, em processo da Lava Jato, Sérgio Moro havia sido tão apressado ao decretar a prisão para cumprimento de pena de réu solto, considerando a data*

*em que ele o condenara. O juiz demora de dezoito a trinta meses. Com Lula, não esperou nem nove meses completos. Dois mil e dezoito é ano de eleição.)*

Às 19h10, [Lula chegou](#) à sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo. Milhares de militantes e simpatizantes acorreram, iniciando uma vigília.

O comício se estendeu até a madrugada da sexta-feira. Pelas duas horas, Lula acenou de uma janela.

*(O petista dormiu lá, como dormira nas greves operárias que mudaram a história do Brasil na virada dos anos 1970 para os 1980.)*

Às cinco da tarde da sexta venceu o prazo estipulado por Moro. A massa se esgoelou na contagem regressiva para o horário limite e desafiou: “Não tem arrego! Não tem arrego!”. Lula não arredou pé de sua trincheira velha de guerra. ‘Leva e não traz nunca mais!’

No sábado, uma cerimônia religiosa combinada com ato político encheu ainda mais as ruas diante do sindicato. Era 7 de abril, aniversário de nascimento de Marisa Letícia, a esposa de Lula morta no ano passado. Um grupo musical tocou, a pedido do viúvo, o samba *Deixa a vida me levar*.

Ele havia decidido se apresentar a Moro, mas os manifestantes imploravam “Não se entrega! Não se entrega!”. No palanque, Lula teve a companhia de correligionários como a ex-presidente Dilma Rousseff. Abraçou os pré-candidatos presidenciais Manuela D’Ávila, do PC do B, e Guilherme Boulos, do PSOL. Durante 55 minutos, começando pontualmente ao meio-dia, [falou para a história](#):

“Eu sou um construtor de sonhos”; “eu não sou mais um ser humano, eu sou uma ideia”; “a morte de um combatente não para a revolução”; “Quanto mais dias eles me deixarem lá [na cadeia], mais Lula vai nascer nesse país”; “os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera”.

Confrontou certo jornalismo: “O sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso. Ah, eu fico imaginando a tesão da *Veja* colocando a capa minha preso. Eu fico imaginando a tesão da Globo colocando a fotografia minha preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos”.

Ao meu lado, em frente à TV, o Daniel perguntou: “Pai, o que é orgasmo?”. Eu expliquei, e o meu filho disse que entendeu.

Lula se emociona ao se despedir e é carregado pelo povo após discurso em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, no último sábado, 7 de abril de 2018.

Foto: Christian Braga/ Coletivo Farpa

Ao descer do palco, Lula chorou ao ser carregado pela multidão em que muitos também choravam.

*(Na noite de 30 de março de 1964, o presidente constitucional João Goulart fez no Automóvel Club do Brasil seu derradeiro discurso em território brasileiro. Não é prognóstico, mas hipótese: em 7 de abril de 2018, Lula pode ter falado pela última vez em praça pública. As antologias de discursos históricos ganharam capítulo novo e dramático.)*

É outono, e não primavera no Brasil. Pelas cinco horas da tarde nublada, os manifestantes bloquearam o portão do sindicato e não deixaram que um carro transportando Lula passasse. Ele queria se entregar. O automóvel deu marcha a ré. Pouco depois das seis e meia, já na penumbra, o ex-presidente partiu a pé. O tumulto não o impediu de caminhar até um veículo da Polícia Federal.

Parou na sede paulista da PF e de lá foi de helicóptero para Congonhas, onde embarcou num avião rumo à República de Curitiba. Um áudio documentou que [uma pessoa apelou](#) ao piloto do monomotor prefixo PR-AAC: “Leva e não traz nunca mais!”. A FAB confirmou a autenticidade do diálogo, travado antes da decolagem. Não identificou o autor da frase agourenta. Pelas dez e meia, Lula entrou no prédio da Superintendência da Polícia Federal na capital paranaense. No sábado em que Lula perdeu a liberdade, uma mulher mostrou a amigas um vídeo em que o antigo torneiro mecânico consola duas militantes que choram. A mulher estava numa padaria da Aldeota, bairro bacana de Fortaleza. Uma amiga pilheriou: “Tá chorando porque agora vai ter que trabalhar. Vai acabar essa história de Bolsa Família!”. A mesa tremeu com as gargalhadas jubilosas. Um ouvido absoluto talvez percebesse ao fundo a voz gutural do “cidadão de bem” Justo Veríssimo, personagem criado por um cearense genial, Chico Anysio: “Odeio pobre!”.

O antilulismo é a forma renovada e radicalizada em teor de ódio dos senis anticomunismo e antigetulismo.

Mas as fronteiras do Brasil não se restringem à Aldeota, ao Leblon e aos Jardins. Em Caetés, cidade do agreste pernambucano onde o presidente preso nasceu, o tocador de zabumba [Antônio Francisco de Araújo disse](#) ao repórter Vinicius Torres Freire: “Voto no Lula com as duas mãos. Sou devoto de padim Ciço, de frei Damião e de Lula”.

Oscar Maroni cumpriu sua promessa. Defronte ao Bahamas, [distribuiu de graça 9.000 latas de cerveja](#). O empresário abriu dois painéis, com as [fotografias de sua heroína Cármen Lúcia e de seu herói Sérgio Moro](#).

Mais uma vez, a voz do Cazuzza zumbe nos meus tímpanos: “Transformam um país inteiro num puteiro...”.

Golpes são como coelhas

Outra página infeliz da nossa história ensinara que golpes são como coelhas: gestam um filhote atrás do outro.

As reconstituições históricas costumam reproduzir uma impropriedade sobre o Ato Institucional número 5, que em dezembro de 1968 asfixiou ainda mais as liberdades. A garantia de habeas corpus foi então suspensa “nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular”.

Descrevem o AI-5 como “o golpe dentro do golpe”. Como se um só golpe tivesse sobrevivendo ao inaugural, a deposição do presidente João Goulart em abril de 1964. A ditadura deu outros golpes, compreendidos como ruptura de regras institucionais estabelecidas.

Em julho de 1964, os novos donos do poder introduziram o segundo turno na eleição presidencial e a adiaram por um ano. Com um cambalacho: se nenhum candidato amealhasse maioria absoluta na rodada inicial, a decisão seria de deputados e senadores. A considerar o placar dos pleitos anteriores, na prática aboliram as diretas.

Em outubro de 1965, exterminaram-nas de vez. Trocaram a soberania do voto de milhões de cidadãos por um colégio eleitoral de centenas de iluminados. Fecharam os partidos políticos. Em março de 1967, a ditadura impôs nova Constituição, rasgando a de 1946. Esperou dez anos para baixar o Pacote de Abril, em 1977, quando inventou o esdrúxulo “senador biônico”, não submetido ao sufrágio popular.

O AI-5 de 1968 foi o mais violento, mas não o único golpe dentro do golpe de Estado de 1964.

Todo golpe dá crias.

País imprevisível, Justiça previsível

Não foi diferente o golpe que derrubou Dilma Rousseff em 2016. Dois anos antes, a presidente tinha sido reeleita com 54.501.118 votos. Ou 3 milhões e meio a mais do que o senador Aécio Neves. Michel Temer conduz políticas rejeitadas pela maioria dos eleitores. Uma delas foi a chamada reforma trabalhista, que acode os ricos e aflige os pobres. Privatizações marotas são outras crias do golpe que subverteu a vontade popular.

O pretexto para o impeachment de Dilma foram manobras contábeis amiúdes nos governos que a antecederam e em administrações controladas pelos maiores partidos. Só ela foi punida. O alvo era duplo: Dilma e Lula. Prenderam-

no, numa das duas derrotas supremas do ex-presidente (a outra foi a queda da sucessora). E num golpe dentro do golpe tão grande quanto o golpe de 2016.

É provável que Dilma não tivesse sido deposta se não fossem as artimanhas de Eduardo Cunha. O Supremo só o afastou da Câmara depois que o deputado arrematou o serviço sujo contra a presidente. Mais tarde, o STF mudou sua interpretação da lei: não pode mais agir como agiu com Cunha. Desse modo, livrou de apuros o tucano Aécio. O Congresso que abateu Dilma por “pedaladas” preservou Temer, a despeito da fatura de provas contra ele.

O Supremo proibiu Lula de ser ministro-chefe da Casa Civil de Dilma. Em circunstâncias parecidas, franqueou a Moreira Franco o Ministério de Temer. Sérgio Moro permitiu a divulgação de áudio ilegal de conversa entre Dilma e Lula. Ordenou a condução coercitiva e humilhante do petista, que não se recusara a depor. A esposa de Eduardo Cunha está solta. A Justiça se [negou a declarar a absolvição sumária](#) de Marisa Letícia Lula da Silva, mesmo depois de morta.

Qual foi a apelação em processo da Lava Jato que mais rápido decolou da 13ª Vara Federal de Curitiba e aterrissou no tribunal de segunda instância, em Porto Alegre? [Adivinha](#).

O Brasil é um país imprevisível. Mas a Justiça brasileira não é. Ressoa na memória a [Lei Jucá](#): “Com o Supremo, com tudo”.

O Judiciário e o Legislativo produziram contra Dilma e Lula excepcionais em série. Lula se tornou o primeiro ex-presidente preso por crime comum (corrupção passiva e lavagem de dinheiro). Quanto houve de político em sua condenação penal?

‘Carteado trapaceiro’

Não se conhece gravação de Lula orientando empresário a pagar propina para testemunha de falcatura ficar calada. Nem achacando bandido endinheirado. Ou insinuando matar quem sabe demais. Não tem amigo com mala preta de dinheiro ou dinheiro malocado em apartamento. E aliado dono de helicóptero abarrotado de cocaína.

Mas quem amarga a prisão é ele.

Movimentação policial no entorno da sede da Polícia Federal em Curitiba, onde Lula está preso, no último domingo, dia 8.

Foto: Rodrigo Felix Leal/Futura Press/Folhapres

O PT e numerosos petistas estão longe da inocência num sem-número de escândalos com dinheiro público. No eufemismo do ex-ministro Jaques Wagner,

o partido “se lambuzou”. Os petistas mantiveram e possivelmente ampliaram esquemas manejados antes pelo PSDB e outras agremiações.

Distinguiram-se ao retirar dezenas de milhões de brasileiros da miséria extrema. Ao aumentar expressivamente o salário mínimo, para desespero de economistas conservadores. Ao abrir as universidades a uma profusão de jovens pioneiros, em suas famílias, no acesso ao ensino superior.

Talvez Lula seja culpado nos outros seis processos em que é réu. Não faço ideia. No que o levou à cadeia, inexistem provas eloquentes de propriedade do imóvel e de eventual ato para beneficiar empreiteira. O caso se assemelha ao episódio em que [o ex-presidente Juscelino Kubitschek foi acusado pela ditadura de ser o proprietário](#) oculto do imóvel onde morava. Não era.

Na largada, a Lava Jato iludiu como operação destinada a combater toda e qualquer corrupção. Com o passar do tempo, evidenciou-se a seletividade dos seus alvos. Virou contendor político. Sérgio Moro confraternizou publicamente com Aécio. Não com Lula.

A sessão do STF que negou o habeas corpus que impediria o encarceramento do ex-presidente da República não escapou de excentricidades. Em vez de votar ações diretas de constitucionalidade, debatendo em tese a antecipação do cumprimento de pena, a presidente da corte pautou o caso específico de Lula \_o que sabidamente o prejudicava.

“Por ingenuidade, a ministra Cármen Lúcia nada pagará, jamais”, [comentou o jornalista Janio de Freitas](#). “Entra para a história do Direito por sua adoção de um método original, quase um truque de carteador trapaceiro, para decidir no tribunal em favor de sua opinião.”

Cassaram da eleição presidencial [o candidato preferido dos brasileiros](#), sobretudo dos mais pobres.

O presidente mais popular da história do Brasil está em cana em virtude de uma condenação sem provas acima de dúvida razoável.

O mais impopular, em palácio.

Isso é democracia?

Em destaque: Após último discurso, antes de ir até a Polícia Federal, o ex-presidente Lula é carregado de volta ao Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, no dia 7 de abril.

---

Área de anexos

Visualizar o vídeo JN NOTICIA TWITTER DO GENERAL VILLAS BOAS do YouTube



Visualizar o vídeo STORIES: OSCAR MARONI FESTEJA A PRISÃO DE LULA E MANDA RECADO PARA OS BRASILEIROS.Veja!!! do YouTube



[SILEIROS.Veja!!!](#)

### **[Psicopatizaram' o Brasil, diz psicanalista sobre onda de ódio](#)**

Publicado em: Abril 12, 2018

A psicanalista Maria Rita Kehl participa de debate durante o programa de TV Cafe Filosófico | Foto: Divulgação/Cafe Filosófico

Do [Brasil de Fato](#)

O ódio é um sentimento comum a todos os indivíduos, e também às multidões que se unem em torno de uma ideia. No entanto, em uma sociedade democrática, há mecanismos para dar vazão ao ódio de forma produtiva, criando um suporte institucional ao diálogo sobre pontos de vista em extremos distintos

da luta de classes –prática que, infelizmente, vem se perdendo no Brasil nos últimos anos, abrindo uma porta para o retorno do autoritarismo.

Essa é a análise dos psicanalistas Maria Rita Kehl e Christian Dunker, ouvidos pelo *Brasil de Fato* para comentar a escalada de intolerância que tem transformado a arena política em terra fértil para conflitos violentos.

“A questão não é odiar, a questão é perceber que não existe nenhuma confiança nas instituições democráticas para que haja um destino político ao seu ódio”, afirma Maria Rita. “Ou seja, se eu odeio, como odeio mesmo, sem problemas de dizer, o presidente Temer, ao mesmo tempo eu não iria, nem sozinha, nem com um grupo de gente, jogar pedra quando ele tá passando. Eu tentaria fazer todas as campanhas do mundo para que ele nunca mais fosse eleito a nada”, conclui.

Maria Rita, que faz a ressalva de que a psicanálise é uma ferramenta para encontrar as causas dos eventos presentes, e não para prever os desdobramentos do momento atual, traça um paralelo com este momento da vida política brasileira com a Alemanha dos anos 1930. “O triste nesta luta de classes é que uma parte da classe média baixa, que tá mal, que tá lutando pra pagar aluguel, coloque suas esperanças numa guinada da extrema direita. Isso aconteceu nos anos 30 na Alemanha. Uma parte dos eleitores do Hitler foi a classe média baixa que sofria com a hiperinflação e que acharam que um salvador da pátria autoritário resolveria o problema”, afirma.

“Então, sem tentar fazer previsões, mas temo que esse desencanto que a população vai sentindo, esse desencanto na própria democracia, possa levar uma parte dos brasileiros a votar por soluções autoritárias, mesmo que não seja especificamente o [deputado federal Jair] Bolsonaro”, lamenta Maria Rita.

### **Contra a conciliação**

Para os psicanalistas ouvidos pelo BdF, esse ódio radicalizado e radicalizador esteve presente no processo de impeachment da ex-presidente Dilma, e também agora no processo de prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

**“A prisão punitiva de Lula acentua e generaliza a descrença no processo e nas instituições. O espetáculo dantesco de voltas e contravoltas, de casuísmos e de contradições que vem se desenrolando impende que o senso comum forme uma impressão minimamente informada sobre as razões do processo.** O problema aqui é que quando o poder torna-se opaco e demasiadamente complexo para as pessoas comuns, a tendência é que cada qual interprete esta opacidade conforme sua própria fantasia”, afirma Dunker.

No imaginário persecutório contra Lula, avalia Dunker, o fato de o ex-presidente ser uma figura de conciliação acaba pesando contra sua pessoa: os radicalizados não querem uma solução de diálogo, mas de força. “Curiosamente, Lula ainda representa um certo consenso, uma certa razão conciliatória, que de

fato ele colocou em prática, e que para muitos teria sido a razão última da degradação de seu projeto”, conta.

“Ora, negociar, argumentar, convencer, justificar dá trabalho e envolve dedicação, informação, certa formação política, algum domínio da história e da cultura. Ter uma opinião abrangente, por outro lado, é muito mais fácil. O mesmo sujeito que radicaliza agora se desinteressará pela política quando ela deixar de ser a expressão e o suporte para seu próprio ressentimento social”, conclui o psicanalista.

Apesar da escalada constante da intolerância nos últimos anos, Dunker é otimista em relação ao arrefecimento desse momento de radicalização no futuro. **“Como dizia Kant, se você tem dúvida se o que você diz é ético ou não, experimente pensar como isso ficaria dito para qualquer um.** Muito das tolices, preconceitos e agressividades que vemos aparecer na boca de figuras públicas decorrem do fato de que estamos em um estado de exceção. Este estado um dia vai acabar, pois nós adoramos as exceções até que elas batem na nossa porta, por trás, devastando nossa vida e nossa alma”, pondera.

\* Com informações de Rute Pina - Editoria: Política, z\_Areazero

## PAIXÃO

Provavelmente nem o Hugo Chávez, nem o Putin ou o Mandela tenham sido brindados com esta glória. Da prisão, ele vai dar as cartas, pois não se considera mais uma pessoa e sim uma ideia, que acha vai se multiplicar pelos milhões. E o que fica disso tudo? Ainda está tudo muito nebuloso: vamos ter eleição? Vão derrubar o Temer? O panorama mundial, com chances de vitória do campo popular no México, Colômbia, nas eleições deste ano, vai continuar o mesmo?  
<https://www.youtube.com/watch?v=IVthoPDKXHY>

Cordialmente, FC Leite Filho, Jornalista

## NÃO COMPAREM LULA A GANDHI, MANDELA E LUTHER KING.

*Por: Affonso Romero- FB Acesso a 08 abril*

Hoje eu li uma postagem - até simpática a Lula - dizendo que era forçação de barra compara-lo a grandes líderes como Gandhi, Mandela e Luther King.

Tenho que concordar que são fenômenos bem distintos.

Gandhi era filho do Primeiro Ministro de um pequeno Estado-títtere na Índia Britânica. Mandela veio da realeza Zulu. Luther King era filho de um proeminente pastor batista. Os três tiveram berço.

Lula veio de uma posição muito mais difícil, de uma família de lavradores do sertão, foi abandonado pelo pai, migrou forçadamente, conheceu a fome e a miséria que os demais jamais experimentaram na carne. Lula teve um caminho muito mais longo a percorrer.

Gandhi e Mandela foram enviados à Inglaterra para estudarem, tiveram recursos e boa formação, tornaram-se advogados. King foi enviado ao seminário e formou-se pastor, como o pai. Os três foram preparados para liderar.

Lula mal teve acesso à formação escolar básica, teve que trabalhar desde a infância e procurou por uma formação técnica depois de adulto. Lula teve muito menos oportunidades e incentivos acadêmicos muito menores e deve seu sucesso, exclusivamente, à sua capacidade de superação pessoal, à inteligência instintiva e ao esforço próprio.

Apesar disso - ao talvez por isso - Lula tem mais títulos e homenagens acadêmicas que os demais somados.

A luta de Gandhi era, basicamente, pela soberania da Índia frente ao domínio britânico. Posteriormente, foi responsável pelas bases de fundação do moderno Estado indiano. Seu diferencial foi pregar a não-violência. A luta de Mandela era, basicamente, contra o racismo e sua forma de política oficial do Estado, o apartheid. A luta de Luther King era, basicamente, contra o racismo, Só nos últimos anos de sua vida acrescentou pautas como o combate contra a pobreza, contra a Guerra do Vietnã e a favor de direitos civis.

Enquanto os demais se mantiveram alinhados a pautas específicas e que lhes diziam respeito diretamente - basicamente movidos por razões étnicas e religiosas - Lula trabalhou a favor da soberania nacional (como Gandhi), contra o racismo (como Mandela e King), a favor de direitos civis (como King), e foi além, abraçando pautas como trabalho, moradia, comércio internacional, diplomacia, unidade regional, educação, combate à fome e mobilidade social.

Dos quatro, apenas Mandela, além de Lula, teve sobre os ombros a responsabilidade de um cargo eletivo, de representar um Estado, de liderar politicamente uma grande Nação. Enquanto Mandela fez um governo de reestruturação e reconciliação nacional, com resultados sociais e econômicos medianos, Lula é considerado globalmente um fenômeno de gestão da inserção social, de desenvolvimento nacional em meio a uma crise global e de liderança regional.

Gandhi, Mandela e Luther King conseguiram resultados e libertação para seus guetos étnicos, no âmbito local. Sua influência global é espiritual. São exemplos aos demais povos e, dessa forma, contribuíram - e ainda contribuem - para um mundo melhor.

Lula conseguiu resultados objetivos para gente da mais variada origem, seja étnica, regional, cultural ou religiosa, extrapolando o conceito de gueto. Não bastante, durante seu governo o Brasil

exportou programas sociais (como o Bolsa Família) para uma centena de outros países, levando inspiração e resultados objetivos para todos os continentes e salvando um número maior de vidas.

Quando for comparar Lula a Gandhi, Mandela e Luther King, lembre-se de que eles têm em comum o fato de terem lutado de forma pacífica por justiça, igualdade e um conjunto de valores que os coloca no panteão dos grandes benfeitores da humanidade. E que, exatamente por isso, todos os quatro foram perseguidos pelo Estado e pelas elites de suas respectivas sociedades, sofreram lawfare, tiveram contra si processos judiciais artificiais que tentaram dar ares de legalidade a uma perseguição fundamentalmente política, sofreram preconceito, foram presos, tiveram contra si a imprensa e sofreram atentados contra suas vidas.

Mas lembre-se, também, que Lula partiu de uma posição muito mais difícil, teve uma travessia muito mais atribulada, menos formação e oportunidades, sofreu injustiças desde antes de encarar a sua luta política, tratou de temas muito mais abrangentes e diversificados, teve uma liderança global muito maior e operou mudanças diretas na vida de um número muito maior de pessoas.

Há alguns traços comuns na história dos quatro, mas Lula é infinitamente maior que os demais, exceto pelo fato de não ter nascido num país anglofônico.

## Guilherme Carvalho

13 hrs ·

Lula atingiu um estado de mito na política brasileira que se equipara a figuras como Getúlio Vargas. Transcendeu a essência de homem e se tornou uma ideia, um símbolo.

Uma representação viva de igualdade social, do fim da miséria, da fome. A possibilidade de alguém que nasceu para ser um fodido chegar à presidência da República para mudar o destino daqueles condenados como o próprio estava.

Você que tá aí tripudiando, comemorando a prisão, dando risada, fazendo memes, você talvez não entenda, mas sua risada não bate em corruptos, mas naqueles que sonham com um país livre da miséria, do racismo, do preconceito, com oportunidades a todos, sem distinção.

Você que comemora não percebe, mas festeja com toda a corja que tornou o Brasil um dos países mais desiguais do mundo - marcado pela fome, com todos esses políticos tradicionais que dominam nossa política há séculos em prol apenas de seus interesses.

Você pode não perceber, mas é isso, chapa. Você está lado a lado com essa galera.

É por isso que tive de tomar posição. Num momento assim, o silêncio toma o lado de lá. E não quero de jeito nenhum estar com Frota, Bolsonaro, MBL, PSDB, essa turma aí.

Meu lado é o do Lula, sim. Não queria que fosse assim, mas tem de ser. Porque, pro bem ou mal, é o lado que sonha com uma sociedade mais justa e igualitária, livre da escravidão, do subdesenvolvimento, das chagas que nunca cicatrizam.

Por [Leonardo Abecassis](#)

# **A prisão do único mediador entre elites e massas no Brasil, por Leonardo Avritzer**

LEONARDO AVRITZER

SEX, 06/04/2018 - 18:14 . [HTTPS://JORNALGGGN.COM.BR/NOTICIA/A-PRISAO-DO-UNICO-MEDIADOR-ENTRE-ELITES-E-MASSAS-NO-BRASIL-POR-LEONARDO-AVRITZER](https://jornalgggn.com.br/noticia/a-prisao-do-unico-mediador-entre-elites-e-massas-no-brasil-por-leonardo-avritzer)

## **A prisão do único mediador entre elites e massas no Brasil**

**por Leonardo Avritzer**

Luiz Inácio Lula da Silva é um radical de esquerda tal como alguns órgãos de mídia insistem em apresenta-lo? Analisemos a sua trajetória antes de dar uma resposta a esta questão. Lula emergiu como liderança política no final dos anos 70 e liderou um conjunto de greves a partir do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Estas greves que tensionaram uma cultura de intervenção nos sindicatos existente no Brasil, desde os anos 30, ajudaram a acelerar o fim da ditadura militar. Preso na sede do sindicato dos metalúrgicos do ABC, Lula recebeu o apoio do conjunto da classe política naquele momento o que selou a sua liderança política no Brasil, e abriu caminho para a formação do P.T.

A partir da formação do P.T. pode-se dizer que Lula surfou na onda democratizante que varreu o Brasil nos anos 80. Foi deputado constituinte e chegou ao segundo turno das eleições de 1989. A partir daí, em todas as eleições, ele obteve um percentual mais elevado de votos do que na anterior até ser eleito presidente em 2002. Eleito presidente, Lula conseguiu um feito que nenhum presidente do Brasil antes ou depois conseguiu: consenso sobre a política econômica. A política econômica foi objeto de disputa desde a posse de José Sarney até o final do mandato de Fernando Henrique Cardoso e tampouco existiu depois de Lula, com Dilma Rousseff e Michel Temer. Além disso, Lula foi capaz de construir consenso sobre a outra ponta, a das políticas sociais. As políticas sociais desenvolvidas pelo governo Lula, em especial, o bolsa família, mas também o programa de cotas para as universidades públicas se tornaram políticas amplamente aceitas, e foram incorporadas pelos candidatos do PSDB a partir de 2010. Assim, o que Lula realizou na política brasileira foi a construção de um amplo consenso ao centro tendo como eixo central a política econômica e as políticas sociais. Não por acaso, a aprovação ao seu governo foi a mais alta desde 1988. Por que Lula fez o que ninguém no Brasil havia conseguido antes. Conectou elites e massas em um só projeto político.

Desde o início da operação Lava Jato, Lula tornou-se não um réu, mas um alvo da operação. Lula não foi alguém que se colocou acima da lei e sim alguém a quem a Lava Jato e agora o TRF-4 e o STF negaram direitos primários que oferecem a outros réus. Basta lembrar que 18 acusados com as penas confirmadas pelo TRF-4 estão em liberdade neste momento. Lembremos da longa lista de violações dos direitos do indivíduo Luiz Inácio Lula da Silva:

violação do sigilo dos advogados que sofreram escuta telefônica; violação da lei sobre escutas que exige descartar escutas pessoais; rejeição da delação premiada de Leo Pinheiro até incluir um testemunho contra Lula (que ainda assim não teve prova documental); sentença de Moro em Julho de 2017 que negou a necessidade de ato de ofício exigido pelo código penal; aceleração dos trâmites na Décima Terceira Vara e no TRF-4 de Curitiba; descarte pelo TRF-4 dos argumentos da defesa em uma única sentença; negativa da presidente do STF de pautar o habeas corpus do ex-presidente; declaração do ministro do exército ameaçando o próprio tribunal.

Não é uma lista pequena. O impressionante é que, ao contrário do que alguns autores têm sugerido, Lula e o P.T. se pautaram pelo total obediência à legalidade quando ela foi tão amplamente vilipendiada pela Lava Jato e pelos tribunais. Até o último momento Lula, o negociador, Lula o mediador entre elites e massas esperou que houvesse uma iniciativa do outro lado para que a chaga aberta pela Lava Jato não se convertesse em ferida incurável. Ao voltar ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo na noite de ontem, Lula e o Brasil voltaram ao começo dos anos 80, quando muitos apostavam no enfrentamento em vez da mediação entre elites e massas. Lula mostrou que pode ser um mediador, mas as elites brasileiras acham que não precisam de um mediador em sua inflexão anti-social e anti-democrática. Só o tempo dirá quem tinha razão.

### **Brasil prende sua obsessão nacional**

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/opinion/1522999450\\_647024.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/06/opinion/1522999450_647024.html)

Entre as paixões exaltadas de partidários e opositores, aquele que foi o líder mais popular do país e um dos maiores do planeta acaba na prisão

**XOSÉ HERMIDA**

São Paulo 7 ABR 2018 - 22:26 CEST



Lula, durante um ato em Curitiba em 28 de março. ERALDO PERES AP

### MAIS INFORMAÇÕES



- Provas claras ou ilação?



- MPF pediu pressa na prisão de Lula para “estancar sensação de onipotência”



- Com Lula prestes a ser preso, PT encara insólita decisão de definir candidatura à presidência

---

Pela segunda vez em sua vida, [Luiz Inácio Lula da Silva](#) se tornará um presidiário. A primeira ocasião foi há 38 anos, quando a polícia da ditadura militar brasileira o acordou uma noite em sua casa e o levou depois que, como líder de uma greve de operários metalúrgicos da área metropolitana de São Paulo, havia posto o regime em xeque. Quase quatro décadas mais tarde, Lula voltará a ficar confinado entre grades, agora acusado de ter se aproveitado de seu cargo como presidente do país para obter benefícios pessoais.

O herói sindical, o ídolo de massas, o presidente mais popular que o Brasil teve até hoje, dentro e fora de suas fronteiras, entrará agora na prisão sob uma acusação ignominiosa: aceitar como presente um [apartamento na praia de uma construtora favorecida](#) com contratos da empresa estatal [Petrobras](#). A imagem vai muito além da de um dirigente político preso. É difícil escapar dos tópicos para defini-la: uma página nos livros de história, o final de uma época, a queda de um herói.

A primeira coisa que Lula fez depois de divulgada a ordem do juiz Sérgio Moro de sua ida imediata para a prisão foi [correr para se refugiar na sede do Sindicato dos Metalúrgicos](#) de São Bernardo do Campo, ali onde tudo começou. Protegido pelos camaradas, incentivado por centenas de fiéis, abraçado por militantes mergulhadas em lágrimas, entre as lembranças de décadas de luta operária. Quase ao mesmo tempo, as agências internacionais de notícias começaram a distribuir um álbum de fotos que resumia os anos gloriosos do outro Lula. Aí já não aparecia o aguerrido líder sindical, mas o estadista que tinha meio mundo na palma da mão. Nessas imagens resplandecia o Lula estrela das cúpulas internacionais, o líder que confraternizava tanto com George W. Bush como com [Barack Obama](#), o que arrancava sorrisos do presidente francês Jacques Chirac, o que desatava a chorar depois da designação do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos.

Lula não só conseguiu se erigir no líder político que conseguiu os mais elevados índices de aceitação da história do Brasil –mais de 80% no final de seu mandato– como também foi um dos líderes mais unanimemente elogiados no planeta. Por onde quer que fosse, somente provocava aplausos. Entre a direita, por submeter-se à ortodoxia econômica. Entre a esquerda, por ter tirado da miséria milhões de brasileiros até então abandonados à sua sorte pelos sucessivos governantes de um dos países mais desiguais do mundo.

O Lula que volta à prisão, 38 anos depois, ainda conserva muitas coisas do ousado sindicalista capaz de arriscar tudo em plena ditadura militar. Mas agora carrega cargas muito pesadas em suas costas. Primeiro foi o [caso do Mensalão](#), a descoberta de que seu Governo se dedicava a subornar os membros do

Congresso para comprar apoio político. Mais tarde, as evidências de que, sob seus mandatos, a petroleira estatal Petrobras atuava como o cofre do qual extraíam seu caixa o Partido dos Trabalhadores e seus aliados, entre os quais alguns representantes do pior da política tradicional brasileira. Por fim, as vantagens pessoais para ele e sua família: os presentes das construtoras, os negócios dos filhos, as conferências pagas por empresas a preço de ouro.

E, apesar de tudo, Lula continua sendo um herói para milhões de brasileiros. Seus partidários mais obstinados cultivam por ele uma devoção de proporções místicas, como se já não fosse um simples homem, nem sequer um dirigente político, mas a essência mesma do povo brasileiro feita de carne. O próprio Lula vinha alimentando essa ideia nos seus comícios dos últimos meses e voltou repeti-la na sua despedida deste sábado em São Bernardo: “Eu não sou mais um ser humano. Eu sou uma ideia”. Sem cair nesses devaneios, há também muitos milhões de brasileiros, os eternamente deserdados, os condenados durante gerações e gerações a viver na miséria enquanto uma pequena elite reparte entre si as imensas riquezas do país, que veem em Lula, sem mais nem menos, o único presidente que se preocupou de verdade em melhorar suas condições de vida.

A legião de seus opositores e detratores que cresceu nos últimos anos tampouco escapa dos exageros e dos delírios. Outros muitos milhões de brasileiros estão tão obcecados com a ideia de colocar Lula entre as grades que mostrar o desenho do presidente fantasiado com o traje listrado se converteu em uma espécie de fixação maníaca de todos os protestos contra ele nos últimos anos. Encarcerar Lula é como uma conquista definitiva, como enclausurar o diabo na garrafa, curar todos os males do Brasil, erradicar para sempre a corrupção que, segundo o modo de ver desse setor da população, não existia no país até que o líder do PT chegasse ao Governo. Seu ódio também alcançou níveis bíblicos, como demonstrou o agora ex-prefeito de São Paulo, o bilionário [João Dória Jr](#), em uma mensagem gravada depois de saber que o ex-presidente irá para a prisão: “esta decisão lava a alma dos bons brasileiros”, proclamou. “Chegou sua

hora, Lula. "O Brasil começa a respirar democracia, respirar justiça, e você, Lula, vai respirar na cadeia"

Por mais que os brasileiros estejam profundamente divididos, neste sábado haverá algo que os une: quando virem Luiz Inácio Lula da Silva entrar na prisão estarão vendo algo mais que um ex-presidente do país, algo mais que um dirigente político, algo mais que um simples homem.

## DES-NAÇÃO

---

[Alexandre Marino](#) –FB Acesso a April 6 at 4:49pm ·

A decretação da prisão do ex-presidente Lula é lamentável. Um homem de origem humilde, que chegou a presidente da República levando nas mãos a oportunidade de transformar o país, termina acuado pela Justiça, enquanto seus advogados fazem seguidas, melancólicas e frustradas tentativas de livrá-lo da prisão.

Lula criou o PT quando era sindicalista, aglutinando nomes importantes da esquerda brasileira. Mas ao assumir o governo, o destino do partido já estava traçado: uniu-se à escória da direita nacional, ao que havia de pior na política e no meio empresarial e institucionalizou a corrupção no Brasil.

Lula se aliou ao PMDB, partido de aluguel cheio de víboras, pensando que os manteria sob sua rédea. Dividiu o país em dois grupos antagônicos, que sempre chamou de "nós e eles". Trouxe para si os corruptos, os evangélicos, os saqueadores, o agronegócio, as grandes construtoras, as mineradoras, num esquema de troca de favorecimentos que lhe valeu o tríplex do Guarujá, o sítio de Atibaia e a condenação de 12 anos – por enquanto.

O PT fez muito pelos menos favorecidos, é necessário reconhecer. Mas esse muito se torna uma migalha quando comparado ao gigantesco saque aos cofres públicos, que levou para o buraco a Petrobrás, o BNDES, os fundos de pensão de estatais como os Correios, causando incalculável prejuízo a seus trabalhadores, o Tesouro nacional. Essa migalha não passa de um cisco diante do favorecimento às grandes mineradoras, entre as quais a que destruiu um dos mais importantes rios de Minas Gerais, o Rio Doce, e às grandes empreiteiras,

que entre outros estragos nos legaram os estádios da Copa do Mundo de 2014 (aquela dos 7 a 1), com eternos prejuízos para os cofres estaduais.

E o PT, cujos militantes sérios debandaram logo no início das falcatruas, deve ser chamado de partido de esquerda?

Lula é de esquerda? O cara que disse que “nunca precisou de livros para chegar aonde chegou” é de esquerda? Mas o que é ser de esquerda? Lula, na verdade, nunca foi de esquerda. E mesmo assim a traiu. Lula governou oito anos, e perdeu a oportunidade de realmente transformar o Brasil. Assumiu o governo em condições favoráveis. Preferiu deslumbrar-se com o poder no pior sentido. Ele e sua turma.

Lula se reduziu a um mito. Nada mais que um mito. Pobre do país que se agarra a mitos para se salvar. Seus súditos não são racionais – são fanáticos adoradores. Para eles, Lula é uma entidade superior, não um bom candidato a governar o país. Querem que Lula vença os enormes problemas que enfrenta não para que possa se candidatar a presidente, mas para que, na condição de ídolo, saia vitorioso. E dane-se o país que ele ainda sonha em governar.

Depois de morto, Lula não será um personagem histórico, mas um santo. Multidões de peregrinos visitarão seu memorial, tocarão sua lápide, murmurarão cânticos e rezarão. O país ouvirá obscuras histórias sobre um cego que voltou a enxergar, um aleijado que caminhou, um doente desenganado que recuperou a saúde. Até os ateus idólatras chorarão sobre seu retrato.

Os miseráveis continuarão na ilusão de que um dia Lula ressuscitará para mudar suas vidas.

A grande incógnita é o que restará dos escombros e quem serão os líderes desta des-Nação.

## **PSICANALISTA EXPLICA POR QUE LULA JÁ É UM MITO**

*"Lula é mais que uma ideia: é uma narrativa. Lula inventou e praticou sentidos. Ele mostrou - pela - sua trajetória - que um mundo melhor é possível. Lula é um mito. Não um mito do povo brasileiro, e sim, um mito - agora - da humanidade", diz o psicanalista Evaristo Magalhães*

**247 - O psicanalista Evaristo Magalhães avalia que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva "não é mais uma pessoa". "Lula é mais que uma ideia: é uma narrativa. Lula inventou e praticou sentidos. Ele mostrou - pela - sua trajetória - que um mundo melhor é possível. Lula é um mito. Não um mito do povo brasileiro, e sim, um mito - agora - da humanidade".**

**"O mito é modelo ou uma referência a ser seguida. Ninguém na história do Brasil conseguiu chegar a esse patamar. Estamos há mais de quinhentos**

anos desamparados de quase tudo. Andávamos a ermo sem nada e nem ninguém para apontar que deu certo. Agora temos o Lula. Ele já é eterno", diz.

Magalhães reforça que "os gregos tinham os mitos como uma narrativa". "A humanidade não teria sobrevivido se não fossem as narrativas. O mundo é nebuloso. Viver é estranho demais: não sabemos de onde viemos e nem para onde vamos. Não podemos controlar o tempo: vamos envelhecer e vamos morrer. Sem as narrativas, enlouqueceríamos e nossas vidas finalizariam antes do tempo. Narrar é criar uma história sobre o que estamos vivendo ou sobre o que já vivemos. Narrar é contar como nossos antepassados deram conta e como nossos contemporâneos estão dando conta de conduzir suas vidas. Narrar é criar sentidos. É acender chamas no obscuro. É dizer que vale a pena prosseguir".

"Qualquer política - daqui para frente - o terá como parâmetro de comparação. Ninguém - na história desse país - foi capaz de fazer o que ele fez. Ele foi quase ao grau máximo do modo republicano e democrático de exercício do poder. Quantas teses não serão escritas sobre ele?! Quantos livros não serão publicado sobre ele?! Pobre de quem virá depois dele - porque que terá se submeter ou fazer mais que ele. Será? Espero que ele ainda volte para terminar tudo o que ainda falta para ser feito", acrescentou.

### CONSUMMATUM EST

Wanderley Diniz FB 08 ABRIL

No início desta noite de sábado, com a apresentação de Lula aos seus carcereiros, cai o pano sobre a maior farsa já encenada no Brasil dito republicano.

Iniciou-se com a acusação "sem provas, mas com convicção", o seu aceite, julgamento e condenação de um ex-operário que ousou e se tornou no maior estadista que este país já produziu.

A partir de agora, pelo que antevejo, o espetáculo parte para o seu segundo ato, o da tragédia. Como Tiradentes que se dez vidas tivesse, dez vidas daria, Lula entrega seu corpo ao ergástulo, advertindo porém que já não é corpo, mas uma ideia. E esta ideia - disse em antológico improvisado - está agora semeada no coração de todos os brasileiros que almejam uma Pátria livre, senhora de suas riquezas, soberana, enfim. E ideias, sabemos todos, não são aprisionáveis.

"Pensam que arrancando algumas rosas impedirão a primavera" - disse o operário que chegou ao Sul tangido pela seca e a fome, líder mais tarde de um sindicato e uma greve que marca o início do fim da mais longa ditadura registrada no país. A frase, disse ele, "não é minha, mas de uma criança que não me disse o nome. É, portanto, de todos".

Sua prisão e, como consequência, a inegibilidade, não desconhecem os seus mais ferrenhos desafetos - desde que dotados daquele mínimo de inteligência exigido para ser chamado e reconhecido como racional -, carimba de antemão como fraudulenta a anunciada eleição presidencial que, com sua ausência, se prenuncia como a da ascensão, sem disfarces, do fascismo bolsonariano.

Não creio que essas eleições se realizarão. Não vejo como evitar o descontrole das massas, sem o seu líder, como em 1954, no holocausto de Getúlio Vargas. Os primeiros incidentes aconteceram ontem, ainda na vigília de Lula e companheiros no Sindicato dos Metalúrgicos. Outros certamente vão se somar ao quadro de violência generalizada, guerra civil que teimam em não ver, não só no Rio - sob intervenção militar - mas Brasil afora.

As instituições, sem exceção, se esfrangalham dia a dia, não por ação externa, mas pela covardia e oportunismo de seus próprios membros. O Executivo, dirigido por golpistas e quadrilheiros; o Congresso dominado pelos que ali estão não para representar os anseios populares, mas os seus próprios, por mais inconfessáveis que sejam; o Judiciário - ora o Judiciário -, como respeitá-lo se ele não se respeita?

O dia 7 de abril marcou, até hoje, duas efemérides. A primeira, em 1824, quando D. Pedro I, menos de dois anos após a proclamação da Independência, foi obrigado a abdicar, entre outras razões, pela indignação causada pelo assassinato de Líbero Badaró. É também o dia da fundação da Associação Brasileira de Imprensa, em 1906, hoje uma sombra de seus gloriosos dias. É, portanto, o Dia do Jornalista.

Como profissional do ramo, mas aposentado, tenho acompanhado a cobertura dada pelo monopólio em que se transformou a comunicação no Brasil, desde as primeiras orquestrações do golpe que sem disfarces estimulou, não creio que apenas por convicção, mas por dinheiro mesmo.

Com isso quero dizer que assino o que Lula disse hoje sobre o jornalismo (?) brasileiro.

Constrangido, mas assino.

## **Até quando isso será possível.**

[Anjuli Tostes](#) - April 8 at 11:04pm .

Não sou petista, nem antipetista. Infelizmente, a polarização em que nosso país foi submergido separou seu povo em dois grupos distantes que não mais dialogam, e o episódio da prisão de Lula é mais um que demonstra isso de forma cristalina. Todos falam, mas escutam apenas a si mesmos.

De minha parte, entendo que o devido processo legal é um grande marco de nossa civilização, sobre o qual não podemos retroceder, em nenhuma hipótese. É o que diferencia o Estado Democrático de Direito da barbárie, é o que garante que não baterão à sua porta amanhã para levar seu irmão ou seu pai, simplesmente porque eles têm uma opinião diferente da maioria. Em síntese, é o essencial para que a Justiça seja justa.

A violação a este princípio em nome de um “bem maior” justificou os expurgos de Stalin, permitiu as condenações sumárias de Hitler, o holocausto, a

inquisição. E é este mesmo sentido que se utiliza agora para burlar as garantias fundamentais do ex-presidente.

Infelizmente, no processo de Lula, o devido processo legal foi violado em diversos momentos. Como advogada, não posso ignorar que, no curso do processo, graves ilegalidades foram cometidas, a sentença proferida foi extremamente frágil, fundada no suposto cometimento de “ato de ofício indeterminado” (hipótese não prevista no Código Penal), a confirmação pelo TRF 4 se deu de forma açodada e a decisão não abordou todos os questionamentos da defesa. Para prender Lula, o STF ignorou o princípio da presunção de inocência expressamente consagrado na Constituição, segundo o qual ninguém pode ser considerado culpado (e preso) antes do trânsito em julgado da sentença condenatória, pela maioria singela de um voto de uma ministra que reconheceu a inconstitucionalidade da prisão, mas mesmo assim a autorizou. Para prender Lula, o TRF 4 desprezou o fato de ainda haver recurso pendente de julgamento no Tribunal, de modo que não se esgotara a sua jurisdição, o que seria o pressuposto para a ordem de prisão. Para prender Lula, o juiz Moro sequer aguardou a publicação do acórdão do STF e o julgamento dos embargos declaratórios pelo TRF. A ordem de prisão não foi fundamentada e foi publicada poucas horas após a sessão do Supremo. A rapidez com a qual se condenou Lula é evidência da seletividade judicial. A fragilidade das decisões mostra o caráter político do processo. Não, ninguém deve ir para a prisão, condenação mais gravosa em nossa sociedade, desse jeito.

Goste-se ou não de Lula, o fato é que ele foi preso em um processo de exceção. Se para você está tudo bem, se acha que “valeu a pena, porque prendemos o chefe da quadrilha. Lá na frente aparecerão provas”, então a nossa diferença está na defesa desse mínimo civilizatório, que é o devido processo legal. Apesar disso, você e eu ainda podemos defender nossos pontos de vista. Nessa conjuntura, sem respeito às premissas do estado de direito, me pergunto até quando isso será possível.

## **Tragédia e mitificação de Lula, por Aldo Fornazieri**

SEG, 09/04/2018 - [HTTPS://JORNALGGN.COM.BR/NOTICIA/TRAGEDIA-E-MITIFICACAO-DE-LULA-POR-ALDO-FORNAZIERI#.WSTDAJ-NJ2C.FACEBOOK](https://jornalggn.com.br/noticia/tragedia-e-mitificacao-de-lula-por-aldo-fornazieri#.wstDAJ-NJ2C.FACEBOOK)

Carmen Lúcia desmoralizou o STF para salvar Aécio Neves, um escroque da política brasileira, um corrupto degenerado. Carmen Lúcia rasgou a Constituição, não pela primeira vez, para ver Lula na cadeia. Dizem que militantes vandalizaram o prédio onde ela tem um apartamento em Belo Horizonte. Até pode ser verdade, mas foram apenas muros, talvez vidros. E o que dizer de

Carmen Lúcia que vandalizou a Constituição, texto sagrado de uma nação, cuja dever de defender ela tinha acima de todos? Ela perdeu respeito devido e seu retrato deveria frequentar o frontispício do memorial dos traidores da Constituição que se deveria construir para que esta história de tempos sombrios que estamos vivendo servisse de lição para a posteridade.

Lula está preso porque vem sendo aplicado o direito nazista de Sérgio Moro, dos desembargadores do TRF4 e do ministro Luis Roberto Barroso, que se auto-proclamaram artífices das leis, mas que nada mais são do que tiranetes togados. Lula é um inocente preso e, portanto, um preso político. Atribuíram-lhe um apartamento que não é seu, que ele nunca usufruiu, que não está em nome de um familiar seu ou sequer de um laranja. A mesma farsa se verifica em relação ao sítio de Atibaia e ao terreno do Instituto. A historiografia e a ciência política haverão de escrever páginas de espanto em face de tamanha farsa - espanto que já se verifica hoje nos grandes jornais do mundo, nos grandes juristas e nas pessoas sensatas do planeta. Os acusadores e os julgadores de Lula serão cobertos de opróbrio nas páginas da história.

Lula não é corrupto. Pode ter cometido deslizes aqui e ali. Mas são deslizes que o povo perdoa, porque sabe que os grandes corruptos não estão na cadeia; porque sabe que os grandes corruptos são os ricos e as classes médias altas que sonegam R\$ 400 bilhões por ano; porque sabe que os corruptos são os juízes que recebem benefícios criminosos e escandalosos que causam o prejuízo de mais de um bilhão por ano aos cofres públicos na nação. O povo perdoa eventuais deslizes de Lula porque sabe que Lula foi o presidente que, junto com Getúlio Vargas, imprimiu um sentido ético incomparável ao Brasil. A ética é, antes de tudo, as finalidades do bem comum de uma nação, de um povo. Quem promoveu mais o bem comum do que Vargas e Lula no Brasil? Ninguém, absolutamente ninguém.

A prisão de Lula é uma tragédia para ele e para o povo brasileiro. É uma tragédia pela infância e pela juventude doloridas que Lula teve. É uma tragédia pela árdua e laboriosa luta que travou no movimento sindical. É uma tragédia porque, sendo do povo, nunca se afastou do povo e sempre carregou este povo sofrido com o seu sofrimento, com o seu sorriso, com o seu carinho. É uma tragédia porque, como presidente, Lula se fez grande entre os grandes sem nunca deixar de ser povo. E é uma tragédia porque o povo precisa dele e porque ele tem consciência do muito que pode dar ao povo e porque sabe que não o deixam consumir esta doação.

Na história é muito difícil que surjam heróis plenos sem que estejam envolvidos em tragédias. Sabe-se também que os povos, para se libertarem, precisam de heróis, de líderes míticos, a exemplo de Moisés, de Ciro, de Rômulo, de Mandela, de Gandhi e de tantos outros. Lula já tinha um poder simbólico imenso antes de ser preso. Agora, as elites sanguinárias que o prenderam deram-lhe e deram ao povo a oportunidade da construção mítica de Lula.

Além do que Lula fez de ético, além do que ele fez por um povo pobre, sofrido e massacrado pela sanha exploradora das elites, ele é vítima de uma perseguição feroz, inusitada, violenta, despudorada e imoral, tendo como protagonistas setores do judiciário, setores da grande mídia, boa parte das elites e os grupos

fascistas que recrudescem suas atividades persecutórias e violentas a cada dia que passa. Por saber que Lula é vítima de uma perseguição implacável, o povo, com seus sentimentos de humanidade quer reparar-lhe o dano e a dor, dando-lhe apoio resolutivo.

Lula já percorreu boa parte deste caminho. Precisa continuar lutando com persistência e resignação até o último dia de sua vida. Mas é o povo, são os progressistas e democratas, são os movimentos sociais, somos nós, são as esquerdas que precisam reforçar o caráter mítico da figura de Lula. Lula não é patrimônio do PT, mas do povo. É Lula e não o PT o mito-príncipe. É Lula a encarnação da fantasia concreta. A única forma do PT se resgatar, se renovar, se reinventar, consiste em reforçar o caráter mítico de Lula. Um Lula mítico será uma energia viva, uma força de combate, mesmo depois de sua partida dentre os vivos. O povo precisa desse mito, dessa referência de liberdade e de luta.

O discurso de Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC foi uma espécie de Carta Testamento antecipada. **Ele viu e porque viu, proclamou uma revolução em andamento. Certamente não se trata de uma revolução socialista, mas de uma revolução democrática que nunca tivemos. O Brasil precisa de uma revolução democrática que os ingleses fizeram no século XVII, que os americanos e franceses fizeram no século XVIII e que tantas outras se completaram no século XIX.** Nós, tardiamente, precisamos fazê-la no século XXI, contando com a energia mítica de Lula. Precisamos fazer esta revolução que instaure os fundamentos morais e materiais da igualdade e da dignidade.

Alguns temem que sem Lula nas eleições deste ano, o Brasil não sairá pacificado. Não sairá mesmo. Um país que têm 100 milhões de pessoas que vivem com até um salário mínimo não pode ser um país pacificado. Um país que tem 50 milhões de pobres e 15 milhões de indigentes não pode ser um país pacificado. Um país que tem meia dúzia de ricos com uma riqueza igual a de 103 milhões de brasileiros não pode ser um país pacificado. O Brasil não pode ter paz enquanto o povo não tiver direitos e dignidade. Paz, sob estas condições, seria uma desavergonhada mentira.

A candidatura de Lula precisa ser mantida até o fim, mesmo preso, custe o que custar. Quem tem que pagar o alto preço de impedir a posse de um presidente eleito devem ser as elites e esse Judiciário que lhes é subserviente e servidor. A candidatura Lula não pertence mais ao PT, mas ao povo. Lula não pode ficar chorando sozinho na solidão de sua cela. Lula precisa chorar por saber que seu nome será gritado em todo o Brasil e isto só é possível se ele for candidato até o fim.

Quem estuda a História sabe que existem vitórias que são derrotas e derrotas que são vitórias. Lula preso, sem dúvida, é uma derrota. Mas é preciso transformá-la em vitória. Neste momento, os cálculos eleitorais do PT precisam ficar em segundo plano, pois o que vale o poder diante da fidelidade devida a Lula? O que vale o poder se não se tiver humanidade, fé, piedade e solidariedade na alma para com Lula? Estes sentimentos são para com Lula, mas não só para ele. Se Lula é a encarnação mítica da liberdade e da emancipação do povo, são sentimentos também para com o povo. Povo sofrido, povo errante e sem rumo

durante os cinco séculos de existência do Brasil. Povo humilhado na sua pobreza. Povo espezinhado pelos poderosos.

O único poder que faz sentido é o poder que emerge da caminhada deste povo que precisa dar-se um destino. Lula é, neste momento, e o será no futuro, se se souber trabalhar, o conteúdo, a forma, o ente e a energia principal da construção desse destino. Quem não perceber isto deixará escapar uma oportunidade, um momento de libertação, de revolução democrática, que poderá demorar décadas ou séculos para se repor. Para que este momento se concretize é imprescindível a presença da força e da energia mitificadas de Lula. É imprescindível que seu nome seja gritado pelo Brasil, não por um vã louvor, mas para que o povo grite pela sua própria dignidade e liberdade.

***Aldo Fornazieri - Professor da Escola de Sociologia e Política (FESPSP)***

Foto: Rodrigo Stuckert

### **A PRISÃO DE LULA É POLÍTICA**

<https://theintercept.com/2018/04/07/a-prisao-de-lula-e-politica/>

[João Filho](#) - 7 de Abril de 2018, 9h00

**NA VÉSPERA DO JULGAMENTO** do habeas corpus de Lula, o chefe das Forças Armadas usou o Twitter para colocar a faca no pescoço dos ministros do STF. O recado foi claro: ou os juízes pavimentavam o caminho para a prisão de Lula ou o homem que está sentado sobre o arsenal bélico da nação tomaria alguma atitude. A intimidação à democracia foi aplaudida publicamente por políticos, generais e até pelo juiz Marcelo Bretas. O perfil do TRF-4 no Twitter, o tribunal de segunda instância que condenou Lula sem provas, também [curtiu o tweet](#) que continha a ameaça golpista do comandante do Exército.

Barroso declarou que o tribunal estava dentro da “fogueira das paixões políticas” e que era preciso interpretar a Constituição em “sintonia com o sentimento social”, o que é uma aberração sob qualquer ponto de vista. No dia seguinte, o Vem Pra Rua convocou uma manifestação em Porto Alegre em que se botou fogo em 11 bonecos que representavam os ministros do Supremo. Estavam ali, literalmente, as “fogueiras das paixões políticas” representando o “sentimento social” com o qual Barroso está em sintonia.

É inegável que todos esses atores estão politicamente alinhados e atuando em conjunto com objetivo de tirar Lula das eleições nas quais aparece como favorito. O comandante das FA está vigilante e intimidando qualquer possibilidade de traição interna no conluio. Tudo isso seria um escândalo em qualquer democracia séria do mundo, o que não é o nosso caso, já que temos uma Justiça que está a reboque de um “sentimento social” e não da letra fria da Constituição.

Para os brasileiros que acreditam ser o PT o grande inimigo da nação, a prisão de Lula foi mais um dos orgasmos múltiplos e coletivos que eles têm alcançados nos últimos anos. O antipetismo, esse “sentimento social” que norteia as decisões de Barroso, virou uma patologia e não representa apenas

uma ojeriza apenas ao partido, mas a todos os partidos de esquerda e qualquer pensamento proveniente deste espectro político.

Essa revolta contra o que dizem ser “impunidade” é mentirosa e não resiste aos fatos. A indignação não está calcada em princípios morais, mas ideológicos. MBL, Vem Pra Rua e congêneres que organizam o antipetismo jamais bateram uma canequinha na varanda contra a impunidade de Fernando Capez (PSDB) ou de Eduardo Azeredo (PSDB) e de outros do grupo político aos quais estão alinhados ideologicamente. Também não vimos o comandante do Exército usar suas redes sociais para reclamar da impunidade de algum tucano. A hipocrisia dos moralistas não é uma novidade.

Cármem Lúcia fez o que esteve ao seu alcance para negar o habeas corpus de Lula, assim como fez quando ajudou a [impedir que Aécio Neves fosse preso](#) — tudo de acordo com o “sentimento social”, que aplaudiu a decisão contra Lula e se calou diante da decisão favorável a Aécio.

Logo no dia posterior ao julgamento no STF, o presidente do TRF-4 [conversou com a Rádio Band News](#) e afirmou que a prisão só seria “possível a partir do esgotamento dos recursos do segundo grau” e que os advogados do Lula teriam até a próxima terça-feira (10/04) para apresentar novo embargo ao TRF-4. “Esses embargos deverão ser examinados pelo tribunal. **Após o julgamento desses embargos**, o relator do processo, **aí sim, está autorizado** a comunicar o juiz Moro para eventual cumprimento da decisão.”

Horas depois, ao se tomar conhecimento de que o ministro Marco Aurélio Mello poderia conceder liminar pedida pelos advogados de Lula, a prisão foi decretada. Ou seja, o tribunal fez exatamente o contrário do que o seu presidente havia declarado horas antes e autorizou Moro a decretar a prisão sem julgar os novos embargos. O juiz, com uma sede de Torquemada, emitiu o despacho com a ordem de prisão em apenas 22 minutos — um novo recorde para um processo acostumado a bater recordes de ligeireza. Um documento [obtido pelo EL PAÍS](#) revelou que partiu do Ministério Público Federal a pressão pelo aceleramento da execução a iniciativa de pressionar pela rápida execução da condenação. Mauricio Gotardo Gerum, procurador da República, assinou um documento que pedia ao TRF-4 para que liberasse imediatamente a prisão e, assim, “estancar a sensação de onipotência” de Lula, que não estaria se submetendo às decisões judiciais. Um verdadeiro escárnio.

As outras oito determinações de prisão de réus da Lava Jato do Paraná, por exemplo, levaram [entre 18 e 30 meses](#) para serem expedidas. A de Lula levou apenas 9. Por que tanta ansiedade justamente nesse processo? Por que não esperar o esgotamento dos recursos jurídicos sem atropelar a lei? É uma pressa que não se justifica juridicamente, apenas politicamente. Um [levantamento do Zero Hora](#) não deixa dúvidas de que tudo leva metade do tempo quando o processo envolve o nome do ex-presidente:

<b>Do</b>	<b>juízo</b>	<b>em</b>	<b>1ª</b>	<b>instância</b>	<b>até</b>	<b>apelação</b>
Média:			96			dias
Processo de Lula:						42 dias

<u>Tempo</u>	<u>até</u>	<u>conclusão</u>	<u>do</u>	<u>voto</u>	<u>do</u>	<u>relator</u>
Média:				275,9		dias
Processo de Lula: 100 dias						

<u>Tempo</u>	<u>entre</u>	<u>revisão</u>	<u>e</u>	<u>juízo</u>	<u>de</u>	<u>apreciação</u>
Média:				105		dias
Processo de Lula: 54 dias						

Parece que a justiça da República de Curitiba não é cega. É caolha, só enxerga com o olho direito e anda com uma agenda eleitoral debaixo do braço. Mas esse é só mais um de uma cadeia de acontecimentos construídos durante todo o processo para prejudicar Lula, não restando dúvidas de que estamos diante de uma caçada política.

Posando de líderes messiânicos de uma cruzada moral, Sergio Moro e a turma que trata a prisão de Lula como troféu viraram simultaneamente heróis e reféns de um antipetismo delirante — aquele que chegou um dia a taxar esse mesmo STF de “bolivariano”. O recado está dado: Lula será preso antes das eleições, custe o que custar e nada, nem mesmo a Constituição, irá interromper essa missão divina do bem contra o mal.

A crise institucional se intensifica à medida que nos aproximamos das eleições. Trinta e três anos após a redemocratização, mesmo levando em conta significativos avanços democráticos conquistados nesse período, o quadro institucional atual é sombrio e a democracia segue fragilizada. Dos 4 últimos presidentes eleitos, 2 sofreram impeachment e 1 está prestes a ser preso. FHC, cuja possibilidade de reeleição foi comprada de maneira escandalosa em um esquema [fartamente comprovado](#), é o único que passou ileso e hoje desfruta da aposentadoria e ainda é incensado pela grande mídia como grande analista da vida brasileira. Lula, que saiu com 89% de popularidade após 8 anos de mandato e hoje se apresenta como o candidato favorito dos brasileiros para a próxima eleição, está a caminho da cadeia por uma condenação muito mais embasada em convicções do que em provas. Até porque uma prisão política não carece de provas. Basta um certo “sentimento social”.

### ***Lula, o humano***

**Compreender as contradições de Lula e do PT no poder é mais importante e urgente para o país do que construir um mito**

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/09/politica/1523288070\\_346855.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CC](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/09/politica/1523288070_346855.html?id_externo_rsoc=FB_CC)

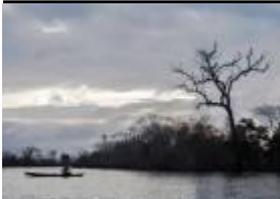
**ELIANE BRUM** 9 ABR 2018 - 21:11 CEST EL PAIS



Lula entre apoiadores após o discurso que fez em São Bernardo do Campo no dia em que se entregou à PF. FRANCISCO PRONER - REUTERS

“Eu não sou mais um ser humano. Eu sou uma ideia.” A frase do discurso de [Luiz Inácio Lula da Silva](#) antes da prisão, no palanque do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, já se tornou célebre, como estava programado. Mas o símbolo deste momento para a história não foi o discurso, e sim a imagem feita de cima, em que aquele que acabara de se lançar não como candidato, mas como lenda, parece se transubstanciar na multidão: “Esse país tem milhões e milhões de Lulas”.

#### LEIA MAIS ARTIGOS DE ELIANE BRUM



- [Esquerda, direita e o embargo da memória](#)

O problema daqueles que querem ser mitos em vida é a própria vida. A vida atrapalha o mito.

A vida lembra o mito, dia após dia, que ele é humano. Demasiado humano. E isso é perigoso para um mito. Consciente desse risco, [Getúlio Vargas \(1882-1954\)](#) se suicidou tendo o cuidado de deixar uma carta-testamento impecável para a história, num último lance de genialidade política. O “Pai dos Pobres” do Brasil do século 20 sabia que a vida atrapalhava a lenda.

Lula acredita que pode ser mito em vida, o [corpo preso na cela da Polícia Federal](#) da República de Curitiba, como uma morte simbólica, enquanto o mito atravessa o corpo da multidão. Foi nesse sentido os melhores esforços de Lula desde que a prisão se tornou uma possibilidade cada vez mais certa e mais próxima. As frases foram muitas nas últimas semanas, a mais messiânica esta aqui: “Eles estão lidando com um ser humano diferente, porque eu não sou eu, eu sou a encarnação de um pedacinho de célula de cada um de vocês”.

**Que a foto histórica tenha sido feita de cima não é um dado qualquer: de cima, há mito; embaixo, no contato dos corpos, há realidades e sentimentos mais humanos**

O fato de que aquela que já se tornou a imagem histórica do momento ter sido a foto feita de cima não é um dado qualquer. De cima há mito. De baixo, nos interiores da multidão, há realidades e sentimentos mais humanos. Mas a foto já marca um ponto, mostrando que de política Lula entende bem mais do que [Sérgio Moro](#), que apostava na foto de Lula preso, vencido pela [Operação Lava Jato](#). E terá que lidar com a foto de um mito nos braços do povo. Não é um peso qualquer para um homem tão vaidoso quanto Moro, que também aspira a um lugar bonito na história. E ninguém quer o lugar de um Carlos Lacerda.

A história, porém, é um ponto de interrogação, porque o passado é construído no futuro. E nada parece mais incerto do que o futuro no Brasil. A memória de Lula ainda está em disputa.

O futuro é imprevisto também na forma como a memória será construída no mundo que virá. Ainda não somos capazes de compreender como a internet repercute e muda o que chamamos de memória. O futuro do Lula histórico não será determinado pelos livros de história escritos por acadêmicos ou biografias feitas por jornalistas – ou pelo menos não só por eles – como aconteceu com Vargas e outros ícones da trajetória do Brasil. E isso já é um dado novo deste momento. Só saberemos mais adiante se um mártir de esquerda na cadeia tem a força que teve no futuro do passado, quando a internet não estava posta na construção das narrativas.

Lula está preso, não morto. Lula ainda está no jogo do presente.

## 1) O dia mais triste

7 de Abril de 2018 é talvez o dia mais triste da história recente. Para Lula, o humano, e para todos os brasileiros. Qualquer pessoa que [não teve seus neurônios infectados pelo ódio](#) – e uma das características do ódio é ser burro – é capaz de perceber a gravidade representada por um político que encarnava o projeto de pelo menos duas gerações de brasileiros, um projeto que de forma nenhuma pertencia apenas a ele, ser acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. E ser preso por isso sem provas convincentes no momento em que está em [primeiro lugar nas pesquisas para a eleição de 2018](#).

Qualquer brasileiro sério é capaz de perceber o abismo que isso representa para o Brasil. A dureza desse momento não para Lula, mas para o que chamamos “nós”, o que de fato não existe, ou só existe em alguns momentos de síntese.

### **As panelas batendo com fúria nas janelas dos bairros “nobres” é o som da nossa vergonha como país: o ódio mascarado de alegria é obsceno**

As panelas batendo com fúria nas janelas dos bairros “nobres” de São Paulo é o som da nossa vergonha como país. A de que as pessoas que tiveram o privilégio de estudar, num Brasil tão desigual, sejam incapazes de compreender a gravidade do momento histórico. Esse ódio mascarado de alegria é o rosto contorcido de uma distorção. Esse ódio mascarado de alegria é obsceno.

Mas estas são as pessoas do alto, as pessoas que podem olhar e interferir no mundo sem sair da janelinha. O fato de que batam panelas nos edifícios, em vez de irem às ruas lutar pelo Estado de Direito, num país tomado pelo [Cotidiano de Exceção](#), é a expressão do fracasso do projeto de conciliação que Lula representou na prática, embora não tenha sido este o projeto que muitos que o elegeram acreditavam.

Perdemos muito no 7 de abril de 2018. Perdemos bem mais do que de 7X1. A forma como correu o processo de Lula, muito mais rápido do que a maioria,

instalou dúvidas sobre a justiça. O [juízo do habeas corpus de Lula pelo Supremo Tribunal Federal](#), votando um caso particular em vez de decidir sobre a prisão após a segunda instância, instalou dúvidas sobre a justiça. A clara cisão do STF durante o julgamento instalou dúvidas sobre a justiça. A rapidez com que Sérgio Moro decretou a prisão instalou dúvidas sobre a justiça.

As instituições fracassaram. Não para os interesses privados de alguns, mas para o que deveriam representar para o conjunto dos brasileiros, o que deveriam ser para além do “sentimento social”. O STF, afogado em vaidades e convertido em palanque, se apequenou (um pouco mais). A maldição do protagonismo sem formação política, uma das mazelas dos dias atuais que atinge também juízes e procuradores, encolheu ainda mais a sensação de justiça. E tudo o que o Brasil não precisava neste momento tão delicado era de mais dúvidas sobre a justiça.

**As instituições fracassaram. E o Supremo, afogado em vaidades e convertido em palanque, se apequenou**

## 2) Um “reply” ao general

A [intervenção do general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército Brasileiro](#), na véspera do julgamento do habeas corpus no Supremo, foi uma afronta à democracia. Mas como o governo que aí está já é uma afronta à democracia em sua própria existência, o general não recebeu nenhuma punição. Como o governo que aí está é resultado de um impeachment sem fundamento legal, da deposição de uma presidente ruim, mas legitimamente eleita, o general continua na ativa, ativíssimo. Como o governo é encabeçado por um presidente, [Michel Temer \(PMDB\)](#), atolado em denúncias de corrupção, rodeado por um ministério que em parte é uma quadrilha, outros militares já proclamaram ameaças à democracia e nada aconteceu com eles. Entre todas as transformações trazidas pelas redes sociais, ninguém imaginou que agora o Brasil seria assombrado também por “generais de Twitter”.

Ao se manifestar pelo Twitter na véspera do julgamento de um ex-presidente pela Suprema Corte, o general afirmou: “Asseguro à Nação que o Exército Brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à

impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à Democracia, bem como se mantém atento às suas missões institucionais”.

**Sim, general, nós repudiamos a impunidade dos assassinos, sequestradores e torturadores da ditadura civil-militar: já passou da hora de julgar os criminosos a serviço do Estado**

Sim, general, brasileiros como eu reivindicam há décadas que os militares e os agentes civis que assassinaram, sequestraram e torturaram milhares de pessoas no Brasil, [inclusive crianças](#), a serviço do Estado e durante uma ditadura que durou 21 anos sejam investigados, denunciados, julgados e responsabilizados. Eu e muitos repudiamos a impunidade dos assassinos, sequestradores e torturadores do regime de exceção que se instalou quando os militares colocaram seus tanques nas ruas, apoiados por parte da sociedade civil.

Tenho escrito neste espaço que parte da corrosão da atual democracia se deve ao fato de que o Brasil não fez [memória sobre a ditadura](#). E só se faz memória com responsabilização. Com assassinos, sequestradores e torturadores de farda ou à paisana circulando livremente pelas ruas, o país entende que a vida humana vale muito pouco. E este é um dado histórico do Brasil, [país fundado sobre os corpos de indígenas e de negros](#), que a impunidade dos criminosos do regime acentuou, com as consequências que aí estão.

Assim, já passou há muito da hora de acabar com a impunidade dos agentes do Estado que assassinaram, torturaram e sequestraram. Mas, em vez disso, o senhor, general, que acabou de repudiar a impunidade no Twitter, pediu uma espécie de anistia prévia aos militares que hoje participam da [intervenção federal no Rio de Janeiro](#), para que não sejam responsabilizados quando matarem civis: “Os militares precisam ter garantia para não enfrentar daqui a 30 anos uma nova Comissão da Verdade pelo que vamos enfrentar no Rio durante a intervenção”.

Assim, general, nosso conceito de “cidadão de bem” é diferente. Cidadão de bem não mata, não tortura e não sequestra. E cidadão de bem não defende a impunidade de assassinos, torturadores e sequestradores, tenham eles fardas

ou não, estejam a serviço do Estado ou não. E cidadãos de bem não botam uma baioneta no pescoço do Supremo Tribunal Federal.

O senhor é um funcionário público, pago pelo povo brasileiro, e a Constituição afirma que sua intervenção foi indevida.

### **3) O quanto perdemos todos**

Se a vida que segue pode atrapalhar Lula no seu propósito de virar lenda, o mito que Lula quer se tornar atrapalha a vida dos brasileiros.

### **Com o controle da iconografia da sua prisão, as contradições do Lula humano foram apagadas pelo Lula mito**

Lula controlou a iconografia da sua prisão. Ao fazê-lo, as contradições do Lula humano foram apagadas pelo Lula mito. Seus oponentes podem ter conseguido impedi-lo de ser candidato nas [eleições de 2018](#), pleito em que ele lidera nas pesquisas de intenção de voto. Mas não conseguiram fazer com que isso soasse como justiça para uma parcela significativa da população, acentuando a crise do país e interditando ainda mais a possibilidade de debater, com a seriedade necessária, o múltiplo e contraditório legado de Lula.

É claro que há uma parcela que bate panelas e veste a camiseta da seleção, mas há muitos que não. E mesmo críticos aos governos de Lula e de Dilma Rousseff sentiram-se enojados pela forma como o processo foi conduzido pelas instituições.

Sem compreender as contradições de Lula no poder (e de Dilma Rousseff, sua escolhida, logo em seguida), torna-se difícil construir um novo projeto de esquerda capaz de aglutinar uma parte do Brasil. E mesmo a direita, pelo menos a séria, deveria desejar que existisse um novo projeto de esquerda, porque para a democracia esse diálogo é essencial.

### **As principais vozes de resistência das periferias urbanas hoje nasceram da ampliação do acesso a mundos até então barrados, garantido pelos governos do PT**

O Brasil governado por Lula teve aumento real de salário mínimo, teve redução significativa da miséria, teve ampliação do acesso à universidade, teve melhorias importantes no Sistema Único de Saúde (SUS), teve cotas raciais (uma ação afirmativa ainda tímida, mas essencial), teve garantia de crédito para os mais pobres. Isso não é pouco. Não é mesmo. E se fará sentir no Brasil por muitas décadas. As principais vozes de resistência das periferias urbanas hoje nasceram dessa experiência e desse acesso a mundos até então barrados.

A realidade de um operário ocupando o poder pelo voto num país como o Brasil teve um impacto na vida dos brasileiros que não há como dimensionar com exatidão, porque em grande parte subjetivo, mas que é uma enormidade. E isso Lula fez – e ninguém pode tirar dele.

Mas o Brasil governado por Lula, principalmente após o segundo mandato, e levado adiante por [Dilma Rousseff](#), sua escolhida, aliou-se ao que havia de pior nas oligarquias brasileiras, de José Sarney aos ruralistas, enfraqueceu os movimentos sociais, capitulou diante de questões como a descriminalização do aborto e a legalização das drogas, avançou pouco (no caso de Dilma quase nada, e às vezes retrocedeu) na regularização fundiária e na demarcação de terras indígenas e unidades de conservação, acentuou o aumento da população carcerária em condições torturantes, ao manter a política falida de “guerra às drogas”, criminalizou manifestantes e manifestações e, por fim, fez as grandes hidrelétricas na Amazônia – Santo Antonio e Jirau, no rio Madeira, e Belo Monte, no Xingu, desencadeando processos de graves violações aos direitos humanos e agravando o desmatamento da floresta e a contaminação dos grandes rios amazônicos.

E, importante: em seu projeto de conciliação, Lula não tocou na renda dos mais ricos.

**Lula revelou-se incapaz de compreender outras formas de viver e de se relacionar com a natureza que não fossem as mediadas pela dinâmica capital-trabalho**

A visão de Lula para a Amazônia mostrou-se muito semelhante à da ditadura civil-militar (1964-1985). [É uma visão colonizadora e exploradora](#). E provocou uma grande destruição, ainda em curso, dos povos da floresta, os humanos e os não humanos.

Lula é um homem plantado no século 20 e parece [só conseguir enxergar o mundo em termos de capital-trabalho](#). Revelou-se incapaz de compreender outras formas de viver que não fossem as mediadas pelo emprego, nem outro conceito de felicidade que não fosse ter churrasco no fim de semana, cerveja na geladeira e um carro na garagem.

Como homem do ABC Paulista, muito mais do que menino do semiárido nordestino, até nos últimos discursos ele defendia os carros nas ruas em vez de transporte público coletivo e de qualidade. Seu governo e especialmente o de Dilma Rousseff calaram as vozes da floresta e os modos de viver da floresta, silenciando o que havia de mais original nos Brasis. Lula foi avisado disso, mas nunca foi capaz de escutar – ou nunca lhe foi conveniente escutar.

Há vários Lulas. E há inclusive o líder absoluto do partido que se corrompeu no poder como outros partidos que o antecederam. O que não é de forma alguma um dado qualquer, porque o PT foi apoiado por pelo menos duas gerações de brasileiros por ter se comprometido a levar ética à política. Lula elegeu-se dizendo que sabia que não podia errar. E errou. E muito.

Com o Direito sem Justiça que marcou a sua prisão, as contradições são apagadas no esforço do mito. E as contradições não devem e não podem ser apagadas. Não por uma questão de vingança, como tanto querem alguns oportunistas, mas porque é urgente recriar um projeto para o país. E não se cria um projeto sem acolher todas as complexidades de uma experiência tão importante quanto foi a do PT no poder.

**Com a sensação de que a prisão foi uma injustiça, a cisão entre os Lulas continua. E as perguntas difíceis são adiadas mais uma vez**

No caso de Lula, o Brasil está submetido aos afetos. Quem odeia Lula, como encarnação de todos os males, só enxerga uma parte. E quem ama Lula, também como ato desesperado para não se ver diante das ruínas de um projeto tão caro, se mostra incapaz de ver a outra parte. É chocante ler análises da esquerda que acham possível escrever sobre o momento negando a corrupção evidente do PT no poder. E ignorando o que Belo Monte causou na vida justamente dos mais desamparados. Assim como é chocante ver Lula demonizado por gente que se beneficiou enormemente com o seu governo, um governo que não deixou apenas os pobres menos pobres, mas os ricos mais ricos.

Com a sensação de que a prisão foi uma injustiça, a cisão entre os Lulas continua. E se torna cada vez mais difícil juntar todas as partes do quebra-cabeça dessa experiência de poder, inclusive e especialmente suas contradições. Sem contar que, para parte da esquerda, tanto a que se sentiu muito traída quanto a que começava tardiamente a se sentir constrangida, a criação de um mártir pode ser o melhor acontecimento. Assim, as perguntas difíceis, que são as mais importantes, ficam adiadas para talvez nunca mais. Tanto as que cada um deve fazer a si mesmo, como exercício interno, quanto as que devem ser feitas e debatidas em público, na expressão coletiva.

Esse constante adiamento das perguntas difíceis é mais uma tragédia num país que vive aos espasmos desde 2013. Sem as perguntas difíceis, o Brasil continuará girando em falso. Pode ser bom para o mito Lula, assim como para outros candidatos a mito e seus egos gigantescos, mas é ruim para o Brasil e para os brasileiros.

#### *4) O que eu desejaria para Lula e o Brasil*

Eu acreditaria em justiça no Brasil se, primeiro, os agentes do Estado que assassinaram, sequestraram e torturaram durante a ditadura civil-militar fossem julgados e punidos. Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os aqueles que são responsáveis pelo genocídio cotidiano dos jovens negros nas periferias urbanas, policiais e não policiais, fossem julgados e punidos. Eu acreditaria em

justiça no Brasil se os assassinos de [Marielle Franco](#) e Anderson Gomes fossem denunciados, julgados e punidos. Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os mandantes e pistoleiros que executaram ambientalistas, defensores de direitos humanos, pequenos agricultores, indígenas, ribeirinhos e quilombolas na Amazônia fossem investigados, denunciados, julgados e punidos.

**Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os presos sem condenação no sistema penitenciário fossem libertados**

Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os presos sem condenação no sistema penitenciário fossem libertados e o Estado pagasse indenização pelo período que ficaram encarcerados sem julgamento. Eu acreditaria em justiça no Brasil se todas as mulheres presas por aborto fossem libertadas. Eu acreditaria em justiça no Brasil se ninguém mais fosse preso por portar quantidades pequenas de drogas nas favelas e periferias e as ações se concentrassem em quem realmente lucra com o mercado ilegal de drogas e de armas.

Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os corruptos, de todos os partidos, a começar pelos que estão hoje no Executivo e no Congresso, fossem julgados e presos. Eu acreditaria em justiça no Brasil se todos os corruptos da iniciativa privada fossem julgados e presos, assim como aqueles empresários que colaboraram com o assassinato, a tortura e o sequestro de pessoas na ditadura-civil militar.

Eu acreditaria em justiça no Brasil se a ministra Rosa Weber fosse criticada por ter suspendido por liminar, quatro dias antes do Natal, os efeitos expansivos da proibição de todos os tipos de amianto no Brasil. A justificativa da ministra era a de seria necessário esperar o prazo para os advogados apresentarem embargos de declaração contra o entendimento do plenário, que estendeu a proibição da fibra cancerígena para todo o Brasil. Ela, que tanto defende a decisão do colegiado, tomou uma decisão monocrática. Enquanto isso, o amianto, que tem matado milhares de brasileiros há décadas e é proibido na Europa e em vários países do mundo, segue sendo produzido e comercializado nos estados em que não é proibido: a maioria.

Eu acreditaria em justiça no Brasil se os brasileiros cobrassem de Lula e de Dilma Rousseff por que razão nunca levaram adiante o banimento do amianto, que matou e adoeceu – e segue matando e adoecendo até hoje – trabalhadores pobres da indústria, trabalhadores cuja vida pelo menos Lula deveria conhecer.

**Eu acreditaria em justiça no Brasil se Lula e Dilma fossem responsabilizados por construir Belo Monte violando direitos humanos e não humanos**

Eu acreditaria em justiça no Brasil se Lula e Dilma Rousseff fossem responsabilizados pela violação de direitos humanos e não humanos na floresta amazônica, e especialmente na [construção de Belo Monte](#). E eu acreditaria ainda mais em justiça no Brasil se os brasileiros se importassem com isso.

Eu desejaria que Lula fosse candidato a presidente e que fosse derrotado nas urnas pelo que fez no Xingu e em outros rios amazônicos. Pela Força Nacional enviada [pela sua escolhida, Dilma Rousseff](#), para reprimir operários em greve no canteiro de obras de Belo Monte. Pela Força Nacional impedindo o direito de manifestação de indígenas e ribeirinhos no canteiro de obras de Belo Monte. Pelos ribeirinhos e pequenos agricultores e pobres urbanos [que assinaram com o dedo](#) papéis que não eram capazes de ler para que Belo Monte pudesse ser construída sem “entraves” humanos. Pelo [etnocídio indígena](#) na região do Xingu causado por Belo Monte. Eu acreditaria em justiça no Brasil se Lula fosse derrotado por ter materializado Belo Monte no Xingu e, com isso, [ter produzido pobres na periferia de Altamira](#).

Se isso acontecesse, uma derrota pelo voto em nome dos direitos humanos e dos direitos dos povos da floresta, o Brasil avançaria. Mas isso não acontece no Brasil atual.

Ainda assim eu desejaria que Lula fosse candidato e disputasse a eleição no processo democrático. E possivelmente ele venceria, pela simples razão, que também é legítima, de que a maioria começa a concluir que a vida estava melhor no seu governo. E os brasileiros são sobreviventes – e muito pragmáticos.

Mas eu desejaria também que Lula fosse candidato e fosse eleito para que as pessoas tivessem que lidar com o fato de que pouco se importam com a corrupção desde que sua vida esteja razoável. Mas principalmente eu desejaria que Lula fosse candidato para que as pessoas sejam obrigadas a lidar com o fato de terem votado e talvez eleito o presidente que tornou Belo Monte possível. E assim tivessem que lidar com a sua hipocrisia cheia de verbos e de boas intenções, protegidas pela distância dos que morrem de várias maneiras no Xingu e nas Amazônias. E tivessem que lidar com o fato de que [sua preocupação com os direitos humanos é seletiva.](#)

Mas o Direito sem Justiça interditou o processo dos desejos.

##### *5) A volta do humano*

A mística que antecedeu a prisão – missa + discurso – foi cuidadosamente planejada para que Lula voltasse a ser o Lula que já não é. O Lula que liderou as greves do ABC Paulista, fundou o PT e fez as Caravanas da Cidadania. A linguagem, os gestos, o conteúdo. Mas o que já não é não pode voltar a ser.

Há, entre um Lula e o outro, pelo menos oito anos de poder direto, como presidente, mais os cinco anos e meio de Dilma Rousseff, sem contar a Carta ao Povo Brasileiro, na eleição de 2002. O discurso soava, como tem soado há algum tempo, uma imitação do Lula jovem feita pelo Lula velho.

Mas num mundo já diferente. Como algumas bobagens sobre as mulheres que se tornaram constrangedoras, os habituais jogos para a torcida e uma espécie de conversão em Jesus. Esse Lula era, já não é. O que não impede que esse discurso ainda mova – e comova – muita gente que gostaria que ele ainda fosse o que já não pode ser.

Neste sentido, o de Lula foi um discurso mais de apagamentos, o que é fundamental para quem pretendia sair dali como mito, do que de construções. Por isso também a foto se tornou muito mais importante. O domingo passou com várias mensagens de WhatsApp: “Essa foto é a foto oficial que Lula enviou e pede que seja a mais disseminada por todos. Eles terão a foto que tanto querem,

Lula preso terá o povo”. Não há como afirmar se foi “Lula que enviou”, mas é possível afirmar que ele sempre foi um bom biógrafo de si mesmo. Não deixa de ser fascinante essa construção de mitologia em vida.

**O ato mais importante do discurso foi Lula ter lançado Guilherme Boulos (PSOL) e Manuela D'Ávila (PCdoB) como seus herdeiros, pregando a união das esquerdas**

Para efeitos imediatos, o ato mais importante do discurso foi o gesto de lançar, simbolicamente, [Guilherme Boulos](#) (PSOL) e [Manuela D'Ávila](#)(PCdoB) como seus herdeiros, pregando a união das esquerdas neste momento limite. Ambos são pré-candidatos à presidência nas eleições de 2018. Boulos representa uma das forças mais potentes deste momento, os movimentos de sem-teto nas cidades, que de certo modo ocupam o lugar que foi do MST na trajetória de Lula. Manuela carrega a potência dos novos feminismos, mostrando na vivência da política também uma experiência diversa de maternidade. São as duas figuras mais interessantes da nova política.

O gesto marca também o abismo do PT. Em grande parte por causa da onipresença de Lula, não há ninguém no próprio partido com força suficiente para representar o futuro e liderar uma aliança de esquerda. Lula não fez seu Lula dentro do PT. Nem permitiu que fizessem.

Mas o gesto foi bonito – e se há uma cena com grandeza neste momento, é a de Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila juntos. Ainda falta se mostrarem capazes de compor de fato com a floresta e os outros modos de viver dos Brasis.

Compreender o homem que Lula é, assim como a experiência do PT no poder, é mais importante e urgente para o país do que construir um mito. Sem acolher as contradições, o Brasil seguirá com “um enorme passado pela frente”, apesar de tudo o que representou a chegada de um operário ao poder.

---

**Eliane Brum** é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção *Coluna Prestes - o Averso da Lenda*, *A Vida Que Ninguém vê*, *O Olho da Rua*, *A Menina Quebrada*, *Meus Desacontecimentos*, e do romance *Uma Duas*.

Site: [desacontecimentos.com](http://desacontecimentos.com) Email: [elianebrum.coluna@gmail.com](mailto:elianebrum.coluna@gmail.com) Twitter  
: [@brumelianebrum/](https://twitter.com/brumelianebrum) Facebook: [@brumelianebrum](https://www.facebook.com/brumelianebrum)

## MEU QUERIDO BRASIL

### Saturnino Braga – Ex senador

Meu querido Brasil tem um preso político.

Depois de uma luta de vinte anos para restabelecer a democracia, ela foi mais uma vez golpeada.

Submetido a um processo político que se iniciou ainda no primeiro semestre de 2014, com a espionagem estrangeira sobre a Petrobras, nosso maior líder político, de envergadura internacional, que foi o único Presidente da República depois de Vargas que cuidou com prioridade do ataque à imoral injustiça social que é a grande nódoa da sociedade brasileira e seu maior obstáculo no processo de desenvolvimento, nosso maior líder, o Presidente Lula recebeu ordem de prisão, por supostamente possuir um apartamento e um sítio cuja propriedade não é dele.

Juridicamente, ou inocentemente, parece um absurdo, mas politicamente não é.

Lula, sua sucessora Dilma e seu partido PT cometeram graves ofensas ao poder do Grande Capital, que domina e rege o mundo ocidental. O Brasil, sob sua gestão (de Lula), descobriu imensas reservas de petróleo e pretendeu que a sua exploração fosse feita sob o controle da grande empresa brasileira, a Petrobras, que conseguiu dominar a melhor tecnologia e localizar a jazida. Ao mesmo tempo (de Lula), as empresas brasileiras de engenharia se projetaram no mundo com reconhecida competência e passaram a ganhar grandes obras antes sempre contratadas

com empresas do Grande Capital. O Brasil, sob sua gestão (Lula), aproximou-se mais dos vizinhos sulamericanos e naturalmente liderou um processo de emancipação do subcontinente; fez crescer muito, ademais, sua presença internacional na África e na Ásia, chegou a coordenar, com a Turquia, um acordo com o Iran sobre seu projeto de energia atômica, acordo anulado pelo Grande Capital e logo em seguida realizado nas mesmas condições mas sem a nossa participação; o Brasil aliou-se a outras grandes nações dos BRICS para criar um Banco Mundial e um FMI alternativos, que se dedicassem, com novas políticas, a uma ajuda mais efetiva para o desenvolvimento dos países pobres. O Brasil procurou, ainda, desenvolver, em acordos com a França e com a Suécia, estratégicas tecnologias militares de ponta (submarinos e aviões), com desdobramentos largamente aproveitáveis para o avanço decisivo da sua indústria. Enfim, sob a sua gestão (Lula, Dilma, PT) o Brasil começou a ficar um país importante no mundo, desvencilhando-se da tradicional condição de quintal do Grande Capital.

Isso era, no mínimo, um grande atrevimento. Não era absolutamente permitido no perigoso jogo de poder mundial. O processo tinha de ser revertido e o País castigado pelo seu atrevimento, pela sua ofensa. A grande empresa de petróleo, a Petrobras, devia sofrer danos catastróficos e ser desmoralizada, o mesmo acontecendo com as empresas brasileiras de engenharia que cresciam no mundo. Para um castigo mais eficaz e preventivo, devia se desmoralizar toda a Nação Brasileira, todas as suas instituições, aos olhos do mundo e dos próprios brasileiros.

Havia agentes brasileiros competentes e preparados para o golpe; havia a mídia toda comprada; havia o decantado saber da CIA e o projeto testado com êxito no Paraguai, projeto de um golpe não mais militar mas político-jurídico, muito mais disfarçado e apoiado pela classe média urbana, que era sempre uma aliada em potencial, fascinada pelas realizações suntuosas do Grande Capital.

O pretexto, a força motriz mobilizadora para o golpe seria a corrupção, a mesma de sempre, desde Getúlio Vargas com o “mar de lama”. A velha

corrupção que os subdesenvolvidos não sabem praticar com a habilidade dos ricos, fazem-na muito mal.

E, pronto, aí está: consumado com pleno êxito; com a prisão de Lula fecha-se o ciclo do golpe, cumprem-se os objetivos: dilacerar a Nação Brasileira, tomar o seu petróleo e reduzi-la à histórica condição de quintal. Os brasileiros amantes do Norte, que importam esperma americano, abrem garrafas de champagne.

O povo custa um pouco mas compreende tudo, fica com raiva e lamenta: que falta faz Leonel Brizola!

Eu faço refrão com o lamento do povo, deploro muito a ausência de um Brizola, e com a minha vivência acrescento outra lástima: que falta também faz um General Ernesto Geisel!

E relembro, com muita nitidez, a figura sábia e modesta do deputado mineiro Francelino Pereira, perplexo na indagação que ganhou manchetes durante a ditadura: meu Deus, que país é este?!

**Roberto Saturnino Braga**

[saturninobraga@saturninobraga.com.br](mailto:saturninobraga@saturninobraga.com.br) -

[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)

---

# **A CRÍTICA: Entre preconceitos, ressentimentos e simplesmente ódio, poucos argumentos**

**Joel Pinheiro da Fonseca: Teologia mística  
luliana**



- Folha de S. Paulo - <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/1628cbb7659dea67>

***Que Lula se encontra um grau acima do nível humano é impossível de negar***

Em 8 de abril de 2005, o então presidente Lula assistiu a uma missa no Vaticano e comungou. Declarou: "sou um homem sem pecados". Ali ele nos dava os primeiros sinais da verdade mística que só se tornaria manifesta neste ano da graça de 2018.

Que ele se encontra, no mínimo, um grau acima do nível meramente humano é impossível de negar. Lembremos de sua declaração em 2016 de que "não tem uma viva alma mais honesta do que eu." Mas será que a figura humana não esconde algo muito mais sublime?

O efeito que ele produz nos militantes nos leva a crer que sim. A professora Erika Takimoto descreveu o impacto de uma ligação telefônica com o ex-presidente: "Daí, meu povo, eu saí de mim. Meu coração acelerou. (...) Chorei como um bezerro (...) Felicidade é

pouco. O que sinto não tem nome". Se um simples telefonema faz isso, imagine o contato em carne e osso.

Exegetas bíblicos analisaram com cuidado as palavras de Jesus para concluir que ele era, de fato, Deus. Muito menos esforço é necessário para concluir o mesmo de Lula. "De vez em quando, eu fico pensando que as pessoas tinham de ler mais a Bíblia para não usar tanto meu nome em vão", disse em depoimento à Justiça em 2017, casualmente revelando sua real natureza.

No mesmo ano, no Rio, bradou às massas: "O Lula não é o Lula. O Lula é uma ideia. O Lula é uma ideia assumida por milhões de pessoas. E eles não sabem que o Lula já renasceu em milhões de mulheres e homens". Mas sua divindade só resplandeceu mesmo no antológico discurso em Belo Horizonte já em 2018. "O problema não é o Lula, são os milhões de Lulas." E, por fim, a revelação plena: "Eles estão lidando com um ser humano diferente. Porque eu não sou eu, eu sou a encarnação de um pedacinho de célula de cada um de vocês". Na democracia, Deus é o povo. Lula é Deus. Logo...

Em entrevista a jornalistas em janeiro, declarou: "Eu quero que um dia eles peçam desculpas para mim. Ou peçam desculpas para o povo brasileiro". E lá existe diferença?

A filósofa Márcia Tiburi, que é também teóloga do lulismo, concorda: "Lula continua em seu papel como representante do povo idêntico ao povo", escreveu em artigo na revista Cult. Assim, prendê-lo é inócuo. "A estrela de Lula é maior. Não se apagará de modo algum da história do Brasil, nem do coração das classes humilhadas."

A fé acredita, mas a carne é fraca. Hoje a comunidade fiel teme a prisão do mestre, que segue os passos de Jesus, concorrente que ele inclusive superou, conforme revelou em 2010. "Se eu pudesse dar uma imagem das punhaladas que levei e pudesse tirar a camisa, meu corpo apareceria mais destroçado do que o de Jesus Cristo."

O mundo celebrou neste domingo (1º) a Páscoa, dia que comemora a libertação do povo judeu e, para os cristãos, a ressurreição de Cristo. Os seguidores de Lula enxergam o paralelo. "Hoje é dia de lembrar do barbudo que caiu na delação premiada de Judas e foi condenado sem provas pelos cidadãos de bem", diz o post do Levante Popular da Juventude.

Todos aguardam apreensivos. Preparam romarias. Caso o pior aconteça e a lei dos homens prevaleça, será que o messias também retornará no terceiro dia? Ou será que ele é só um homem comum que foi condenado por crimes e que deve ser punido como qualquer cidadão? Não! Afaste essa blasfêmia de sua mente.

### **Lula preso!**

Por Cláudio Chinaski: FB Acesso a 7 abril 2016

“Era começo de 2008, eu estava fazendo 40 anos de vida e há 3 anos mantinha no ar, pela TV Nacional de Brasília, um programa criado, produzido e dirigido por mim sobre cultura brasileira. Tínhamos um pequeno patrocínio da Nestlé e éramos a primeira parceria da tv pública de Brasília, onde tínhamos total autonomia criativa, com uma produtora privada. A tv entrava com a transmissão e recebia de nós o direito de cessão do programa para outras redes públicas e comunitárias. Era bom pra todo mundo e funcionava sem problema algum.

No final de 2007, o então presidente LuLLa criou a tv Brasil, fundindo a tv nacional com outra tv pública cujo nome não me lembro. Foi essa fusão que veio modificar a parceria que se mantinha perfeita até início de 2008.

Basicamente, foi um pedido de 10% sobre o valor do patrocínio da Nestlé para a continuidade da veiculação do programa. É justo, vocês podem pensar, não é mesmo? Também achei. Perguntei por quanto tempo seria o contrato. Aí começa a aventura petista na minha vida. Não haveria contrato. Seria, nas palavras do interlocutor da tv, uma contribuição para o partido. Propina, enfim. Seria paga em dinheiro todo mês. Não passaria pela conta da tv.

Levei o assunto aos meus conhecidos no partido. Todos disseram pra que eu pagasse pois todo mundo estava pagando.

Fui subindo na hierarquia do partido e ouvindo a mesma coisa. Todo mundo está pagando.

Consegui falar com a ilibada: pague.

Consegui enviar um emissário ao homem forte do Lula: pague.

E sempre a indicação de que isso era orientação do Lula (ou com seu aval). É ordem do “chefe” Esse é o único título do Lulla que me interessa: “O Chefe” Não paguei. Tirei o programa do ar. Comecei a ser boicotado em contratações e editais públicos. Não conseguia mais clientes. Tive que fechar a produtora, demitir todos os funcionários. Foram quase 2 anos na merda, cheio de dívidas, grana pra comprar pão pro almoço, precisando da ajuda de amigos, vendendo

minha coleção de LP,s para sobreviver. E durante todo esse tempo, deste dia ao dia de hoje, a única coisa que eu queria era ver o LuLLa pagar por isso. Não a justiça divina de que tanto falam. Não tenho deus algum sobre minha cabeça. Sou humano, de sangue e carne, e a justiça humana é a que me redime. Imperfeita como todos nós, é nossa única alternativa de humanidade. Quando LuLLa teve câncer quis que ele melhorasse logo. A ideia de que a morte o livraria da justiça me assustava.  
Não existe justiça fora da lei.  
Não existe civilização fora da lei.  
É a lei que nos iguala, poderosos ou anônimos. Preciso disso pra continuar por aqui.  
Hoje eu posso gritar com a força dos meus pulmões: LuLLa está preso.  
Hoje posso gritar em nome de um projeto de trabalho lindo e pelo qual muita gente batalhou e que foi destruído por essa sanha doentia de poder: LuLLa está preso.  
Hoje posso gritar em nome daqueles que eu tive que demitir: LuLLa está preso.  
Hoje eu posso gritar lavando a alma de toda a dor e humilhação que passei nas mãos dessa corja (coisas que não cabem nesse post, mas tem muito mais coisas do que estou contando aqui): LuLLa está preso.  
Sou carne e sangue. Sou humano e minha justiça é a justiça dos homens.  
Ninguém está acima da lei. Que todos os deuses se coloquem em seus lugares e nos deixem resolver nossa vida.  
Gritem comigo: LuLLa está preso.  
Se for solto amanhã, se virar santo, se subir aos céus e fizer chover leite e mel, hoje nada disso me interessa.  
Hoje eu digo apenas: Lulla está preso  
Tem 10 anos que espero pra dizer isso: Lulla está preso  
Não é vingança. Não quero dor ou sofrimento para ele, quero apenas que esteja ao alcance da lei.  
Ele.  
E todos os outros.  
Ninguém está acima da lei.  
7 de abril de 2018: Lulla está preso”

## **MAIS QUE UMA QUARTA-FEIRA**

06.04.2018

EM

BLOG -

[HTTP://GABEIRA.COM.BR/MAIS-QUE-UMA-  
QUARTA-FEIRA/](http://gabeira.com.br/mais-que-uma-quarta-feira/)

FERNANDO GABEIRA

O que estava em jogo na quarta-feira era uma questão central para o País: romper ou não com um sistema de corrupção que se alimenta da lentidão da Justiça. O Brasil estava se tornando um país bizarro, com um vaivém de cadeiras de rodas nas cadeias. Era tão difícil prender alguém, no labirinto de agravos e recursos, que já chegava bem velho.

Como somos sentimentais, depois de algumas semanas todos acabam em prisão domiciliar. E essa seria a tendência dominante se prevalecesse a tese de impedimento da prisão após sentença de segunda instância.

A ideia básica da presunção de inocência é muito poderosa, até por sua beleza filosófica. No entanto, depois de duas condenações é razoável que sofra um abalo. Além disso, há outra ideia forte em jogo: a eficácia da Justiça. Se via recursos e caros advogados os réus podem prolongar sua liberdade, as vítimas não recebem o que merecem: justiça.

A proposta de Gilmar Mendes era obscena, pois previa uma votação contrária à expectativa popular e, logo em seguida, uma acomodação da opinião pública. Mas ninguém se vai acomodar. Nem os petistas, agora que Lula se aproxima da prisão. No meu entender, isso os levará a gastar menos energia com Lula e a pensar nos caminhos do País. A condenação do Lula e sua grande capacidade de mobilizar acabaram ofuscando o debate sobre os rumos da reconstrução.

O PT passou por diversas palavras de ordem, quase todas defensivas: não ao golpe, eleição sem Lula é fraude, liberdade para Lula... Mas tudo indica que as eleições serão sem Lula candidato – apesar de sua capacidade de transferência de votos. Nada impede que um partido boicote as eleições, mas a experiência mostra que se ganha muito mais participando do que boicotando.

Teremos virado uma página? Não creio. O debate sobre o tema não envolve apenas Lula. Ele só encarnou um drama que para alguns, como Eduardo Cunha e outros presos, precisava de um símbolo mais poderoso.

Ao longo destes anos, o sistema político sempre buscou uma fórmula de neutralizar a Lava Jato. A resistência de Lula é antiga, desde que definiu a “república de Curitiba”. Ele se colocou na linha de frente e os grampos mostram isso. Num momento questionava a covardia do Supremo ante o processo, noutro lamentava a passividade dos políticos, que pareciam ignorar a tragédia que se abateria sobre eles.

O MDB também se importava com isso. A célebre frase de Romero Jucá “é preciso estancar a sangria” revela a ansiedade diante do avanço da Lava Jato. No Congresso foram muitas as tentativas de retaliar as investigações. Era mesmo impensável que um esquema tão complexo de dominação fosse render-se sem peripécias.

O último dos combatentes é Temer. Coube-lhe fazer alguma coisa. Ele tentou. Até escolheu um diretor da Polícia Federal tão fiel que acabou caindo por excesso de fidelidade.

Temer tem uma tática própria: não bate de frente com a Lava Jato, como Lula, ele diz publicamente que a apoia. Suas intervenções são mais no sentido de defender direitos individuais, respeito ao processo legal. Apesar de tudo, consegue pequenas vitórias. Esse coronel Lima, por exemplo, é apontado como seu operador, mas nunca depôs na Polícia Federal. Todas as convocações foram negadas, sob o argumento de que sua saúde não permitia. O coronel foi preso apenas para depor e, mesmo assim, não falou nada.

Com forte base de apoio no Supremo, a resistência à Lava Jato e suas consequências não estão esgotadas. A operação mesmo está na fase final. O que está em jogo é o futuro. De um lado, como montar um esquema de corrupção tão sólido e durável como esse que se está dissolvendo? De outro, como reduzir a corrupção a níveis mínimos?

Depois de tantos anos da Lava Jato, tudo parecia ir bem nesse campo. O papel da política seria interpretar esse sucesso e produzir um conjunto de leis que a

completasse. Mas, de repente, uma discussão sobre o destino de Lula no STF põe o rumo em xeque. Voltaríamos ao velho poderoso esquema de corrupção com a impunidade garantida por um sistema judicial?

Tanto um lado como o outro acharam que tudo estaria perdido caso os juízes apontassem em direção contrária à sua expectativa. A verdade é que vitória e derrota nesse julgamento não significam um dado absoluto. O processo continua, deságua nas eleições e está sujeito a recaídas.

O problema central nesse confronto é saber que posição tem mais viabilidade histórica. Controle maior da corrupção, processos mais rápidos e eficazes, a ideia de que a lei vale para todos são elementos de uma tendência mais promissora. É a que aponta para o que existe em países mais avançados, mas isso não significa garantia de vitória. Depende de muito esforço, mas, felizmente, esta semana muitos compreenderam isso.

Foi uma semana de muita tensão. Cármen Lúcia pediu serenidade. Comandantes do Exército e da Aeronáutica se pronunciaram. Houve quem visse nisso tudo um clima de 1964, que precede a intervenção militar. Na verdade, houve uma boa discussão, talvez um pouco longa, talvez um pouco complicada, mas, de qualquer maneira, ficou claro para todos o que estava em jogo.

Alguns juízes que rejeitam o populismo insistem em que não votam pela pressão das ruas. Estão certos. Mas à medida que as discussões se tornam um pouco mais compreensíveis e são transmitidas ao vivo, é inevitável que maior número de pessoas opine, e com argumentos. Ainda que não sejam argumentos rebuscados como os dos juízes, são um forte indício de que as pessoas comuns querem tomar nas suas mãos o destino do País.

Potencialmente, o processo de politização dos últimos anos pode levar a um interesse maior pelas eleições e a uma demanda mais firme por projetos de governo. Quem comemora vitórias nesse caso precisa ser discreto, pois novos e difíceis momentos podem surgir para sustentar o velho esquema de corrupção. Da mesma forma, quem amarga a derrota deve levar em conta que o campo da esquerda segue forte, apesar de seus erros táticos e estratégicos. Que venha mais uma campanha presidencial. Em outros países, a esta altura ela já seria o centro do debate.

Artigo publicado no Estadão em 06/04/2018

### **Cesar Benjamin voltado para o futuro**

Acesso ao FB em 08 de abril.

Há vários anos assisti a um filme cujo nome não lembro. Os dez minutos iniciais eram esplêndidos.

De um lado, hordas de combatentes de tribos germânicas batem no peito, gritando, lançando imprecações, portando tacapes.

De outro lado, já bem perto deles, legiões romanas manobram com precisão científica, organizadas em falanges geometricamente estabelecidas, bem defendidas, seguindo um planejamento rigoroso.

Depois de imagens de um lado e de outro, o diretor enquadra o imperador Marco Aurélio, que comanda as tropas romanas. Nenhuma flecha havia sido disparada, nenhum confronto ocorrera.

Marco Aurélio olha para seus ajudantes e pergunta, com sincera perplexidade: “Eles ainda não perceberam que já foram derrotados?”

\* \* \*

Experimentei tal sentimento ontem, ao ver alguns momentos da suposta resistência estabelecida em São Bernardo do Campo: “Eles ainda não perceberam que já foram derrotados?”

Lula é suficientemente irresponsável para radicalizar sua fala em um momento de desespero pessoal. Mas isso não é o mais importante.

A maior parte da esquerda insiste em prolongar o ciclo lulista, que já acabou. O PSOL, alternativa de renovação, pretende ser um PT sem corrupção. As bases teóricas e organizacionais são as mesmas, às vezes radicalizadas, com ainda maiores fragmentações identitárias e menor percepção de que somos um povo-novo em busca de construir a sua nação. Esta é a chave de leitura do Brasil contemporâneo.

As inflexões da conjuntura dão maior ou menor verossimilhança a cada projeto. O cruel assassinato de Marielle e o desespero de Lula deram fôlego momentâneo ao PSOL.

Porém, quem conhece o Brasil deve saber que qualquer projeto de fundo lulista é inviável no curto prazo e impossível no longo.

Os que estão presos à continuação do passado me insultam. De minha parte, pretendo contribuir para a esquerda do futuro.

Abraços,  
Cesar Benjamin

### **O suicídio de Vargas eternizou o varguismo. A prisão de Lula emoldura o lulismo para a posteridade**

Demétrio Magnoli, folha de São Paulo, 7 de abril de 2018

As duas afirmações seguintes não são idênticas: 1) Pobre do país que envia à prisão o candidato presidencial favorito; 2) Pobre do país cujo candidato presidencial favorito é enviado à prisão. A primeira concentra uma narrativa filopetista na qual a vontade popular é fraudada pelo Estado. A segunda, uma narrativa antipetista, na qual a ordem legal protege a nação do populismo. Ambas, porém, concordam no qualificativo empregado como lamento: numa versão ou na outra, a prisão de Lula revela a dimensão da crise nacional brasileira.

Já se falou demais sobre a "história de vida" de Lula. Conta-se que, para preservar um simbolismo político valioso, FHC dissuadiu os tucanos de apresentarem um pedido de impeachment após as confissões de Duda Mendonça, em 2005, auge do escândalo do mensalão, quando um Lula alquebrado segurava-se nas cordas. O romance épico do retirante nordestino

famélico que conquistou o Planalto seria, segundo o sociólogo tucano, um mito político insubstituível: a coroa de louros de nossa jovem democracia. O que fazer com isso, no dia da prisão de Lula? O Lula descrito por Lula nunca foi menos que a metáfora de forças sociais irresistíveis. Nas assembleias da Vila Euclides, em 1980, ele disse que corporificava a classe trabalhadora. Nos dias de glória do Palácio, desde 2003, e depois, sob o assédio dos tribunais, passou a dizer que corporifica o próprio povo brasileiro. A derrota de Lula equivaleria, então, à derrota da nação. Você tem o direito de divergir dessa narrativa arrogante, de evidentes raízes autoritárias. Mas, tirando os cínicos incuráveis, ninguém discordará de que a democracia brasileira perde algo muito relevante: a oportunidade de julgar, nas urnas, o legado dos governos de Lula e Dilma. O lulismo condenado pelos juízes escapa ao tribunal da cidadania. Isso tem consequências. Na "era Lula", a Petrobras foi colonizada por um cartel de partidos políticos — PT, PMDB, PP— e extorquida pelo cartel de empreiteiras associadas ao lulismo. Sob o comando de Lula, o BNDES transferiu fortunas ao empresariado que orbitava em torno da lâmpada do Estado. O "pai dos pobres" gabava-se de ser, ao mesmo tempo, o "pai dos ricos". Mas o Lula que ruma para uma cela da PF não é o camarada dos Odebrecht, o brother de Eike Batista, o patrono do metrô de Caracas ou o mecenas do ditador angolano José Eduardo dos Santos, mas apenas o presumido proprietário de um triplex vagabundo numa praia urbana decadente. No fim, a obra da Justiça é um tapume que oculta a obra do lulismo-e, nesse passo, evita o escrutínio público dos capítulos decisivos de nossa história recente.

O dia da prisão de Lula deve ser anotado no calendário como o zênite de um fracasso nacional: nossa persistente incapacidade de extrair as lições da falência do lulismo. A nação polarizada entre fanáticos lulistas e fanáticos antilulistas desistiu de examinar os fundamentos da política econômica que provocou a mais profunda depressão de nossa história recente. O país hipnotizado pela novela vulgar do processo de Lula abdicou de refletir sobre a natureza das políticas sociais voltadas para estimular o consumo privado. A crítica política do lulismo deu lugar à histeria regressiva do bolsonarismo. É como se, a caminho da cadeia, Lula tivesse lançado um feitiço idiotizante, condenando-nos a uma guerra fratricida sobre seu destino pessoal. O suicídio de Vargas eternizou o varguismo. A prisão de Lula não abole o lulismo, mas o emoldura para a posteridade. Numa ponta, oferece alento à narrativa exterminista de uma direita em rebelião contra o princípio do pluralismo. Na outra, remete às calendas a hora do acerto de contas da esquerda brasileira com o populismo lulista. Não chore. Não comemore. No dia de sua prisão, Lula ganhou a liberdade de iludir um pouco mais. Demétrio Magnoli  
É doutor em geografia humana e especialista em política internacional.

## ***Lula atrás das grades***

Graças à coragem de juízes e promotores está se perseguindo o grande inimigo latino: a corrupção

**MARIO VARGAS LLOSA**

15 ABR 2018 - 00:00 CEST -  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/13/opinion/1523620881\\_400713.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CC](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/13/opinion/1523620881_400713.html?id_externo_rsoc=FB_CC)



FERNANDO VICENTE

A entrada de [Lula, ex-presidente do Brasil](#), em uma prisão de Curitiba para cumprir uma pena de doze anos de cadeia por corrupção deu origem a grandes protestos organizados pelo Partido dos Trabalhadores e homenagens de governos latino-americanos tão pouco democráticos como os da [Venezuela](#) e da Nicarágua, o que era previsível. Mas menos do que o fato de muita gente honesta, socialistas, social-democratas e até liberais considerarem que foi cometida uma injustiça contra um ex-mandatário que se preocupou muito em

combater a pobreza e realizou a proeza de tirar, ao que parece, aproximadamente 30 milhões de brasileiros da miséria quando esteve no poder.

Os que pensam assim estão convencidos, pelo visto, de que ser um bom governante tem a ver somente com realizar políticas sociais avançadas e que isso o exonera de cumprir as leis e agir com probidade. Porque Lula não foi preso pelas boas coisas que fez durante seu governo, mas pelas ruins, e entre essas se encontra, por exemplo, a gigantesca corrupção na empresa estatal Petrobras e suas empreiteiras que custou à sofrida população brasileira nada menos do que dez bilhões de reais (desses, 7 bilhões em propinas).

Quem pensa tão bem de Lula, aliás, se esquece do feio papel de leva e traz que ele representou como emissário e cúmplice em várias operações da [Odebrecht](#) – no Peru, entre outros países – corrompendo com milhões de dólares presidentes e ministros para que favorecessem a transnacional com bilionários contratos de obras públicas.

#### OUTROS ARTIGOS DE VARGAS LLOSA

-  Lembrança de Luis Loayza
-  Novas inquisições
-  A derrota de Correa

É por essa razão e outros casos que Lula tem não só um, mas sete processos por corrupção em andamento e que dezenas de seus colaboradores mais próximos durante seu governo, como João Vaccari Neto e José Dirceu, seu chefe de Gabinete, tenham sido condenados a longas penas de prisão por roubos,

esquemas ilícitos e outras operações criminosas. Entre as últimas acusações que pendem sobre sua cabeça está a de ter recebido da construtora OAS, em troca de contratos públicos, um [apartamento de três andares em Guarujá](#).

Os protestos pela prisão de Lula não levam em consideração que, desde que ocorreu a grande mobilização popular contra a corrupção que ameaçava asfixiar todo o Brasil, e em grande parte graças à coragem dos juízes e promotores liderados por [Sérgio Moro](#), juiz federal de Curitiba, centenas de políticos, empresários, funcionários e banqueiros foram presos ou estão sendo investigados e têm processos abertos. Mais de cento e oitenta já foram condenados e várias dezenas deles o serão em um futuro próximo.

Jamais algo parecido havia ocorrido na história da América Latina: um levante popular, apoiado por todos os setores sociais que, partindo de São Paulo, se estendeu depois por todo o país, não contra uma empresa, um político, mas contra a desonestidade, a enganação, os roubos, as propinas, toda a enorme corrupção que gangrenava as instituições, o comércio, a indústria, a atividade política, em todo o país. Um movimento popular cuja meta não era a revolução socialista e derrubar um governo, mas a regeneração da democracia, que as leis deixassem de ser coisa sem importância e fossem verdadeiramente aplicadas, a todos por igual, ricos e pobres, poderosos e pessoas comuns.

O extraordinário é que esse movimento plural encontrou juízes e promotores como Sérgio Moro, que, encorajados por essa mobilização, lhe deram uma via judicial, investigando, denunciando, enviando à prisão diversos executivos, comerciantes, industriais, políticos, autoridades, homens e mulheres de todas as condições, mostrando que é realizável, que qualquer país pode fazê-lo, que a decência e a honestidade são possíveis também no Terceiro Mundo se existe a vontade e o apoio popular para isso. Cito sempre Sérgio Moro, mas seu caso não é único, nesses últimos anos vimos no Brasil como seu exemplo foi seguido por incontáveis juízes e promotores que se atreveram a enfrentar os supostos intocáveis, aplicando a lei e devolvendo pouco a pouco ao povo brasileiro uma confiança na legalidade e na liberdade que quase havia perdido.

## **O ex-presidente teve acesso a todos os direitos de defesa que existem em um país democrático**

Há muitos brasileiros admiráveis; grandes escritores como Machado de Assis, Guimarães Rosa e minha querida amiga Nélida Piñon; políticos como [Fernando Henrique Cardoso](#), que, durante sua presidência, salvou a economia brasileira da hecatombe e fez um modelo de governo democrático, sem jamais ser acusado de uma ação digna de punição; e atletas e esportistas cujos nomes correram o mundo. Mas, se eu precisasse escolher um deles como modelo exemplar ao restante do planeta, não hesitaria um segundo em eleger Sérgio Moro, esse modesto advogado natural do Paraná que, após se formar em advocacia, entrou na magistratura na oposição em 1996. Como já confessou, o que aconteceu na Itália nos anos noventa, a famosa Operação Mãos Limpas, lhe deu as ideias e o entusiasmo necessário para combater a corrupção em seu país, utilizando instrumentos parecidos aos dos juízes italianos da época, ou seja, a prisão preventiva, a delação premiada em troca da redução da pena e a colaboração da imprensa. Tentaram corrompê-lo, obviamente, e sem dúvida é um milagre que ainda esteja vivo, em um país onde os assassinatos políticos infelizmente não são uma exceção. Mas lá está, fazendo parte do que vem sendo uma verdadeira, apesar de ninguém ainda a ter nomeado assim, revolução silenciosa: o retorno da legalidade, o império da lei, em uma sociedade que a corrupção generalizada estava desintegrando e impedindo-o de passar de ser o “grande país do futuro” que sempre foi a ser o grande país do presente.

## **A decência e a honestidade são possíveis também no Terceiro Mundo**

O grande inimigo do progresso latino-americano é a corrupção. Ela faz estragos nos governos de direita e esquerda e um enorme número de latino-americanos chegou a se convencer de que ela é inevitável, algo como os fenômenos naturais contra os quais não há defesa: os terremotos, as tempestades, os raios. Mas a verdade é que a defesa existe e justamente o Brasil está demonstrando que é possível combater a corrupção, se existirem juízes e promotores corajosos e responsáveis e, claro, uma opinião pública e imprensa que os apoiem.

Por isso é bom, para a América Latina, que homens como Marcelo Odebrecht e Lula tenham sido presos após ser processados, recebendo todos os direitos de defesa que existem em um país democrático. É muito importante mostrar em termos práticos que a Justiça é igual para todos, os pobres diabos do povo que são a imensa maioria, e os poderosos que estão no topo graças ao seu dinheiro e seus cargos. E são justamente esses últimos que têm maior obrigação moral de obedecer às leis e mostrar, em sua vida diária, que não é preciso transgredilas para ocupar as posições de prestígio e poder que obtiveram, que elas são possíveis dentro da legalidade. É a única forma de uma sociedade acreditar nas instituições, repelir o apocalipse e as fantasias utópicas, sustentar a democracia e viver com a sensação de que as leis existem para protegê-la e humanizá-la cada dia mais.

#### MAIS INFORMAÇÕES



- 

Ab'Saber: “Há uma política de ódio paranoico que permite o desprezo total por Lula”



• A ascensão de Guilherme Boulos, o pré-candidato que Lula ungiu antes de ser pre

## **PÓS LULA**

### Opera Mundi

Breno Altman, fundador de **Opera Mundi**, discute: Qual o cenário depois da prisão de Lula? #Opera20minutos

Produção: Lorena Alves.

<https://www.facebook.com/operamundi.br/videos/10156271001584120/?t=313>

**X**

Xadrez do pós-Lula e o fator Ciro, por Luís Nassif

SEG, 09/04/2018 - 00:50 ATUALIZADO EM 09/04/2018 - 08:29

<https://jornalggn.com.br/noticia/xadrez-do-pos-lula-e-o-fator-ciro-por-luis-nassif#.WstOzsaDdrc.facebook>

### **Ponto 1 – o avanço do Estado de Exceção**

Se havia alguma dúvida sobre o Estado de Exceção, deixou de existir no julgamento do habeas corpus de Lula.

Não se alimentem esperanças com novos habeas corpus, novas discussões sobre prisões em 2ª instância, qualquer atitude digna do STF (Supremo Tribunal Federal) reconhecendo direitos de Lula. O último julgamento demonstrou que a única lógica que vigora no STF é a da prisão e/ou impedimento eleitoral de Lula.

A cena final, do Ministro Marco Aurélio espicaçando a presidente Carmen Lúcia, colocando a nu suas manobras processuais, comprova que ela perdeu até o mais básico dos fatores de contenção: o pudor. Se, na próxima 4ª feira, Marco Aurélio de Mello conseguir colocar em votação a questão das ADCs (Ação Direta de Constitucionalidade) sobre prisão em 2ª instância, ou a Ministra Carmen Lúcia tem um ataque de pânico, ou alguém Ministro pede vista ou a douta Ministra Rosa Weber mudará de opinião, em cima de um novo voto escrito em puro javanês.

Aliás, a contra-ofensiva de Carmen Lúcia foi a de pautar o julgamento de habeas corpus de Antonio Palocci e Leo Pinheiro. Como HCs têm prioridade, echa a pauta para o julgamento das ADCs. Ontem, os bravos juristas da Globonews não se cansaram de elogiar a esperteza de Carmen.

Os distintos Ministros rasgaram as respectivas becas e as posições de dignidade, por lá, sempre serão minoritárias.

Esse liberou geral decorre da crise do Executivo. Sem Executivo forte, abrem-se os portões dos estábulos e de potrinhos a cavalos velhos, todos saem derrubando as cercas e gozando da liberdade de um país com a Constituição pisoteada.

### **Ponto 2 – a inviabilidade da pax lulista**

A grande contribuição de Lula à história, além do combate à miséria, foi a visão nacional de busca de consensos. Esse trabalho permitiu 10 anos nos quais o país avançou em políticas educacionais, tecnológicas, industriais, regionais, nas políticas sociais de ponta.

Trouxe lideranças empresariais de visão – como Luiz Furlan, Roberto Rodrigues -, diplomatas experientes, grandes formuladores de políticas sociais, movimentos sociais e, gradativamente, empurrou o governo para o centro-esquerda.

A polarização alimentada pela mídia explodiu esse consenso. Um Executivo extremamente fraco e ingênuo, conferindo autonomia total ao Ministério Público Federal, à Polícia Federal, descuidando-se do STF, do Judiciário, permitiu o avanço ilimitado das corporações. Elas simplesmente ocuparam o vácuo deixado pelo Executivo e ampliado pelo bate bumbo da mídia.

O primeiro passo para a volta da governabilidade, portanto, será recuperar o poder do Executivo. E, aí, sem a ingenuidade de supor ser possível recuperar o país sem conflitos políticos.

### **Ponto 3 – o papel restaurador das eleições e o caminho da governabilidade Há dois desafios pela frente.**

O primeiro, a garantia das eleições. Nos próximos meses haverá uma tentativa insana de diversos setores para adiar as eleições.

O segundo, a garantia da governabilidade.

Eleições têm o condão de resetar o HD institucional. O presidente sempre dispõe de poderes amplos, desde que saiba utilizá-los, especialmente em relação às corporações públicas que assumiram as rédeas do Estado.

Pela Constituição, Procuradores Gerais são demissíveis a qualquer momento; a lista tríplice para Procurador, uma invenção do próprio Ministério Público, não prevista na Constituição, certamente será abolida. Aliás, no site da ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República) fica claro qual o objetivo maior da lista tríplice: *“O chefe do Executivo pode avaliar os anseios da carreira antes de repassar ao Senado Federal o nome do indicado”*.

Com o fim da Lista Tríplice, os anseios da carreira voltarão a ser o de bem servir ao país e à Justiça, e a condenar as demonstrações vergonhosas de poder deslumbrado, de atos arbitrários de um poder que, por algum tempo, perdeu a noção de sua missão.

Um Ministro da Justiça com autoridade enquadra a Polícia Federal. Haverá um Congresso horroroso, mas manejável com um mínimo de habilidade política.

Há, enfim, a figura do Conselho da República, que poderá ser invocado e se tornar o fórum para uma repactuação política. Previsto na Constituição, todos os integrantes são membros do Executivo e do Legislativo ou indicados por quem detenha votos, sem risco de apropriação pelas corporações do Estado ou pelo Partido do Judiciário.

Integram o Conselho:

- O Vice-Presidente da República
- O Presidente da Câmara dos Deputados
- O Presidente do Senado Federal
- O Líder da Maioria na Câmara dos Deputados
- O Líder da Minoria na Câmara dos Deputados
- O Líder da Maioria no Senado Federal
- O Líder da Minoria no Senado Federal e o líder do Congresso, sendo nomeado pelo órgão constituinte.

- O ministro da Justiça
- 6 cidadãos brasileiros natos, com mais de 35 anos de idade, sendo 2 nomeados pelo Presidente da República, 2 eleitos pelo Senado Federal e 2 eleitos pela Câmara dos Deputados, todos com mandato de três anos, vedada a recondução.

#### **Ponto 4 – Ciro os novos blocos de poder**

O ponto central é quem irá para o 2º turno e como montar um novo pacto de governabilidade. Com a fragmentação partidária, o 1º turno das eleições será uma confusão só.

Se tivesse uma bússola menos descontrolada, porta estaria aberta para Ciro Gomes. Ele tem algumas vantagens relevantes, especialmente para a atual quadra da história:

- É afirmativo, às vezes até em excesso;
- Tem uma ótima percepção sobre políticas públicas, com noção clara sobre as complementaridades Estado-iniciativa privada, papel das políticas sociais, da educação.
- Tem um projeto nacional, em consonância com os desenvolvimentistas históricos e com os segmentos industriais.
- Tem noção clara sobre o excesso de poder de corporações e mídia.
- Empunhou desde cedo a bandeira da anticorrupção contra o PMDB e o PSDB.
- Não foi envolvido em escândalos até agora.
- Tem histórico de lealdade com os governos aos quais serviu, incluindo o de Lula.

Seu problema é mirar vários alvos simultaneamente e acabar se enrolando nas suas estratégias.

- Para não perder a onda anticorrupção, costuma endossar a Lava Jato e os julgamentos do TRF4.
- Ao mesmo tempo, sabe que Lula tem sido alvo de perseguição política por parte do Judiciário. Costuma se enrolar tendo que defender Lula, sem se expor ao pensamento monofásico dos punitivistas.
- Apesar do seu histórico nos governos petistas, não quer se contaminar junto às camadas antipetistas da população. Quer representar o gestor moderno, que o PSDB sempre prometeu a seus leitores, sem nunca conseguir entregar. E está fugindo do PT como o diabo da cruz.

E aí entra em uma sinuca.

#### **Ponto 5 – os dilemas de Ciro**

As guerras políticas dos últimos anos, estratificaram dois blocos antagônicos: de um lado, o petismo baleado; do outro, Judiciário, Ministério Público, estamento militar, mídia e grupos empresariais, tendo em comum apenas o antipetismo mais visceral – que, aliás, serviu de álibi para a implantação do Estado de Exceção.

O novo presidente terá que montar um novo pacto, romper com a polarização e ter energia suficiente para enquadrar os recalcitrantes.

Ciro conta com a possibilidade de, indo para o 2º turno com um candidato de direita (Bolsonaro ou Alckmin), a esquerda petista não ter outra alternativa senão a de votar nele.

A questão é chegar ao 2º turno. E Ciro anda criando problemas de graça para sua candidatura.

Tempos atrás, teve oportunidade de fechar uma dobradinha com Fernando Haddad – este, de vice. Seria o time dos sonhos para as esquerdas e os desenvolvimentistas. Para fora, Ciro fazendo política e recompondo a base de aliança para garantir a governabilidade. Para dentro, Haddad suprindo um dos grandes problemas de Ciro: a falta de paciência com os movimentos sociais e os sindicatos. E administrando o dia a dia dos planos de governo.

Como nem Haddad, menos ainda Ciro, podem ser confundidos com o petismo tradicional – aquele que tira o sono da classe média -, seria uma maneira de ampliar as alianças sem jogar fora o acervo precioso do lulismo.

Mas, ao que tudo indica, Ciro está abrindo mão dessa possibilidade de receber parte do legado de Lula.

Com a proliferação de candidaturas, corre o risco de não passar para o 2º. O ex-Ministro Joaquim Barbosa deverá repartir com ele a colheita da anticorrupção.

Lula está francamente contrariado com sua falta de solidariedade.

No palanque de São Bernardo, os elogios que Lula fez a Guilherme Boulos, do PSOL, apresentando-o como o novo na política, foi uma forma indireta de cutucar Ciro.

Da parte de Haddad, sua presença discreta no palco foi decisão pessoal, para não parecer estar explorando politicamente uma tragédia política, como ocorreu com os funerais de Eduardo Campos. Mas sua posição é de total acatamento do que Lula determinar. Se quiser que seja candidato a presidente, será; se quiser que se apresente como vice de Ciro, irá; se quiser que se candidate a Senador, se candidatará.

Esses são os dados que deverão ser jogados até fins de maio, quando será dada a largada para as eleições.

### **Bruno Lima Rocha - Reflexão após a prisão de Lula - 1**

Terminado o pior da ressaca desde o tuíte do general Eduardo Villas Bôas, passando pela sessão do STF que julgou o HC de Lula e o negou e culminando com o decreto de prisão por Sérgio Moro e a entrega do ex-presidente no sábado dia 07 de abril, abrem-se mais dúvidas do que certezas.

- Teremos eleições gerais em outubro de 2018?
- Haverá pressão e veto das Forças Armadas ou ao menos de partes destas no

processo?

- Como será a sucessão do general Eduardo Villas Bôas no comando da Força Terrestre?
- Teremos candidato a Marechal Lott em 2018 e 2019?
- Que peso terão candidatos como Flávio Rocha e Jair Bolsonaro?

Poderíamos ficar listando perguntas cujas respostas são desconhecidas, e neste momento, em abril de 2018, impossíveis de serem respondidas. Um fato é inequívoco. O status político do ex-presidente Lula se equipara ao de Getúlio Vargas, com todos os seus méritos, limitações e contradições. Daí que o posicionamento do nacionalismo popular, trabalhismo, centro-esquerda, esquerda eleitoral e esquerda classista gira e gravita de forma mais ou menos próxima ou distante da figura. Isso também ocorreu com Getúlio, mas sem a curva descendente de seu partido, o antigo PTB, ao contrário do que hoje ocorre com o PT. Mito sem partido com a mesma penetração, logo, legado em disputa, ainda que o mito esteja em vida e falando.

As cenas de São Bernardo em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC transcendem a vontade ou a decisão de não resistir e fragmentar de vez a hoje frágil institucionalidade brasileira. E por aí seguimos em raciocínios mais prolongados em futuras postagens. Vai ser difícil retomar o ordenamento da Constituição de 1988, mesmo porque hoje, importantes setores dos estamentos do Ministério Público, da Magistratura, dos delegados da PF e da oficialidade de alta patente, ou não o querem mais ou a minoria que fala aparenta falar pelas instituições. Assim, morreu, de morte matada, o Estado Social de Direito que consta no texto constitucional. Terminou, por assassinato, o ciclo onde o aparelho de Estado intermediava - de forma seletiva é verdade - as reivindicações sociais e tolerava apenas - pelo seu perfil de classe - textos normativos de caráter legal maravilhosos, tais como o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e o fantástico Estatuto das Cidades.

Desde sempre se soube e se sabe. Os direitos são de quem os conquista e de quem os exerce. Mas ainda assim há uma diferença substantiva em ter direitos reconhecidos - ainda que parcialmente materializados - e não ter mais direitos reconhecidos, como ocorreu com a famigerada "reforma" trabalhista. Melhor seria "desatucanar" a linguagem e assumir; "a restauração anterior aos anos '30".

Que sirva de lição. As direitas brasileiras não são "liberais conservadores vitorianos", não mais. Talvez os barões da mídia, e ainda assim às vezes. Aqui levaram Vargas ao suicídio e prenderam Lula. Ou seja, combatem os conciliadores, os que buscam um centro e um consenso nacional. O que pretendem com a massa, o povo, com as maiorias? Palmares e Pindorama caminharão por um lado e os herdeiros dos Orleans e Bragança, da República dos Coronéis e dos Neocolonizados tentarão pisar nos nossos calcanhares. Simples e terrível assim.

**Uma proposta de ação para os tempos que estamos vivendo no Brasil**

Fica cada vez mais evidente a necessidade de se criar uma Frente Política, ampla e diversa, para enfrentar o poder dos que não querem um Brasil igualitário. A prisão de Lula nos convenceu de que chegou a hora da unidade. Só com nossa união - com Lula livre no lugar que nela lhe cabe - conseguiremos re-inverter, a favor do povo, os resultados dessa luta secular.

Mas pode vir a demorar demais a definição do programa e do funcionamento dessa Frente, a decisão sobre a composição de sua primeira fila, a escolha do nível de radicalidade de suas palavras de ordem. A discussão será necessariamente longa, ainda mais se for contaminada pela disputa eleitoral. Corremos o risco da fragmentação voltar a ser natural e se diluir a decisão de nos unirmos. Apesar de toda a comoção do momento, passadas algumas semanas da brutal execução de Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, que mostrou a assustadora violência a que pode chegar a luta política, já se grita menos contra a impunidade. É a condição humana.

Os movimentos e partidos seguramente continuarão a exigir a identificação dos matadores de Marielle e dos mandantes do crime e a manter sua mobilização pela superação dos três desafios urgentes atuais: que Lula não seja mantido no isolamento de uma cela dita “de Estado Maior”, sem janela aberta para o exterior; que o STF respeite de fato o princípio universal da presunção de inocência enunciado na Constituição; que seja anulada a sentença que condenou Lula sem provas mas com base em convicções.

Mas os que, como eu, não pertencem a essas organizações não podem ficar imobilizados, aguardando passivamente novas estruturas de ação. Precisamos nos juntar aos militantes dos partidos e movimentos com que simpatizamos, apoiando suas propostas. Mais do que isso, precisamos começar a agir por nossa própria iniciativa. Informando-nos através das redes sociais e dos meios de comunicação alternativos - cuidando para não sermos manipulados pelos fakes que se multiplicam - podemos, com criatividade e responsabilidade, inventar ou reinventar modos de participar dessa luta.

Muita gente diz também que é hora do povo ir para a rua. Mas isto também dizem os que ganharam a batalha da prisão de Lula. Ora, nas manifestações outro risco nos espreita: o do crescimento da violência, pelo ódio contra Lula e contra todos nós. Há até quem levante a possibilidade do país se dividir sem retorno.

Existem no entanto muitos modos de ir para a rua. Um deles é o de buscar o diálogo sobre o que realmente se passa e sobre a sociedade fraterna que queremos construir, no contato respeitoso pessoa a pessoa, com os vizinhos da rua ou do prédio onde se mora, com os colegas nos locais de trabalho, com quem conhecemos no bairro e na cidade. E com os próprios familiares: nos dias que vivemos até mesmo dentro das famílias se tomam posições que podem se tornar irreconciliáveis.

Ideias sobre como fazer isso estão começando a surgir, como a dos que se sentaram com uma mesinha num lugar de movimento de São Paulo e propuseram aos que passavam, num diálogo cuidadoso e surpreendente, que escrevessem cartas a Lula em sua prisão... Bastou conversar sem rancores, sem se irritar com os que destilavam raiva como muitos o fazem nas redes sociais, para numa só tarde dezenas de cartas serem encaminhadas para Curitiba.

Outra ideia é a de criar Comitês por Justiça, Igualdade e Paz – Lula Livre! que promovam reuniões abertas em que se desmintam informações distorcidas e manipuladas e em que possamos nos apoiar mutuamente para saber mais, entender melhor o que se passa. E discutir como dar força à ação dos partidos e movimentos - e da Frente Política em construção - para libertar Lula e o país voltar a respeitar a Constituição. Mais para diante até poderemos discutir os nomes em quem votar para o Congresso, onde uma renovação radical é necessária. E possível, pelo voto.

Conseguiríamos criar CJIPs ou outros Comitês desse tipo em cada cidade, em cada bairro, em cada local de trabalho, em cada casa? Talvez os fatos estejam nos convidando a fazer nascer no Brasil um imenso movimento social auto-organizado, autônomo, horizontal, articulado em redes, unitário e diverso, a partir da base da sociedade, sem esperar nem depender de ordens e convocações, apoiado nos milhões de Lulas que existem e podem ser despertados nos corações dos brasileiros. Talvez nos surpreendamos com o crescimento irresistível de um movimento social desse tipo, de baixo para cima, até que cheguemos ao país de justiça, igualdade e paz com que Lula e todos nós sonhamos.

Chico Whitaker 12 de abril de 2018

## **A PRODUÇÃO DO CAOS**

Vladimir Safatle, Folha, 13/04/2018.

Talvez a formulação mais precisa a respeito do sentido da prisão do ex-presidente Lula, ocorrida na semana passada, tenha sido fornecida pelo filósofo Renato Lessa: "impeachment preventivo".

**Dentro do horizonte de radicalização da brutalidade das relações de classe pela qual passa atualmente o Brasil, não há mais espaço para pactos e compromissos. Lula foi a encarnação mais bem acabada dos pactos nacionais. Sua prisão é uma forma dos operadores tradicionais dizerem que esta era definitivamente acabou.**

Por mais que esse sistema de pactos que imperou na Nova República tenha sido responsável por preservar uma democracia de fachada com sua violência armada contra setores desfavorecidos da população, é inegável que ela conseguiu frear, por um momento, os arroubos mais fortes do neoliberalismo.

O Brasil é um país que chegou a 2018 como uma espécie de capitalismo de Estado no qual, por exemplo, 2 dos 4 principais bancos são públicos, assim como as duas maiores empresas nacionais (Petrobras e BR distribuidora).

Suas universidades públicas são completamente gratuitas, seu sistema de saúde público (embora problemático) é universal para uma população de 209 milhões. Tudo isso está completamente fora da cartilha neoliberal reinante.

Mas para avançar no choque de acumulação primitiva e de concentração de renda seria necessário impor o aumento exponencial e a generalização completa da violência de Estado, isso em um país no qual esta já era responsável por uma política contínua de desaparecimento, tortura e simples execução.

Como fazer isso não produzindo deliberadamente o caos, ou seja, dando a impressão de que nenhuma resposta política seria mais possível, sendo necessário apelar à força? Mas produzir o caos significava eliminar todos os atores políticos críveis, assim como impedir que novos sujeitos políticos aparecessem.

Dentro dessa estratégia, a Operação Lava Jato teve um papel central. Desde que o juiz Sergio Moro decidiu por divulgar em cadeia nacional os grampos de conversa entre Dilma e Lula, a fim de impedir sua posse como ministro, ele transformara uma operação importante de combate à corrupção em modo de intervenção política.

Sua caçada a Lula foi construída a partir do calendário político do país, seus passos foram claramente calculados para impedir um grupo político de atuar. Ou seja, sua operação foi uma farsa por estar politicamente comprometida e interessada.

Seus resultados concretos no que diz respeito a combate contra a corrupção são inexistentes. Ao contrário, o Brasil caiu 17 posições no Índice de Percepção da Corrupção (IPC) nos últimos dois anos.

Nosso governo atual é explicitamente mais corrompido do que o anterior sem que nada possa pará-lo.

Sem contar que a Lava Jato normalizou práticas impensáveis até mesmo em uma democracia liberal, como grampear telefones de advogados de um acusado.

O resultado não poderia ser diferente do alcançado por seu congênere italiano, a Operação Mãos Limpas: entregar o país para um grupo ainda mais corrompido e "apolítico" (no caso, Berlusconi).

No entanto, há uma especificidade brasileira. Dentro desse cenário de caos, as Forças Armadas sentem-se completamente à vontade para retornar seu protagonismo e se impor ao país como verdadeiro poder.

Este será o saldo do fim da Nova República: brutalização da espoliação e Estado tutelado pelas Forças Armadas.

Nesse horizonte, espero que as forças progressistas lembrem do destino de Lula.

Aquele que melhor encarnava as dinâmicas de negociação entre classes da Nova República terminou na cadeia. Aquele que acreditou que os processos de transformação poderiam ser garantidos por meio de um reformismo gradual e seguro foi simplesmente jogado na cadeia na primeira oportunidade, independente do caos que isso possa gerar. Esta é uma aula sobre o que de fato é o Brasil.

### **CARTAS NA MANGA**

André Singer 14 abr FSP

Após prisão de Lula, democracia está suspensa até que o campo popular decida o que fazer.

Houve um visível esforço daqueles que foram simpáticos à prisão do ex-presidente Lula, sábado passado, em demonstrar a ausência de comoção das massas. De fato, a vida cotidiana seguiu. No entanto, a democracia está suspensa até que o campo popular decida o que fazer. Nesse sentido, o principal ícone do lulismo, mesmo detido em Curitiba, ainda guarda importantes cartas na manga.

**Dadas as características da sociedade e da política brasileira, o tira-teima da crise se dará na eleição de outubro.** Nela, finalmente, a população vai dizer o que pensa a respeito do que vem acontecendo desde 2015. O problema está em saber como representar, na provável hipótese de Lula não poder ser candidato, o polo popular na disputa.

**Sem a presença desse contraponto, a política como instância de mediação dos conflitos e, portanto, a democracia, fica anulada.**

Aliás, é o que desejam os que foram às ruas clamar para Lula ser preso, mas não o fizeram quando a Câmara votou as denúncias contra Michel Temer nem quando, esta semana, a Procuradoria-Geral da República decidiu enviar o processo contra Geraldo Alckmin para a Justiça Eleitoral, livrando-o da Lava Jato.

Resta claro que a corrupção não é o motivo principal desses manifestantes, mas impedir Lula de seguir na política. Na realidade, trata-se de um veto a que a liderança individual mais competitiva do país possa se apresentar. Imaginam que, assim, desaparecem as chances de vitória de alguém que deseje falar pelos pobres.

**O problema agora, na hipótese de Lula continuar preso, é construir uma alternativa democrática e popular para o pleito de outubro sem a presença ativa do seu principal dirigente das últimas décadas.**

Até aqui, apesar da inédita unidade entre setores de esquerda, representada pela presença de Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila no dia da prisão do ex-presidente, o quadro é de desorganização.

A ausência de um candidato do PT, na iminência de Lula ser impedido de concorrer, a posição esquiva de Ciro Gomes e a eventual candidatura de Joaquim Barbosa pelo PSB, tudo isso tende a confundir o eleitorado.

Urge construir um diálogo que coloque em sintonia as diversas iniciativas, todas legítimas, em curso entre os partidos progressistas. O manifesto conjunto lançado pelas fundações de estudos do PT, PDT, PSB, PSOL e PC do B, dois meses atrás, constituem um bom ponto de partida. Reconstrução da democracia e novo projeto nacional de desenvolvimento são os seus pontos principais.

Na ausência de um acordo capaz de forjar uma candidatura competitiva, que possa substituir Lula em caso de impedimento definitivo, a direitização do Brasil vai continuar

**FIORI: PONTO DE PARTIDA É A LIBERTAÇÃO DE LULA  
REMELEIXO DA NOTÍCIA15 DE ABRIL DE 2018POR ELEONORA DE  
LUCENA E RODOLFO LUCENA**

<http://tutameia.jor.br/fiori-ponto-de-partida-e-a-libertacao-de-lula/>

O filme da direita e dos ultraliberais acabou e foi muito ruim. Eles perderam o discurso, não têm nada a propor ao Brasil e vão se dividir cada vez mais. A crise econômica seguirá com efeitos mais dolorosos. A libertação de Lula é a grande causa que unirá as forças progressistas do Brasil e da América do Sul. É preciso fazer avançar a ideia de uma frente pela democracia.

As ideias são do sociólogo e cientista político José Luís Fiori, professor de economia política internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Eleonora de Lucena, diretora do TUTAMÉIA, ele afirma:

“Nesse momento, o ponto de partida necessário e inevitável das forças progressistas só pode ser a luta pela libertação de Lula. Não necessariamente para que ele seja candidato, mas porque hoje a sua libertação significa simbolicamente o primeiro passo para a restituição da democracia e da justiça nos seus devidos lugares”.

**E analisa: “A direita e os seus juizes conseguiram transformar o ex-presidente num mito e numa força política que acompanhará a sociedade e política brasileira por muitos e muitos anos”.**

**Para Fiori, não adianta pensar agora em candidaturas alternativas que não vão ganhar ou não vão governar nesse quadro atual. “Ou se muda esse quadro e se junta um conjunto de forças poderosas, ou não haverá governo progressista viável de nenhum tipo, seja quem for o indivíduo ou candidato. A menos as forças progressistas queiram repetir a candidatura simbólica do dr. Ulysses Guimarães em 1974”, declara.**

**Autor, entre outros, de “O Poder Global” (Boitempo, 2007) e de “História, Estratégia e Desenvolvimento” (Boitempo, 2014), Fiori organizou obras essenciais para uma reflexão do mundo contemporâneo, como “Pode e Dinheiro” (com Maria da Conceição Tavares, Vozes, 1997) e “O Poder Americano” (Vozes, 2004).**

**Na sua avaliação, a crise desencadeada pelo golpe de 2016 e a divisão na sociedade brasileira vão continuar por muito tempo e exigirão enorme paciência estratégica. “Não adianta achar que vai se virar a mesa na próxima meia hora”, defende.**

**Nesta entrevista por correio eletrônico ao TUTAMÉIA, Fiori trata das diversas forças políticas em embate e lança uma hipótese sobre a dissolução do núcleo intelectual e ideológico do golpe de 2016: a derrota de Hillary deixou sem apoio os seus operadores internos –o que fez o governo golpista cair nas mãos de um grupo da “segunda divisão”–já quase todo na cadeia, que estava inteiramente despreparado para governar o Brasil”.**

A seguir, a íntegra:

TUTAMÉIA — Qual o impacto político da prisão de Lula?

JOSÉ LUÍS FIORI — Muito grande, acho mesmo que a história política do Brasil terá um antes e um depois dessa prisão.

TUTAMÉIA — Ele sairá “maior, mais forte e mais verdadeiro”, como ele disse no discurso do dia 7, em São Bernardo?

JOSÉ LUÍS FIORI —Tenho impressão que sim. E acho que a explicação disso se encontra no próprio discurso do ex-presidente, quando ele diz que já deixou de ser uma pessoa física e se transformou

numa ideia, num movimento social e político, num verdadeiro mito. E todos sabemos que as ideias e os mitos não conseguem ser presos nem destruídos. Na verdade, Lula foi sempre um grande negociador e um reformista, e sua genialidade foi demonstrar que, em certos momentos da história, o reformismo é absolutamente revolucionário. Trata-se de um líder absolutamente fora do comum e acima de seus contemporâneos, graças à sua inventividade e à sua intuição estratégica, que é absolutamente extraordinária.

TUTAMÉIA — É possível fazer comparações ou traçar algum paralelo com outras situações históricas vividas no passado?

JOSÉ LUÍS FIORI — Veja bem, se eu me mantiver apenas no campo da minha experiência pessoal, devo te dizer que ainda criança me tocou assistir ao golpe de Estado de 1954, junto com o suicídio e a Carta Testamento de Getúlio Vargas. Depois, vivi o golpe de 1964 e escutei o discurso do presidente João Goulart, na Central do Brasil, que acabou sendo também uma espécie de discurso de despedida. Alguns anos depois, assisti ao vivo e em cores o violento e traumático golpe militar do Chile, tendo escutado pelo rádio o último discurso de Salvador Allende, no dia 11 de setembro de 1973. Foram todos momentos decisivos ou mesmo heroicos da história.

Mas o discurso de Lula do dia 7 de abril, na cidade de São Bernardo, teve uma grande diferença com relação aos outros, porque foi o discurso de um homem que decidiu sobreviver e lutar. De um político que decidiu enfrentar os seus acusadores acusando-os de peito aberto e sem medo das represálias. De um pacifista que conseguiu manter e defender sua posição sem oferecer a outra face. De um líder carismático que conseguiu fazer –sob a máxima pressão pessoal– uma belíssima homenagem às utopias humanas, ao mesmo tempo em que traçava as linhas básicas do seu futuro governo. Isso realmente não tem precedente que eu saiba.

Por outro lado, eu não havia nascido e não assisti quando Juan Domingo Perón foi preso e depois libertado pela população para logo em seguida ser eleito presidente da Argentina, em 1946. Mas assisti a transmissão ao vivo, pela televisão, da libertação de Nelson Mandela, aclamado pelo povo e imediatamente eleito presidente da África do Sul. E tenho uma impressão muito forte, como analista político, que mais cedo ou mais tarde isto também acontecerá no Brasil, com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por mais que isso cause engulhos às forças conservadoras e direitistas do nosso país.

TUTAMÉIA — No imediato, o que que o senhor espera que possa acontecer?

JOSÉ LUÍS FIORI — Uma grande mobilização no Brasil e pelo mundo afora contra a prisão e a favor da libertação do ex-presidente. Mas acho que, no imediato, as pessoas próximas e que gostam pessoalmente do ex-presidente deveriam estar muito atentas com relação à sua integridade física. Sobretudo se tiverem em conta o fanatismo, o rancor, a crueldade e o ressentimento dos que o encarceraram.

TUTAMÉIA — Qual será o futuro político das pessoas que o julgaram e encarceraram?

JOSÉ LUÍS FIORI — O mais provável é que venham a ter o mesmo destino de todos os “savouras” que já existiram através da história. Apesar de que, no caso brasileiro, essas pessoas não têm o menor fôlego pessoal e intelectual para se transformarem em lideranças carismáticas. São figuras menores, já cumpriram o papel que lhes foi encomendado e devem voltar para o anonimato de onde vieram.

TUTAMÉIA — E qual o impacto mais geral sobre a sociedade brasileira?

JOSÉ LUÍS FIORI — Essa grande encenação —e, sobretudo, esse final patrocinado pelo STF— consolidou uma divisão e uma polarização da sociedade brasileira que que deverá durar por muitos e muitos anos. Vai ser muito difícil de reverter isso. Também vai ser muito difícil sair desse buraco imediato, porque o Estado, as autoridades públicas e a sociedade brasileira aparecem divididos de cima abaixo. Os golpistas estão completamente divididos. O Congresso está quase rachado e desmoralizado. O STF está partido ao meio, perdeu a sua aura de neutralidade e sua credibilidade foi rebaixada por suas brigas internas e por suas sessões infundáveis, marcadas pelo exibicionismo dos seus juízes com seu palavreado gongórico e quase sempre inócuo. Para não falar finalmente da divisão interna da própria Igreja católica. Aliás, dos que se esconderam atrás do silêncio para não se posicionarem frente à prisão do ex-presidente, quem mais me impressionou foi a CNBB. A ausência cúmplice ou envergonhada de algumas de suas principais lideranças no Brasil foi lamentável. Fez lembrar sua participação no golpe de 1964, quando as senhoras conservadoras sacudiam seus terços no lugar de bater panelas.

TUTAMÉIA — Como deveriam agir daqui para frente as forças progressistas?

JOSÉ LUÍS FIORI — Os caminhos estratégicos vão sendo construídos no caminhar e devem sempre tomar em conta os objetivos e as iniciativas dos adversários. Mas, nesse momento, o ponto de partida necessário e inevitável das forças progressistas só pode ser a luta pela libertação de Lula. Não necessariamente para que ele seja candidato, mas porque hoje a sua libertação significa simbolicamente o primeiro passo para a restituição da democracia e da justiça nos seus devidos lugares.

TUTAMÉIA — A ideia de uma frente pela democracia, contra o fascismo e pela soberania pode avançar?

JOSÉ LUÍS FIORI — Mais do que nunca. A direita e os ultraliberais já implementaram todas suas ideias e reformas através do golpe e dos seus executores. Depois da destituição da presidenta Dilma Rousseff e da prisão do ex-presidente Lula já não lhes resta mais nenhuma “causa” nem “ideia”. Seu filme acabou e foi muito ruim. A crise econômica seguirá e seus efeitos se farão cada vez mais dolorosos. A direita ultraliberal já não tem mais nada para dizer ou propor para o Brasil, que não seja a tal da “reforma da previdência que não conseguiram fazer e a privatização da Petrobras, duas propostas extremamente impopulares.

Povo no acampamento Lula Livre, em Curitiba (foto Ricardo Stuckert, como a da abertura)

TUTAMÉIA — Até onde o PT deve esticar a corda e manter a candidatura Lula?

JOSÉ LUÍS FIORI — Como já disse, do meu ponto de vista, o ex-presidente Lula já não é mais apenas uma candidatura. Ele é uma causa e é a grande causa que unirá daqui para frente as forças progressistas do Brasil e da América do Sul. Não adianta pensar, no momento, em candidaturas “alternativas” que não vão ganhar ou simplesmente não vão governar nesse quadro que aí está. Ou se muda esse quadro e se junta um conjunto de forças poderosas, ou não haverá governo progressista

viável de nenhum tipo, seja quem for o indivíduo ou candidato. A menos que as forças progressistas queiram repetir a candidatura simbólica do dr. Ulysses Guimarães em 1974.

É bom que as pessoas entendam que essa crise aberta pelo golpe de Estado e essa divisão da sociedade brasileira –promovida ativamente pela imprensa conservadora– devem continuar ainda por muito tempo e exigirão uma enorme paciência estratégica. Não adianta achar que vai se virar a mesa na próxima meia hora.

TUTAMÉIA — Quem poderia ser o maior beneficiado da saída definitiva de Lula da corrida eleitoral?

JOSÉ LUÍS FIORI — Em primeiro lugar, ele já não sairá mais nem da corrida eleitoral nem da história política futura. Como já dissemos, a direita e os seus juízes conseguiram transformar o ex-presidente num mito e numa força política que acompanhará a sociedade e política brasileira por muitos e muitos anos.

TUTAMÉIA — Qual o impacto da prisão de Lula dentro do PT? Alguns esperam esvaziamento do partido. É correto pensar assim?

JOSÉ LUÍS FIORI — Acho que não. Pelo contrário, creio que o PT deve crescer daqui para frente. Mas não sou do PT e não conheço nem sei avaliar corretamente a sua dinâmica interna. Mas com certeza os seus adversários e a imprensa conservadora deverão inventar ou incentivar, daqui para frente, divisões e lutas internas, jogando uns contra os outros de forma a esvaziar a causa unitária do PT, pela libertação e absolvição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

TUTAMÉIA — Qual o impacto da prisão na parcela da população que apoiou o golpe de Estado?

JOSÉ LUÍS FIORI — Num primeiro momento, devem tomar champanhe ou cerveja, dependendo da classe social de cada um. Mas, atenção, porque o efeito emocional dessa prisão se esgota em si mesmo. A grande massa dos que estão comemorando nesse momento muito brevemente se dará conta de que a prisão de Lula não modificará nada em suas vidas. Todos serão obrigados a voltar a viver as suas angústias e seus medos de cada dia –para não falar nos que terão que voltar a conviver com sua própria mediocridade pessoal.

TUTAMÉIA — Então, qual o caminho das forças golpistas?

JOSÉ LUÍS FIORI — Deverão se dividir cada vez mais. Deverão entrar numa luta à morte, depois que perderam o seu grande denominador comum, que era o golpe e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Será uma guerra sem quartel, e presumo que não sobrará pedra sobre pedra. E essa mesma divisão das forças de direita acabará impedindo qualquer tentativa de suspensão das eleições de outubro de 2018. Eles não têm mais unidade para nada e terão que se enfrentar entre si. O PMDB já foi literalmente descabeçado, com a prisão de algumas de suas principais lideranças nacionais e de quase todas as suas lideranças golpistas que hoje estão na cadeira. E não é improvável que esse quadro piore ainda mais depois que o sr. Temer sair do Palácio do Planalto.

Por outro lado, o PSDB se autodestruuiu, com a opção pelo golpe de Estado do seu candidato derrotado nas eleições presidenciais de 2014, que depois se viu envolvido em situações cada vez

mais escabrosas. Seus caciques paulistas estão todos brigados entre si, seus intelectuais completamente desmobilizados e desmoralizados ideologicamente. E o seu principal líder vive um momento de declínio intelectual, político e ético, depois de ter sido o grande patrocinador da candidatura do sr. Aécio. Mas, sobretudo, depois de ter justificado de forma bisonha e de ter participado diretamente do golpe de Estado, antes de se afastar do governo que ele mesmo ajudou a criar. O DEM, por sua vez, é um partido que não tem fôlego nacional e está transformado numa quase caricatura da antiga direita baiana e carioca. O conjunto das outras siglas que compõem a ‘base parlamentar’ do golpe de Estado não possui nenhuma consistência ou identidade própria e estará sempre ao lado do “balcão de negócios”.

Por fim, depois desses últimos três ou quatro anos, a Globo se transformou numa organização político-ideológica explícita e de direita, agressiva, insidiosa e com enorme poder de fogo. Mas perdeu completamente a posição de “meio de informação” da sociedade brasileira, se transformando no principal inimigo de todas as forças progressistas, democráticas, defensoras da soberania nacional e de um choque distributivo na sociedade brasileira.

TUTAMÉIA — É possível identificar as forças externas que atuaram no golpe de 2016?

JOSÉ LUÍS FIORI — Tenho a impressão que que as “forças externas” que participaram desse golpe de Estado e dessa destruição física e moral da sociedade, da economia e da política brasileira não se preocuparam em apagar as suas impressões digitais. É muito fácil de olhar e identificá-las.

Um aspecto menos discutido desse problema, entretanto, é a influência que possa ter tido a eleição de Donald Trump na rápida desintegração do bloco golpista e na perda completa de rumo dos seus líderes tucanos, incluindo a desmontagem moral do seu candidato presidencial. Uma boa hipótese para quem se interessa por esses assuntos é que esse golpe de 2016 foi concebido durante o período da administração Obama e contava com a vitória certa de Hillary Clinton –integrante ilustre da ala protetora e patrocinadora do PSDB desde sua fundação e durante toda a administração de Bill Clinton, na década de 1990.

Isso talvez explique a surpreendente implosão e desmontagem do bloco golpista no Brasil, com o desaparecimento completo do seu núcleo intelectual e ideológico inicial que que estava todo no PSDB, incluindo o seu principal líder que teria sido completamente descalçado com a derrota dos Clinton, virando uma espécie de “biruta de aeroporto”, que vai virando de um lado para o outro segundo a ocasião e segundo a sua luta pela sobrevivência pessoal. Como consequência, os líderes intelectuais do golpe teriam tido que deixar a administração do governo nas mãos de um grupo da “segunda divisão”, de baixíssimo nível intelectual e que já está quase todo na prisão, inteiramente despreparado para governar o Brasil.

[ELEIÇÕES 2018](#)

**“Joaquim Barbosa se tornou o único ‘outsider’ com chances  
de disputar e ganhar”**

Para cientista político Fernando Luiz Abrucio, levantar a bandeira do anti-Lula é perigoso para a centro-direita, especialmente no segundo turno. Professor da FGV diz que PT tem até junho para definir plano B para candidatura Lula

**TALITA BEDINELLI**

São Paulo 15 ABR 2018 - 20:48 BRT -

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/13/politica/1523647596\\_765240.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_CC](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/13/politica/1523647596_765240.html?id_externo_rsoc=FB_CC)

#### MAIS INFORMAÇÕES



• [Lula não é argentino](#)



- [Ab'Saber: "Há uma política de ódio paranoico que permite o desprezo total por Lula"](#)



- [A ascensão de Guilherme Boulos, o pré-candidato que Lula ungiu antes de ser preso](#)

---

A condenação de [Luiz Inácio Lula da Silva](#) e sua prisão no início deste mês prometem embaralhar ainda mais o cenário eleitoral deste ano. Ainda que o ex-presidente possa estar fora do jogo, ao [enquadrar-se na Lei da ficha Limpa](#), ele será um dos influenciadores mais importantes da disputa. E isso vale para ambos os lados do jogo, explica o chefe do Departamento de Gestão Pública da FGV-SP, Fernando Abrucio. Enquanto a esquerda depende do apoio de Lula para a transferência de votos, a direita precisa evitar atacá-lo com muita veemência, pois isso pode impactá-la no segundo turno.

Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

**Pergunta.** Acha que o PT consegue manter a ideia de [não ter um plano B](#) com Lula preso?

**Resposta.** Sempre estive na cabeça do PT que seria muito difícil que o Lula se tornasse candidato. E não tem a ver com a [prisão em si](#), já que é possível que ele seja solto antes da eleição. Mas ele não será candidato por conta da [Lei da Ficha Limpa](#). O que está em jogo depois desse episódio da prisão é o quanto ele terá de influência na eleição. E isso é realmente muito difícil de saber porque estar dentro da prisão não quer dizer que ele perderá influência sobre os eleitores. Por isso me estranha muita gente do centro para a direita tentar comemorar a prisão do dele porque quando forem para a eleição, no mínimo, entre 20% a 25% dos eleitores vão estar muito próximos do lulismo. E esses eleitores podem definir quem vai ser o presidente no segundo turno. É preciso ter uma certa inteligência estratégica para perceber que não é preciso ficar ao lado do Lula, para quem não está vinculado ao PT ou a partidos próximos, mas estar contra ele é burrice.

**P.** Mas existem candidatos que se fortalecem com o discurso anti-Lula.

**R.** O anti-Lula do país já foi construído pelo eleitorado e ele tem nome: chama-se [Jair Bolsonaro](#). Todos os outros que tentarem se construir igualmente ao Jair Bolsonaro vão ter dificuldade de roubar os votos dele.

**P.** Como acredita que ficará o cenário eleitoral sem Lula?

**R.** Ainda há várias hipóteses. É possível ainda que essas candidaturas, que estão hoje na casa de 15, se transformem num número menor. A gente ainda não sabe quais dessas vão sobreviver. Parcerias como a de [Joaquim Barbosa](#) e [Marina Silva](#) não são impossíveis. Joaquim Barbosa conseguiu um partido grande, que vai ter chance eleitoral em alguns Estados. [A marca do Joaquim Barbosa nesta pesquisa Datafolha \(até 10%\) já era esperada.](#) Ele se tornou o único outsider com chances de [disputar e ganhar: ele consegue ter votos de todos os lados.](#) Já a Marina

está em um partido que reduziu de tamanho recentemente a ponto de, olhando a lei, não ter nem direito de participar de um debate presidencial na TV. Pode ser também que saia uma parceria entre o Ciro e o PT. Só depois de junho a gente vai ter um cenário mais claro. Mas certamente será o mais fragmentado das eleições desde 1989. Isso significa que com certeza haverá segundo turno e que há grande chance de um candidato ir para o segundo turno com menos de 20% dos votos. Há uma possibilidade de se haver um segundo turno com um candidato mais do centro para a direita e outro mais do centro para a esquerda. Mas isso não são favas contadas, nem para um lado, nem para o outro.

**P.** Por quê?

**R.** Depende um pouco dessas combinações entre os candidatos. Se a centro-direita se fragmentar demais e fizer um processo de autodestruição, ela poderá perder. E do outro lado isso também pode acontecer. Não é impossível que esses setores se digladiem de tal maneira que você possa ter candidatos mais próximos apenas de um dos polos. O candidato que tem o nome mais consolidado hoje, e isso não significa que vá para o segundo turno, é Bolsonaro. Ele tem algo em torno de 15% dos votos e se torna um dos polos da eleição. Um dos polos da eleição vai ser bater no Bolsonaro, tanto os candidatos do centro para a esquerda como os candidatos do centro para a direita. O Bolsonaro vai ser o candidato a ser derrotado.

**P.** E o Governo de Michel Temer? Que papel pode ter?

**R.** Acho que vai ser outro dos polos importantes para a definição de votos. A tendência do pessoal do centro para a esquerda é dizer que todos os candidatos do centro para a direita são candidatos do Temer. Henrique Meirelles, Rodrigo Maia, Geraldo Alckmin, Bolsonaro, Rodrigo Rocha. E livrar-se do Temer será o segundo espantalho da eleição. Quem conseguir terá mais chance eleitoral. Há ainda um terceiro polo, que é a definição em relação ao lulismo. Se o PT tiver um candidato, a eleição vai ser 'eleitores,

olhem o que fizeram com o Lula. Então, salvem o Lula'. Mas o restante da centro esquerda como Ciro Gomes, Marina, Joaquim Barbosa, vão ter mais chances quanto mais captarem o lulismo. O que não significa transformar a eleição no 'salvem o Lula', mas captarem um discurso que a saída para o país é mais próxima do que aquilo que existia nos dois governos Lula.

**P.** Nesta eleição qualquer um parece acreditar ter esperança. Acredita mesmo que as legendas queiram se aglutinar?

**R.** O sistema político de 1993 para cá era estruturado em torno do PT e do PSDB e tinha o PMDB como linha auxiliar. PT e PSDB perderam muito com a crise. PT fortemente, com o Lula impedido de ser candidato. E o PSDB, mesmo tendo um candidato com chance, como o governador Alckmin, não é a sombra do que foi entre 93 e 2014. E o PMDB é o Temer. Se você for ao Nordeste, os líderes do PMDB dizem que nem conhecem o Temer. [O Eunício Oliveira vai apoiar o candidato do PT no Ceará](#). O Renan Calheiros só fala mal do Temer em Alagoas. Em Pernambuco eles estão completamente divididos. No Piauí há uma boa chance de uma parte do PMDB apoiar o candidato do PT a governador. Esse tripé que sustentava o sistema político se quebrou. Não é que esses partidos não vão mais ter importância. Eles vão. Mas não mais organizados neste tripé. E diante deste cenário muita gente colocou as manguinhas de fora. Disse: 'é minha vez'. Mas o que a gente não sabe é se eles são capazes de sustentar essa campanha até o final. Porque é uma campanha presidencial com menos dinheiro do que no passado, uma eleição casada, com eleição nos Estados e no Congresso, e uma eleição em que grande parte dos partidos vai querer priorizar no seu financiamento os candidatos ao Congresso Nacional e Assembleias Legislativas. Mas, mesmo assim, dada a quebra do tripé, nós vamos ter mais candidatos do que tivemos nos anos anteriores.

**P.** Agora se fala que o PT poderia abrir mão da cabeça de chapa em nome do Ciro Gomes. Acredita que é possível?

R. Possível é. Mas não dá para cravar qual é a decisão. O PT tem três opções hoje. Uma é fazer uma anticandidatura, não disputar, algo que alguns líderes do partido defendem, mas acho que a chance de isso sobreviver é quase zero. As duas chances mais efetivas mesmo são: ou apoiar candidato próprio ou apoiar candidato de outro partido. Claro que a tendência maior seria lançar candidato próprio se a gente levar em conta a história do PT. O PT sempre teve um tino mais majoritário, de querer comandar o processo político. Mas desta vez há um temor muito grande de não conseguir construir um candidato que substitua Lula. Os nomes do Jaques Wagner e do Fernando Haddad estão muito distantes do peso que o Lula tinha. Jaques Wagner tem problemas porque é investigado e tem uma eleição ao Senado garantida na Bahia. E Haddad é mais jovem na política, ganhou uma prefeitura importantíssima por São Paulo, mas a perdeu em primeiro turno. A aliança com Lula pode ocorrer por duas razões: uma é que não se consiga construir um substituto e outra é que Lula perceba que é melhor uma lógica de frente ampla do que de partido majoritário.

P. A pesquisa Datafolha mostrou uma queda na intenção de voto de Lula e o PT segue dizendo que ele será candidato até o fim. O PT tem um prazo limite para definir um plano B para a candidatura do ex-presidente antes de esse apoio se desidratar ou ainda é cedo para cravar isso?

R. Acho que o PT tem até junho para definir. Aí a decisão vai depender se Lula estará livre para fazer campanha para um candidato do PT, com bom potencial para transferir votos, nas ruas, sobretudo no Nordeste. Mas se ele continuar preso, nesse caso o apoio a um candidato (fora do PT) pode ser mais eficaz. Com ele preso é mais fácil e mais efetivo apoiar outro candidato de outro partido, alguém mais conhecido, como o Ciro ou o Joaquim Barbosa.

P. A decisão de Ciro Gomes de não visitar o Lula no sindicato na véspera da prisão não pode prejudicar esse plano de tê-lo como cabeça de chapa?

**R.** Pode atrapalhar. Mas Ciro tem defendido, ainda que de forma mais moderada, o Lula. Não tem feito o discurso de outros candidatos do centro para a direita, que é o de comemorar a prisão. Acho que a aposta do Ciro é que o PT lançará mesmo um candidato e que ele quer o apoio do partido em um eventual segundo turno. Por isso que ele tem uma relação ambígua. De um lado, ele critica a decisão relativa ao ex-presidente, mas, de outro, não se aproxima completamente do PT porque acha que o partido vai lançar um candidato próprio e não adianta ele estar lá.

**P.** Quando a gente olha para a Argentina, a gente vê que [Mauricio Macri conseguiu unir aqueles que odiavam o peronismo](#). Por que no Brasil a direita não conseguiu fazer isso?

**R.** A maneira como o Temer chegou ao poder é muito diferente. Macri ganhou uma eleição democraticamente. A população o escolheu como substituto do peronismo, ninguém escolheu Temer como substituto do lulismo. Temer chegou ao poder como um traidor para uma parte da população e, ao longo do mandato, não conseguiu construir essa legitimidade, seja pelas denúncias de corrupção, seja pelo lado econômico e social.

**P.** Mas e os outros candidatos?

**R.** Há vários candidatos a Macri no Brasil. Candidatos que querem substituir o que foi a hegemonia do PT nos últimos anos. Alckmin, Meirelles, Maia, Flávio Rocha, o próprio Bolsonaro. E eles vão buscar os votos para se colocar como o substituto do lulismo. Só que é mais complexo no Brasil do que no peronismo. Para além da prisão do Lula, existe o fato de que o Brasil não é quase bipartidário como a Argentina. O Brasil é um país muito mais pluripartidário, no qual o segundo turno dá um peso importante na decisão final a grupos que são minoritários do ponto de vista do voto. O lulismo pode ser minoritário nesta eleição, mas ainda tem 25% dos votos. Colocar-se como substituto do lulismo pode ser bom. Dizer-se completamente anti-lulista pode ser ruim. Esse dado eleitoral que

tem que ser friamente interpretado por todos aqueles que querem substituir o lulismo. Vão ter que pensar numa estratégia em que se coloquem como substitutos, mas que não se coloquem como completos inimigos.

**P.** Pensando para além da eleição: como se governa em um cenário como esse em que está tudo tão fragmentado?

**R.** A gente pode esperar sair desta eleição [com um Congresso Nacional muito fragmentado](#). Com Governos estaduais com vários partidos governando pelo país. Vai ser um cenário em que a gente precisa fazer reformas que racionalizem o Estado e garantam um ajuste fiscal e ao mesmo tempo teremos que melhorar os serviços públicos urgentemente porque a desigualdade está aumentando. E fazer a mesma coisa ao mesmo tempo, não será fácil. E, por fim, a gente não sabe como esse presidente eleito vai sobreviver ao enorme tiroteio que vai ter nessa campanha. O quanto o Brasil vai conseguir ter um presidente em 2019 que assuma num cenário diferente do que assumiu Dilma Rousseff. Ela assumiu em um cenário em que as forças políticas não conseguiam entrar numa sala, sentar numa mesa e conversar. Acho que se não construirmos um cenário diferente será muito difícil governar o país. A grande questão é saber o quanto esse presidente eleito vai conseguir reduzir esse grau de polarização que existe na sociedade e dentro da política brasileira. Quanto mais ele reduzir e quanto mais ele abrir as portas para forças diferentes, mais chances ele terá de governar.

## MAIS INFORMAÇÕES



• Lula e as eleições: um candidato preso ou inelegível desde já?



• As horas decisivas de Lula

• **INSCREVA-SE EM NOSSOS NEWSLETTERS**

# “Quem sabe se teremos uma gerigonça brasileira?”

Publicado em: Abril 14, 2018

Tarso Genro e Guilherme Boulos participaram do colóquio “Do liberal-democratismo ao risco do totalitarismo”,

em Lisboa.(Foto: Facebook/Guilherme Boulos/Reprodução)

## Tarso Genro (\*)

*Reproduzo hoje, no espaço da minha coluna semanal, a entrevista que concedi à jornalista Clara Barata, em conjunto com Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e pré-candidato à presidência da República pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). publicada dia 13 de abril (sexta) no [jornal Público](#), de Lisboa.*

A “geringonça” portuguesa pode ser inspiração para a nova frente de esquerda que o Partido dos Trabalhadores (PT) tem de construir no Brasil — para as eleições de Outubro —, e para construir um novo programa que reconquiste os eleitores, disse Tarso Genro, ex-ministro de Lula da Silva, que esteve em Lisboa para a sessão pública Em Defesa da Democracia Brasileira, ontem à noite. “O campo político que eu integro conhece a experiência da geringonça aqui em Portugal, que revela um exemplo de arte política extremamente interessante. Fez-se uma unidade no campo da esquerda, bloqueando as brutalidades do projecto neoliberal para que Portugal encaminhe o seu destino económico como democracia social. Na minha opinião é adaptável a outros países”, afirmou, numa entrevista conjunta com Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e pré-candidato pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Para Boulos, a urgência é criar uma frente de defesa da democracia no Brasil.

### **A estratégia da esquerda brasileira para eleições de Outubro é de conquista do poder ou de resistência?**

T.G. — No Brasil há duas tarefas essenciais para o centro-esquerda. A primeira é construir um ambiente político de unidade, para defender a democracia e um novo modelo de desenvolvimento económico. A segunda, como símbolo da recuperação republicana e democrática do Brasil, é defender o Presidente Lula, que hoje é um preso político, alvo de um processo de excepção, distorcido pelo poder judicial.

G.B. — Nessas eleições a esquerda vai ter de saber combinar unidade com a apresentação de um projecto novo para a sociedade brasileira.

### **Foi uma ampla aliança de esquerda que conseguiu levar Lula à presidência. Há alguma hipótese de a reeditar?**

G.B. — É necessária uma frente de defesa da democracia. Uma frente não apenas de partidos, mas também de intelectuais, artistas, juristas, movimentos sociais, enfim, uma frente da sociedade civil para defender o que resta de democracia no Brasil, perante ameaças que vêm dos militares, de sectores fascistas, que estimulam a violência política, ameaças que vêm do próprio sistema judicial. Agora a unidade da esquerda tem de ser em torno de um programa. O que temos por ora é uma unidade num momento muito grave onde a maior liderança social do país está presa, começa a haver assassinatos políticos como o alarmante e bárbaro caso de Marielle Franco e o ambiente democrático está profundamente envenenado.

T.G. — Mas temos de renovar o conceito de frente, porque sempre tiveram como pivô o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB, de Michel Temer), tido como um partido centrista. Mas o PMDB é que fez o golpe e a agenda contra-reformista do Governo Temer. Temos de pensar num programa que tenha no centro os partidos de esquerda. As formações de esquerda mais nítidas hoje no Brasil são o PT, o Partido Socialista Brasileiro, o PSOL e o Partido Comunista do Brasil.

### **E como fazer esse projecto novo da esquerda?**

T.G. — Temos de olhar o passado, ver os erros e os acertos dos governos do Lula e Dilma, e a partir disso mirar o futuro. Também cometemos alguns erros políticos e económicos. O novo modelo deve ter três grandes características: a renovação da participação popular na gestão pública do Estado, fundamental para regenerar a democracia; segundo, pensar numa integração na economia global que seja ao mesmo tempo cooperativa e soberana, e não submissa, como hoje, ao capital financeiro; e terceiro, recuperar e dar densidade nova às instituições republicanas do Brasil, profundamente desgastadas com o processo contra Lula e o posicionamento político do poder judicial em defesa das reformas neoliberais.

G.B. — Qualquer projecto de desenvolvimento para o Brasil vai ter que rever o que foi feito nos dois anos de governo ilegítimo. Defendemos um referendo para que o povo possa decidir se quer manter ou revogar as medidas do Governo de Temer, como a reforma trabalhista, entrega dos recursos naturais a empresas estrangeiras... Como a emenda constitucional 95, que congela investimentos sociais durante os próximos 20 anos. É uma anomalia, em termos internacionais. Nenhum país do mundo fez uma tragédia como essa.

### **Mas para conseguir recuperar uma aliança larga como tinha o PT, não será preciso fazer um *mea culpa* por causa da corrupção?**

T.G. — A imagem que foi formada no Brasil, a partir do controlo duro que a direita brasileira e o neoliberalismo exerce sobre os media, é que a corrupção começou com PT. Isto é uma fraude informativa. É claro que pessoas e grupos do PT se envolveram em situações ilegais. Mas mesmo durante os governos Lula e Dilma, a ampla maioria das pessoas que se envolveram em corrupção não são do PT. Então, o que temos que fazer é um mea culpa do sistema político brasileiro deformado, oligárquico, antidemocrático, e fazer uma profunda reforma política e eleitoral, para que possamos ter uma democracia autêntica, e que o combate à corrupção não seja uma campanha de media, como hoje.

### **E há condições para fazer essa reforma?**

T.G. — Hoje não há condições. O que flui da opinião pública manipulada do Brasil é que passamos de um Estado de corrupção para um Estado sem corrupção. Isso é uma mentira.

G.B. — O Governo actual, fruto de um golpe parlamentar, configura-se como um dos mais corruptos da história do Brasil. Todos nós defendemos o combate à corrupção. Para casos comprovados, com devido processo legal, tem de haver punição. Não podemos é acreditar que o combate à corrupção se faz apenas com operações policiais. É preciso reverter o sistema político que induz e reproduz a corrupção. Em Itália, a operação Mãos Limpas botou na cadeia dezenas de políticos corruptos. Mas a

corrupção acabou por causa disso? Logo depois veio Berlusconi, um dos governos mais devassos na história italiana. Temos de mexer na estrutura. Os paladinos do combate à corrupção não têm mostrado nenhuma preocupação em alterar a estrutura do sistema político brasileiro...

### **Não foram feitas grandes alterações no financiamento dos partidos e das campanhas após Lava-Jato?**

T.G. — Não substanciais. Pelo contrário, hoje os candidatos mais ricos têm mais oportunidade de se autofinanciarem.

G.B. — Já não se pode financiar a campanha enquanto empresa, mas o empresário pode financiar enquanto indivíduo.

### **Em termos mais simples, as grandes empreiteiras deixam de poder financiar os partidos...**

G.B. — ... Mas o empreiteiro pode fazê-lo. Pessoas físicas reais. A forma como os interesses económicos sequestram o poder público no sistema actual permanece. Mantém-se a lógica da corrupção no Brasil: as campanhas são financiadas por grandes interesses económicos — que não é um financiamento, é um investimento.



### **O PT na encruzilhada e a Jeremiada de Lula**

<https://jornalggn.com.br/noticia/o-pt-na-encruzilhada-e-a-jeremiada-de-lula-por-aldo-fornazieri#.WtSFXxU-Qd8.facebook>

por Aldo Fornazieri - SEG, 16/04/2018 - ATUALIZADO EM 16/04/2018 - 07:19

O encarceramento de Lula e a perspectiva de permanecer preso por tempo prolongado colocam o PT numa terrível encruzilhada de três estradas: seguir adiante com Lula como candidato até o fim; buscar um auto-resgate com um novo candidato; participar de uma frente de centro-esquerda apoiando um candidato de outro partido. Os três caminhos envolvem altos riscos e margens escassas de êxito.

Se o PT não marchar com Lula até o fim, não só abandonará o seu maior líder, mas será visto como traidor. O Lula encarcerado se constitui num paradoxo destinado a cobrar um alto preço ao PT ou às elites: se o PT não o mantiver como candidato, será ele a pagar este preço e será abandonado por muitos eleitores, simpatizantes e militantes. Se Lula permanecer candidato, serão as elites que terão que pagar o alto preço de impedi-lo ou, eventualmente, impedir sua posse em caso de vitória. Mas, se o PT o mantiver como candidato terá que ter a sabedoria e a competência de reinventar-se num processo de mobilização e de defesa da liberdade de Lula. O problema é saber se as atuais lideranças do

PT têm as virtudes e as capacidades necessárias para reinventar o partido, mobilizando o povo.

Assim, o abandono de Lula por um plano B, na crença de que Lula transferirá votos, tende a produzir não só uma grave derrota eleitoral, mas uma descrença no PT. Já a aliança e o apoio a um candidato de centro-esquerda era algo desejável em circunstâncias determinadas, que deveria ter sido construído há mais tempo, num processo conjunto de integração de militância e formulação programática. Fazer isto agora, num processo de derrota, poderá aprofundar a debacle do PT. Mas fica a lição para ser desenvolvida no futuro. Hegemonia, afinal, implica concessões e alternância planejada de posições.

É preciso perceber que desde o início de 2015, quando se iniciou o processo de impeachment, cuja consumação completa dois anos nesta semana, o PT vem sendo derrotado em todas as suas consignas e lutas, numa conjugação de erros, apatia e defensivismo. A prisão de Lula, sacramentada com o objetivo último de impedir sua participação nas eleições, pode significar a derrota final do PT nessa conjuntura marcada pelo golpe do impeachment sem crime de responsabilidade e pela implantação do Estado de exceção judicial, que transformou o Judiciário em órgão de disputa político-ideológica, provocando a anarquia constitucional e institucional.

O "não vai ter golpe", o "não passarão", o "nenhum direito a menos", o "mexeu com Lula, mexeu comigo", tudo isso se transformou em ruína e fardos jogados sobre os sacrificados ombros de Lula que, escravizado na prisão, se parece como um Hércules a sustentar colunas, mas condenado a realizar os doze trabalhos ou muitos outros trabalhos para redimir os erros do PT e de todas as esquerdas. Lula foi preso e a "convulsão social" propalada por dirigentes do PT não ocorreu.

### **A Jeremiada de Lula para o PT**

Ainda em meados de 2015, (e até antes disso), Lula, com a clarividência dos líderes prudentes, anteviu a desdita que havia se apossado do PT e que se encaminhava para um colapso futuro se os rumos não fossem retificados. Numa verdadeira jeremiada para seu partido, ao lado de Felipe Gonzalez, advertia: "O PT precisa de novos líderes e de uma revolução interna"; "Queremos salvar a nossa pele, cargos, ou um projeto?"; "o PT precisa construir uma nova utopia"; "o PT precisa, urgentemente, voltar a falar com a juventude"; "fico pensando se não está na hora de fazer uma revolução neste partido e ter lideranças mais jovens, ousadas, com mais coragem"; "é preciso aprender a lidar com as novas tecnologias para brigar melhor na internet, nas redes sociais, porque não há espaço na mídia tradicional para os grupos de esquerda". E se o PT não fosse capaz de se reinventar, "que dos movimentos de hoje surja um partido melhor do que o PT. Mas que surja", advertiu Lula.

Qual o profeta Jeremias, Lula não foi ouvido pelos petistas eles não se converteram de seus erros. A consequência foi trágica: a Jerusalém do PT ruiu e Lula foi levado para o cativo. Simbolicamente, todo o povo lulista está cativo na babilônia de Curitiba. Durante o processo do desfecho dessa crise, os sacerdotes do PT continuaram a queimar incenso a "deuses estranhos".

Acreditaram em advogados, nos desembargadores do TRF4, nos ministros do STF. Quando estes deram o salvo conduto por meio de uma liminar de pouco mais de uma semana a Lula, lideranças petistas, junto com outros analistas de esquerda, chegaram a dizer que o STF havia barrado as arbitrariedades da Lava Jato. Regozijaram-se dizendo, "estamos no caminho certo"; encheram-se de "felicidade comedida" e de falsas esperanças, nessa queima de incenso a deuses estranhos.

O fato é que quando um partido passa a acreditar em advogados e em juízes como salvadores e condutores de seus passos políticos é porque perdeu a noção do que é a luta pelo poder e perdeu a noção da lógica da ação política. Há uma inversão em tudo isso. São os advogados e juízes que precisam acreditar no partido ou no líder. Pois cabe a estes o papel de condutores. São eles que devem ser depositários da fé. Quando o partido, pelos seus erros, não é mais capaz de fazer-se acreditado, ver-se-á perseguido por seus inimigos e, seus líderes, ou terminarão aprisionados ou dizimados e mortos.

Em que pese estar preso, o poder simbólico e mítico de Lula sobrevive e poderá ser reforçado, tornando-se uma energia mobilizadora no presente e no futuro. Quanto mais evidente ficar o caráter persecutório do Judiciário, quanto mais fascista se mostrar a conduta de Sérgio Moro contra Lula, quanto mais injusta e parcial se mostrar Cármen Lúcia e seus asseclas no STF em sua sanha de ver Lula encarcerado, mais Lula agigantar-se-á para a história e mais contará com a solidariedade do povo. Quanto mais abnegado for Lula no seu sofrimento e na sua solidão, mais o povo o aquecerá com o seu calor e com o seu carinho.

O poder de Lula pode dirigir-se para vários atores e movimentos. O PT não é seu herdeiro único e terá que mostrar-se digno dessa herança. O próprio Lula, de alguma forma, em sua resistência corajosa no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, investiu Guilherme Boulos e Manuela D'Ávila como herdeiros de parte desse poder.

O poder de Lula sobrevive porque, se é verdade que ele sempre foi conciliador, é verdade também que ele sempre foi um líder corajoso - virtude política cardeal que falta a muitos outros líderes de nossos dias. A coragem política é uma virtude que é uma condição sine qua non para qualquer outra coisa de significativo, de eficaz e de grandioso na política. A coragem do líder incute confiança no povo e um povo confiante, que tem fé em seu líder, nunca o abandona.

Lula é energia ativa, mantém poder e a fidelidade do povo porque se fez necessário ao povo pobre do Brasil. Os líderes precisam compreender que a fidelidade é uma via de mão dupla: o povo se mantém fiel aos líderes que lhe são fieis. E os líderes serão fiéis ao povo se se fizerem necessários a ele, beneficiando-o e protegendo-o. Esta é uma relação que precisa ser sempre renovada, pois ela não sobrevive apenas das glórias do passado. Muitos líderes se espantam com uma suposta ingratidão do povo. Mas o povo só é ingrato com os líderes que não têm coragem, com os líderes que não lhe incutem confiança, com os líderes que não renovam os mútuos compromissos de fidelidade e com os líderes que não comandam o próprio povo. Os líderes que não comandam o povo não são líderes de fato.

***Aldo Fornazieri - Professor da Escola de Sociologia e Política (FESPSP).***